

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA**

MILENA APARECIDA VENDRAMINI SATO

**TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO:
EXPLORANDO AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA PRODUÇÃO DE
VÍDEOS**

BAURU

2015

MILENA APARECIDA VENDRAMINI SATO

**TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO:
EXPLORANDO AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA PRODUÇÃO DE
VÍDEOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação da Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani.

BAURU

2015

Sato, Milena Aparecida Vendramini.

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação:
explorando as possibilidades pedagógicas da produção
de vídeos/ Milena Aparecida Vendramini Sato, 2015
135 f.

Orientadora: Thaís Cristina Rodrigues Tezani

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015

1. Educação. 2. 2º ano do Ensino Fundamental. 3.
Sequência didática. 4. Tecnologias Digitais da
Informação e Comunicação. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MILENA APARECIDA VENDRAMINI SATO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 17 dias do mês de dezembro do ano de 2015, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. THAIS CRISTINA RODRIGUES TEZANI do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências, Profa. Dra. MARCIA CRISTINA ARGENTI PEREZ do(a) Departamento de Psicologia Da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. MARIANA VAITIEKUNAS PIZARRO do(a) Campus de Londrina / Instituto Federal do Paraná, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MILENA APARECIDA VENDRAMINI SATO, intitulada "Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: explorando as possibilidades pedagógicas da produção de vídeos". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. THAIS CRISTINA RODRIGUES TEZANI


Profa. Dra. MARCIA CRISTINA ARGENTI PEREZ


Profa. Dra. MARIANA VAITIEKUNAS PIZARRO

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus amados pais, Neiva e Antonio, que me educaram com muito amor e que sempre apoiaram as minhas escolhas. E aos queridos alunos, nativos digitais, que me impuseram desafios e com quem aprendi muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por atender as minhas preces nos momentos de aflições, iluminando e acalmando o meu coração.

Agradeço aos meus pais que sempre acreditaram em mim e apoiaram os meus sonhos, vibrando comigo em cada realização.

Ao Everton que, mesmo longe, me incentivou e torceu por mim a todo instante.

À minha querida amiga Luciana pelas suas palavras doces nos momentos difíceis.

Ao meu amigo Edivaldo com quem tenho amizade desde a época de faculdade e que me encorajou a prestar o processo seletivo da Pós-Graduação, confiando na minha capacidade, da qual eu duvidava ter.

Manifesto minha gratidão à professora e orientadora Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani que me acolheu com carinho, cobrou, apoiou, incentivou, exigiu, acalmou e que muito me ensinou. Fica registrado aqui o meu muito obrigada.

Às queridas Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez e Profa. Dra. Mariana Vaitiekunas Pizarro pelas importantes recomendações e contribuições durante o Exame de Qualificação.

Aos funcionários da escola na qual realizei a pesquisa, em especial: à diretora Ivone que autorizou a realização da investigação na instituição, à coordenadora Paula que compreendeu a minha situação de professora, pesquisadora e que sempre se mostrou disposta a me ajudar e à companheira de trabalho Bruna pelas discussões acerca da sequência didática nos intervalos das aulas e no estacionamento da escola.

Aos meus queridos alunos, participantes da pesquisa, que tornaram esse trabalho possível e aos seus familiares que compreenderam a minha ausência para estudar.

Às amigas que acompanharam de perto esta caminhada: Maysa, Carla, Esny, Marília, Ana Maria, Gabriela, Aline, Beatriz, Karina e Taís, que entenderam as minhas recusas para comemorar alguma data especial ou para se distrair.

Aos companheiros mestrandos com quem pude dividir alegrias, dúvidas e trocar informações, em especial, à Adriana.

À Flávia que disponibilizou de seu tempo para revisar o trabalho.

Por fim, deixo a minha gratidão a todos que participaram da minha vida de forma direta ou indireta durante este período tão importante pra mim.

RESUMO

A pesquisa, vinculada à linha Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação Básica, do Programa de Pós-Graduação-Mestrado em Docência para Educação Básica da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista- UNESP, surgiu diante de indagações enquanto docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que tange a questão do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) pelos alunos como entretenimento e ou possibilidades de aprendizagem. Estudos realizados apontaram que, atualmente, faz-se uso das tecnologias como diversão sem a devida exploração das suas possibilidades de aprendizagem, fato este que deve ser pauta de discussão nas escolas pelos professores. Assim, a pesquisa teve como objetivo explorar as possibilidades pedagógicas do uso das TDIC nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo experimental e participante para o desenvolvimento de atividades práticas, como a construção de vídeos digitais. Para isso, realizamos uma sequência didática com 23 alunos, do 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola do Sistema Municipal de Ensino, localizada no interior do estado de São Paulo, em que a professora da turma é também a pesquisadora. Efetuamos, portanto, o seguinte percurso metodológico: 1) revisão bibliográfica; 2) entrevista semiestruturada com os alunos, antes da criação do audiovisual, para verificarmos o nível de compreensão em relação aos vídeos digitais; 3) construção e realização de sequência didática; 4) entrevista semiestruturada com os alunos para avaliar as atividades desenvolvidas; 5) análise e interpretação dos dados; 6) elaboração do produto final. Os dados alcançados nas entrevistas foram apresentados num quadro e, posteriormente, analisados à luz das teorias exploradas na pesquisa, bem como, as atividades pedagógicas realizadas pelos alunos. A análise dos dados da entrevista inicial apontou que os alunos assistem vídeos com o uso de diferentes recursos tecnológicos, utilizam as tecnologias (celular, *tablet*) para o divertimento, filmam momentos do cotidiano e compartilham na Internet. Em continuidade, analisamos o material obtido pela sequência didática que mostrou a apropriação de conhecimentos pelos alunos para a produção de vídeos digitais por meio da ajuda de sujeitos mais experientes e, por fim, verificamos na entrevista final que os participantes se apropriaram dos conteúdos curriculares, bem como, da função social das tecnologias. Acreditamos que a criação de vídeos digitais possa contribuir no processo de aprendizagem do aluno, podendo ser vista como uma ferramenta tecnológica capaz de informar e comunicar situações e problemas que fazem parte da realidade do aluno-autor. E, por fim, proporcionar o uso consciente das TDIC. Devido às especificidades do Mestrado Profissional apresentamos um produto final que consistiu na elaboração da sequência didática.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação escolar. Sequência didática. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Teoria Histórico-Cultural. Vídeos Digitais.

ABSTRACT

The research, linked to Information Technologies e Communication in Basic Education research line, from the Pos-Graduation Program, Masters Teaching Degree for Basic Education in the Science College of the Universidade Estadual Paulista – UNESP, has come to existence starting from questions about teachers from the early years of Elementary School, about the usage of Digital Information and Communication Technologies (DICT) by the students as entertainment and/or learning possibilities. Recent studies point to these technologies being used for fun, without exploring its learning possibilities, which should be discussed in schools by the teachers. Therefore, the research had as objectives to explore the pedagogical possibilities of using DICT in the early years of Elementary School. We choose a qualitative research, of the experimental and participative kind to develop practical activities, such as the creation of digital videos. To do so, we performed a didactical sequence with 23 students, of the 2^o year of Elementary School, from a Municipal School, on upstate of São Paulo. The class teacher is also the researcher. We also followed these methodological procedures: 1) Bibliographic review; 2) Semi structured interview with the students, before creating the video, checking the comprehension level about digital videos; 3) Construction and application of the didactical sequence; 4) Data interpretation and analysis; 6) Final product elaboration. The collected data were presented on a chart and, afterwards, analyzed under the light of the theories utilized on this research, as well as the pedagogical activities performed by the students. The data analysis of the initial interview pointed that the students utilize different kind of technologies to watch videos, that they utilize these technologies (cellphones, tablets) for entertainment, creating everyday videos and sharing them on the Internet. We then analyzed the material from the didactical sequence, which showed the knowledge appropriation of the students for the digital video production through the help of more experienced persons, and, at last, we checked in the final interview that the participants appropriated themselves of the curricular content and of the social function of technologies as well. We believe that the digital video creation can contribute in the learning process, and can be seen as technological tool capable of inform e communicate situations and problems from the author-student reality. And, at last, to provide the conscious use of the DICT. Due to the specificities of the Professional Masters Degree we present a final product which consisted in the elaboration of the didactical sequence.

Keywords: Alphabetization. School Education. Didactical Sequence. Digital Information and Communication Technologies. Historical-Cultural Theory. Digital Videos

LISTA DE FIGURAS

Figura – 1	Câmeras Samsung	59
Figura – 2	Galaxy Young 2 Duos TV	59
Figura – 3	Galaxy Pocket Neo Duos	60
Figura – 4	Perguntas elaboradas pelo grupo.....	77
Figura – 5	Perguntas elaboradas pelo grupo.....	78
Figura – 6	Problemática local: lixo nas ruas do bairro	80
Figura – 7	Vídeo sobre a produção de lixo no Brasil	81
Figura – 8	Atividade em grupo: separação adequada dos resíduos.....	83
Figura – 9	Reutilização de materiais por meio de desenhos	85
Figura – 10	Reutilização da garrafa pet para construir o brinquedo “bolha de sabão”	85
Figura – 11	Roteiro da história infantil elaborado pelos alunos.....	88
Figura – 12	Tomada de decisões em grupo	92
Figura – 13	Edição e montagem do vídeo	93
Figura – 14	Filmando com a máquina fotográfica	97
Figura – 15	Edição de vídeo.....	98
Figura – 16	Programa Movie Maker	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Palavras-chave e base de dados.....	21
Quadro 2 –	Categorias temáticas.....	21
Quadro 3 –	Trabalhos selecionados	22
Quadro 4 –	Trabalhos selecionados que se relacionam com esta pesquisa.....	23
Quadro 5 –	Entrevista inicial com os participantes.....	65
Quadro 6 –	Quadro geral da sequência didática	71
Quadro 7 –	Entrevista final com os participantes	100
Quadro 8 –	Desenvolvimento da pesquisa	118
Quadro 9 –	Falas dos alunos vinculadas à construção do audiovisual.....	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

POIE	Professores Orientadores de Informática Educativa
SME	Secretaria Municipal de Educação
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	16
2 TECNOLOGIAS DIGITAIS	26
2.1 Definição das tecnologias digitais da informação e comunicação	26
2.2 Audiovisuais, vídeos digitais e tecnologias móveis: câmera e ação	31
2.3 Produtores de informação e comunicação: autoria.....	34
2.4 Nativos digitais: quem são?.....	37
3 ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	42
3.1 As tecnologias como instrumentos de criação humana	42
3.2 A importância do outro na apropriação da cultura: aprendizagem e desenvolvimento.....	43
3.3 Repensar a prática pedagógica	49
4 A CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA	53
4.1 Escolha e descrição do tipo de pesquisa.....	53
4.2 Local da pesquisa: o contexto escolar	54
4.3 Participantes	56
4.4 Percorso metodológico	57
4.4.1 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados.....	58
4.4.1.1 Tecnologias utilizadas	58
4.4.1.2 Entrevista semiestruturada.....	60
4.4.1.3 Produto educacional	62
4.4.1.4 Sequência didática	62
4.4.1.5 Procedimentos de análise de dados	64
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	65
5.1 Entrevista inicial.....	65
5.2 Sequência didática aplicada: a descrição.....	69

5.3	Entrevista final.....	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS	111
	APÊNDICES	118

APRESENTAÇÃO

A trajetória profissional de sete anos como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo é responsável pelas inquietações formalizadas nesta pesquisa. As preocupações surgiram de questionamentos sobre o uso das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) pelos alunos como ferramentas associadas, algumas vezes, ao entretenimento e, por conseguinte, da preocupação em vincular os conteúdos curriculares às tecnologias como possibilidade do aluno perceber e explorar suas potencialidades no processo de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, relato brevemente a minha caminhada como aluna da graduação e como professora do Sistema Municipal de Ensino, cuja experiência profissional me conduziu a escrever essa Dissertação¹.

A concretização do sonho em estudar numa Universidade Pública ocorreu no ano de 2004 quando ingressei no curso de Pedagogia na FCT/UNESP de Presidente Prudente, dando início, então, ao ensino superior.

Durante os quatro anos de graduação convivi com grandes mestres, os quais contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Naquela época, o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia não havia sofrido alterações e concluí a graduação com habilitação no Magistério e no 1º ciclo do Ensino Fundamental. Para obter a Habilitação para Educação Infantil era preciso frequentar mais um ano de curso, o qual foi ofertado para egressos até 2010.

Atualmente, o novo currículo do curso de Pedagogia implantado no ano de 2007 e reformulado em 2011 concede ao aluno a atuação docente em três modalidades de Ensino: Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Escolar.

Cabe frisar que, a minha formação acadêmica (2004-2007) ocorreu antes da atualização do currículo de Pedagogia, delimitando a minha atuação profissional ao antigo Magistério e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Destaco, também, que não houve discussões acerca do tema “educação e tecnologia” durante o período em que estive na graduação, pois a disciplina, “Tecnologias aplicada à educação”, com carga horária de 30h, era oferecida como optativa. Em 2007, essa disciplina passou a ser apresentada como

¹ Esta parte da pesquisa foi escrita em primeira pessoa do singular para relatar a minha trajetória acadêmica e profissional.

obrigatória no curso de Pedagogia, com o nome de “Libras, Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação”, com 75h, a ser cursada no 4º ano.

Logo após a conclusão do curso, voltei para minha cidade natal para assumir o cargo de Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental que hoje é denominado “Especialista em Educação Professor de Educação Básica Fundamental 1º ao 5º ano” pelo Sistema Municipal de Ensino. Em continuidade aos estudos frequentei durante dois anos (2008-2010) o curso de Lato-Sensu Especialização em Educação Infantil pela FCT/UNESP de Presidente Prudente. Paralela a essa formação, realizei vários cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação o que proporcionou o meu primeiro contato com a questão da educação e da tecnologia por meio do “Programa de Formação de Educadores em Informática Educacional”.

A escola em que atuo possui uma sala de informática composta por 18 computadores, os quais atualmente não são conectados à Internet. No final do ano de 2014, o poder público municipal não renovou o contrato com a empresa particular que desenvolvia softwares, ministrava cursos aos professores e prestava serviços às instituições escolares, disponibilizando profissionais que realizavam a manutenção e o pleno funcionamento da sala de informática.

A utilização desse ambiente acontecia mediante o horário estabelecido pelos professores no início do ano letivo, sendo que cada turma usava o laboratório durante uma aula (50 minutos) por semana. A articulação entre tecnologia, no caso o computador, e educação com o uso de objetos de aprendizagem nesse espaço era, a meu ver, algo incompleto, pois faltava maior participação dos alunos na exploração dessa ferramenta, bem como, a sua utilização para a criação de algo.

Como professora, encontrei desafios em trabalhar tecnologia e educação com um público que se familiariza rapidamente com as ferramentas digitais. Atualmente, percebo a exploração das TDIC para fins de entretenimento e, também, o uso do vídeo digital com o mesmo propósito, seja dentro ou fora dos muros da escola.

Relato um dos episódios presenciados por mim, que retrata essa familiaridade. Um aluno de seis anos de idade utilizou o celular para fotografar um grupo de pessoas presentes no evento da escola e, em seguida, postou a foto numa rede social: o Facebook. Essa facilidade de uso é um fato em meio a tantos que já observei no interior da escola e fora dela.

Portanto, o contato com essa nova geração de alunos da escola pública foi que impulsionou a busca por novos conhecimentos e, conseqüentemente, a minha participação no processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, no

mesmo ano de sua implementação (2014) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Foi neste período que ingressei no Mestrado e, paralelo às disciplinas obrigatórias da Pós-Graduação, comecei a participar do grupo de estudos e pesquisas sobre “Tecnologias, Educação e Currículo” (GEPTEC), liderado pela Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani. Formado por graduandos e mestrandos, os encontros mensais proporcionaram momentos de leituras e discussões de textos elaborados nos últimos anos sobre a temática em estudo.

A jornada como mestranda contemplou também a participação em eventos científicos desde a submissão e apresentação de trabalhos nas modalidades pôster e oral, envolvimento na comissão de organização do V Congresso Brasileiro de Educação até a presença em minicursos e palestras. As atividades colaboraram para minha formação acadêmica, profissional, bem como, para o desenvolvimento desta dissertação.

Desta maneira, nas seguintes páginas, apresento ao leitor o resultado da caminhada enquanto professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e pesquisadora, tendo as tecnologias não como uma ameaça para a profissão de docente ou como uma diversão, mas como instrumentos culturais que apresentam possibilidades pedagógicas a serem exploradas com os nativos digitais. Assim, anseio que esta dissertação venha a contribuir para os próximos estudos acerca da relação entre tecnologias e educação.

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua existência, o homem vem criando tecnologias, quer para atender as suas necessidades básicas ou para explorar o universo. Diferentemente de anos atrás, esses conhecimentos e informações passaram a circular de maneira rápida entre as pessoas, isso porque, nos últimos tempos, houve grande avanço das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), o que promoveu alterações na relação com o saber.

As TIC, denominadas nas últimas décadas do século XX de TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), concedem ao homem o contato imediato e em tempo real com as informações produzidas em qualquer parte do mundo. E, é neste cenário cultural contemporâneo em que estamos inseridos, chamado de Sociedade da Informação e do Conhecimento, como afirmam Perez e Tezani (2010). De acordo com as autoras, a informação passou a ser transmitida por diversos instrumentos que causaram alterações nas formas de comunicação, a qual não fica restrita ao tempo e ao espaço, e na maneira de pensar do homem do século XXI.

Constatamos por meio da literatura científica que essas tecnologias despertam interesse nos alunos, nativos digitais, seja pelos vários recursos ofertados ou pela facilidade que encontram em informar e publicar qualquer coisa até então negada pelas mídias clássicas (rádio, televisão, jornal, cinema). As tecnologias causam fascínio nas pessoas e com a ausência da mediação do professor isso pode vir a reforçar o uso para a diversão e não para a construção de saberes (MORAN, 2013).

Este é um dos desafios colocados à educação. Diante das diversas funções de uso, as TDIC apresentam um vasto número de aplicativos e programas que podem ser instalados nos computadores ou nos aparelhos móveis, oferecem também grande circulação de informações, porém, quando não direcionadas para o uso pedagógico ou não abordadas por atividades planejadas elas podem ser utilizadas de modo banalizado.

As TDIC representam grande avanço e, diferente da TV, concedem a qualquer pessoa o poder de interagir, trocar e produzir informações e conhecimentos com o mundo todo (SILVA, 2005). Antes o usuário assumia o papel de consumidor das informações das mídias tradicionais, mas hoje o usuário encontra a possibilidade de ser autor de informações e de comunicá-las com o mundo, utilizando o computador e as mídias digitais móveis (celulares, *tablets*) conectados à Internet.

Nesse sentido compreende-se a existência de um novo cenário de comunicação, o qual é constituído pela rápida veiculação de informações e pela interatividade, que permite a participação do receptor no momento de criar e de transmitir a informação, se opondo a lógica das mídias tradicionais (SILVA, 2005).

Portanto, o mundo vivencia uma nova dinâmica comunicacional que apareceu com a conexão mundial dos computadores, como salienta Silva (2005). Sendo assim, a informação passou a ser apresentada no formato digital, uma maneira de produção que descentraliza a transmissão, bem diferente da mídia clássica. Essa por sua vez, somente emite a mensagem ao usuário, não permitindo a participação do receptor na construção do conteúdo a ser comunicado.

Com o advento da globalização e da sociedade do conhecimento houve acelerada mudança na esfera econômica, política e social, que atingiu inclusive a educação. O novo paradigma de ciência atrelado a esses acontecimentos exige do professor uma prática pedagógica que contemple a participação do aluno na produção do conhecimento em detrimento de uma concepção de ensino conservadora, que valoriza a repetição (BEHRENS, 2013).

Compreendemos, então, que é inviável solicitar a memorização e reprodução de saberes num momento histórico de globalização e desenvolvimento dos meios de comunicação em que há um extenso volume de informações. Neste caso, demanda-se a formação de um sujeito (ser histórico do meio em que vive) preparado para lidar com essas informações, sendo capaz de transformar a sociedade e colaborar com a produção de conhecimentos (BEHRENS 2013).

A partir desses eventos ocorridos na história da humanidade surge a necessidade de inserir o homem na sociedade da informação e do conhecimento. Mas, como? Conceder somente o acesso às TIC não é o caminho. Cada sujeito precisa aprender a utilizar da melhor forma possível essas tecnologias, buscando e selecionando informações que possam lhe ajudar a solucionar situações problemas do dia a dia (ALMEIDA, 2005b).

Dar acesso aos bens materiais não concretiza por completo a inserção do sujeito. Isso porque, diante de uma grande movimentação de informações, a Internet, como qualquer outro veículo de comunicação, divulga interesses. E, perante este fato, há pessoas que desconhecem ou não tem acesso a *sites* confiáveis que lhe assegurem um senso crítico do contexto. A necessidade da análise criteriosa das informações pelo usuário coloca em questionamento as abordagens tradicionais de educação (BALADELI, BARROS e ALTOÉ, 2012).

É diante da nova lógica da informação e da comunicação que foi planejado esse estudo com as potencialidades das TDIC no processo de ensino e aprendizagem, para o aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental aproveitar de maneira adequada a ruptura de hierarquia de poder em relação à produção e divulgação de informações, por meio da produção de vídeos com o uso de celulares e máquinas digitais.

Assim, essas tecnologias foram consideradas como instrumentos culturalmente construídos pela humanidade, capazes de mediar a relação do indivíduo com o mundo, sendo o aluno compreendido como sujeito social que se apropria da cultura, de novos conhecimentos, habilidades, aptidões e capacidades humanas por meio da mediação com o outro indivíduo mais experiente (VIGOTSKI, 2007).

Em continuidade, consideramos o embasamento teórico de Freire (2014) acerca da participação do aluno como sujeito na construção do saber. E, no caso específico deste estudo, o aluno tornou-se o próprio autor das informações. De acordo com o autor, o ensino envolve a criação de possibilidades dadas ao aluno para que este possa construir o conhecimento.

Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa de Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica foi explorar as possibilidades pedagógicas do uso das TDIC nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante do objetivo geral, o estudo apresentou os seguintes objetivos específicos:

- 1) Reconhecer o uso social das tecnologias digitais como produção humana.
- 2) Propor a construção de vídeos digitais na perspectiva de autoria para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental por meio de uma sequência didática.
- 3) Analisar os efeitos da construção de vídeos digitais no processo de ensino e aprendizagem.
- 4) Produzir um material didático com os passos da pesquisa empírica e sua conclusão.

Diante do exposto, procuramos desenvolver uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo participante e experimental, com uma turma de 23 (vinte e três)² alunos matriculados no segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município, propondo aos participantes a produção de vídeos digitais.

² Iniciamos esta pesquisa com 25 participantes, os quais participaram da primeira entrevista. Porém, no decorrer do ano letivo, duas alunas foram transferidas para a escola pública do estado. Sendo assim, a realização da sequência didática e a aplicação da entrevista final contou com a participação de 23 alunos.

A pesquisa intitulada “Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: explorando as possibilidades pedagógicas da produção de vídeos” pertence à linha de estudo “Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Básica” e apresenta o arcabouço teórico de acordo com os seguintes capítulos (Apêndice I).

O capítulo denominado “Tecnologias Digitais” discute a definição das novas tecnologias, que são conhecidas no século XXI como TDIC, e quem são esses alunos da nova geração chamados de nativos digitais. Dentre essas tecnologias, o vídeo digital é apontado como possível ferramenta a ser explorada pelos nativos digitais na perspectiva de produção e divulgação de informações.

O capítulo nomeado “Abordagem Histórico-Cultural e o uso das tecnologias digitais na educação escolar” aborda as TDIC como instrumentos elaborados culturalmente pela humanidade, que realizam a mediação entre o homem e o mundo. Em continuidade, discorre sobre a importância da interferência pedagógica na zona de desenvolvimento proximal do aluno.

O capítulo intitulado “A construção da caminhada” relata os passos da pesquisa apresentando o caminho metodológico escolhido, o local, os sujeitos participantes, bem como, os métodos utilizados para a coleta de dados. Essa parte do trabalho, também, traz explicações acerca da sequência didática.

Em sequência, o capítulo “Análise e interpretação dos dados” aborda a descrição e análise dos dados obtidos com a aplicação das entrevistas e realização das atividades necessárias para a produção dos vídeos digitais. Nessa etapa, procura-se articular a fundamentação teórica anteriormente mencionada com os resultados da pesquisa.

E por fim, o último capítulo refere-se à parte das considerações finais com possíveis reflexões e conclusões acerca do estudo.

Como havíamos dito, esta dissertação pertence ao Mestrado Profissional que exige a elaboração e apresentação de um produto educacional, com propostas de ações educativas que possam contribuir na melhoria da qualidade do ensino e, para tal fim, criamos a sequência didática.

Para Moreira (2004), essa característica singular do Mestrado Profissional está atrelada a situação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* no Brasil, que produz considerável corpo de conhecimentos com reconhecimento internacional e que, no entanto, não está sendo totalmente capaz de causar impacto prático para a sala de aula, havendo, então, a necessidade de pensar ações que modifiquem a situação atual.

Para atender tal demanda, elaboramos uma sequência didática, que é definida pelos autores Schneuwly e Dolz (2013) como atividades organizadas sistematicamente sobre textos escritos ou orais.

Portanto, produzimos o material didático, disponível no site do Programa de Pós-Graduação, com o propósito de que outros profissionais da educação tenham acesso à descrição detalhada da estrutura do material educacional.

Para fundamentar a pesquisa buscamos conhecer o que vem sendo produzido nos últimos anos sobre as questões abordadas neste estudo. Dessa maneira, realizamos a revisão bibliográfica de artigos, dissertações e teses nas seguintes bases de dados eletrônicas e de acesso público:

- SCIELO (Scientific Electronic Library Online) – disponível no endereço: <www.scielo.org>.
- C@thedra – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações- disponível no endereço: <www.unesp.br>.
- Banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES)- disponível no endereço: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>.

Iniciamos a busca bibliográfica por artigos. Em sequência, para a base de dados em bibliotecas do Ensino Superior, optamos por realizar o levantamento de trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Para isso, escolhemos a C@thedra, a qual é composta por teses e dissertações apresentadas na instituição.

Por último, decidimos pela plataforma “Banco de teses”, que pertence ao portal de periódicos da Capes, do Ministério da Educação, para verificar em todo território nacional a existência de pesquisas científicas que apresentam semelhante interesse ao tema abordado neste estudo.

Nessas buscas por revisão bibliográfica não delimitamos o ano de publicação, bem como, o nível de curso da Pós-Graduação em *Stricto-Sensu* nos dois últimos repositórios. Em seguida, excluimos os textos duplicados na base de dados e elencamos para um estudo aprofundado aqueles que pudessem contribuir com esta pesquisa.

Num primeiro momento, adotamos como critério de busca nas bases de dados as palavras-chave: vídeos e tecnologias digitais, resultando num grande número de produções científicas em diferentes áreas do saber, no total de 1.344, como ilustra o quadro 1.

Quadro 1- Palavras-chaves e base de dados

PALAVRAS-CHAVES	BIBLIOTECA ELETRÔNICA		
	SCIELO	C@THEDRA	CAPEES
Vídeos	142	57	391
Tecnologias digitais	92	77	585

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Em face disso, decidimos juntar as palavras com outras, somando 8 (oito) combinações, as quais nomeamos de categorias temáticas: vídeos digitais-escola; vídeos digitais-educação; vídeos digitais-alunos; tecnologias digitais-educação; tecnologias digitais-escola; tecnologias digitais-alunos; tecnologias digitais-vídeos digitais; vídeos digitais.

Além das categorias temáticas, elencamos outros critérios na busca por trabalhos científicos em cada base de dados:

- Scielo: realizamos o levantamento de artigos publicados na área temática de ciências humanas e no idioma português.
- C@thedra: a revisão bibliográfica ocorreu em todos os acervos da rede da UNESP por meio de palavras-chave em todos os campos, não havendo restrição de ano de publicação e tipo de material (Dissertação ou Tese).
- Capes: buscamos por dissertações e teses na área de conhecimento da educação.

Quadro 2- Categorias temáticas

PALAVRAS-CHAVE	BIBLIOTECA ELETRÔNICA		
	SCIELO	C@THEDRA	CAPEES
Vídeos digitais – escola	0	0	0
Vídeos digitais – educação	0	4	2

Vídeos digitais – alunos	1	0	0
Tecnologias digitais – educação	25	41	79
Tecnologias digitais – escola	11	11	48
Tecnologias digitais – alunos	16	16	47
Tecnologias digitais – vídeos digitais	1	1	1
Vídeos digitais	3	7	0
Total	57	80	177

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Como podemos observar no Quadro 2, encontramos poucos trabalhos científicos nas seguintes categorias temáticas: vídeos digitais-educação, vídeos digitais-alunos, tecnologias digitais-vídeos digitais. Sendo que, não registramos nenhuma pesquisa para a categoria: vídeos digitais-escola.

Cabe ressaltar que, estes números são resultados da delimitação da área de conhecimento, pois, na base de teses da Capes, constatamos 8 produções para a palavra-chave vídeos digitais-alunos, distribuídas nas seguintes áreas: ensino de ciências e matemática (4), ciência da informação (1), engenharia/tecnologia/gestão (1), sistema de computação (1) e sociais e humanidades (1). E, para a palavra-chave vídeos digitais-escola, encontramos 5 pesquisas nas referentes áreas do saber: ensino de ciências e matemática (4), sociais e humanidades (1).

Após o levantamento das produções científicas nas bases de dados, analisamos e selecionamos os trabalhos relevantes para esta pesquisa, de acordo com os critérios de proximidade do título e do resumo com o tema, como apresentam os quadros a seguir:

Quadro 3 – Trabalhos selecionados

PALAVRAS-CHAVE	BIBLIOTECA ELETRÔNICA		
	SCIELO	C@THEDRA	CAPEL
Resultado pós-análise	3	4	3

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Quadro 4 - Trabalhos selecionados que se relacionam com esta pesquisa

Autor	Ano	Título do trabalho	Assunto	Fonte/ Nível
COSTA, I. B.	2010	Uma inovação aparente.	O artigo discute a utilização da internet na produção de textos pelos alunos.	SCIELO Artigo
ANTONELI, C. M.	2011	Integração das mídias: TV digital, ambiente virtual de aprendizagem e material impresso na construção de disciplinas para um curso de pedagogia a distância.	Analisa a construção das disciplinas do curso de pedagogia oferecido a distância.	C@THEDRA Dissertação
BECKER, B.; MATEUS, L.	2011	Pensando e fazendo webjornalismo audiovisual: a experiência do TJUFRJ.	O artigo apresenta uma análise comparativa de várias experiências de produção de conteúdos audiovisuais disponíveis na internet.	SCIELO Artigo
MENEGON, E. N.	2011	Imagens e narrativas midiáticas: análise dos vídeos do YouTube.	Estuda as características narrativas dos vídeos que são publicados no YouTube.	C@THEDRA Tese
ROQUE, Z. M.	2011	Letramento digital em contextos de autoria na internet.	Estuda a situação de criação de conteúdos que são publicados na internet.	CAPES Tese
SILVA, J. M.	2011	O som da integração das tecnologias digitais de informação e comunicação ao currículo: a rádio na internet- voz, poder e aprendizagem.	O estudo reflete sobre a questão da integração das tecnologias da informação e comunicação ao currículo.	CAPES Dissertação
ABREU, P. H. B.	2012	Games e educação: potência de aprendizagem em nativos digitais.	A pesquisa busca compreender as aprendizagens que aparecem com o uso de videogames pelos nativos digitais.	CAPES Dissertação
MILANI, D. R. C.	2012	Contemporaneidade e educação: mídias digitais nas culturas juvenis.	Analisa e investiga as interfaces entre a educação, a cultura juvenil e as novas tecnologias de comunicação e informação.	C@THEDRA Tese
PANDO, R. A.	2012	As contribuições do audiovisual para a formação de jovens produtores: a construção de conteúdos por meio de dispositivos móveis.	A pesquisa apresenta a possibilidade de produção audiovisual com conteúdos informativos por meio do uso de dispositivos móveis.	C@THEDRA Dissertação
SARTORI, A. F.	2012	Produção docente de vídeos digitais para o ensino de física: desafios e potencialidades.	A pesquisa investiga quais são os conhecimentos necessários para o professor de física produzir um material didático, o vídeo.	CAPES Dissertação
FRANCO, A. C. F.; et.al.	2014	Algumas interrogações acerca das produções midiáticas sobre a juventude.	O artigo aborda as práticas discursivas e não-discursivas dos meios de comunicação que objetivam a juventude brasileira.	SCIELO Artigo

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Portanto, com a revisão bibliográfica no banco de dados do Scielo, escolhemos os artigos relevantes para este estudo e, em seguida, acessamos o texto completo.

No total, foram selecionados 3 artigos. Para cada palavra-chave foram consideradas as produções científicas dos seguintes autores:

- **“Tecnologias digitais- educação”**: Becker, B. e Mateus, L. (2011) e Franco, A. C.F. et.al. (2014).
- **“Tecnologias digitais- escola”**: Costa, I. B. (2010).

Na base de dados da “C@thetra”, selecionamos 4 pesquisas científicas, sendo duas teses e duas dissertações. De acordo com as palavras-chave escolhemos as pesquisas dos seguintes autores:

- **“Tecnologias digitais – escola”**: Milani, D. R. C. (2012) e Pando. R. A. (2012).
- **“Tecnologias digitais – vídeos digitais”**: Antoneli, C. M. (2011).
- **“Vídeos digitais”**: Menegon, E. N. (2013).

No banco de dados da Capes, dentre os resultados encontrados, selecionamos somente aquelas pesquisas que mais se aproximam do nosso objeto de estudo. Cabe frisar que, durante a busca não estipulamos o nível de curso (Mestrado ou Doutorado) e nem a instituição de ensino.

Dessa forma, escolhemos os estudos dos referidos autores para as determinadas palavras-chave:

- **“Tecnologias digitais- alunos”**: Rosa, A. C. P. S. (2011); Brito, B. M. S. (2012); Abreu, P. H. B. (2012); Roque, Z. M. (2011); Silva, J. M. (2011).
- **“Tecnologias digitais- vídeos digitais”**: Sartori, A. F. (2012).

Destacamos que a revisão de estudos nos bancos de dados mencionados anteriormente resultou em um número reduzido de pesquisas sobre o tema de interesse, especificamente 2 trabalhos abordaram a questão da construção de vídeos digitais na educação. Sendo que, a dissertação de mestrado, “As contribuições do audiovisual para a formação de jovens produtores: a construção de conteúdos por meio de dispositivos móveis”, de Pando (2012), apresenta os alunos de 13 a 15 anos de idade como produtores de

audiovisuais com o uso de dispositivos móveis, enquanto que, a segunda dissertação de mestrado, “Produção docente de vídeos digitais para o ensino de física: desafios e potencialidades”, de Sartori (2012), versa sobre a produção de vídeos elaborados por professores de física como material didático.

Diante destas produções científicas relacionadas acima, ressaltamos o quão importante pode ser a produção de vídeos na educação escolar para os nativos digitais, por permitir a exploração das possibilidades educativas dessa tecnologia em que os alunos são os protagonistas da informação. Por essa razão, compreendemos a relevância do estudo para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois essa nova forma de comunicação pode ser aproveitada como uma possibilidade pedagógica no processo de ensino e aprendizagem para o aluno assumir o papel de produtor de informações (conhecimento), ao invés de mero receptor.

Vale mencionar que, não cabe no presente momento aprofundar o estudo das obras científicas levantadas, apenas apresentá-las. Porém, devido à relevância das pesquisas, pretendemos realizar a análise desses materiais posteriormente.

2 TECNOLOGIAS DIGITAIS

2.1 Definição das tecnologias digitais da informação e comunicação

Nesse capítulo iremos tratar sobre as TDIC, abordando, primeiramente, de maneira sucinta a definição de tecnologia e, em seguida, o percurso das TIC até os dias atuais. Consideramos pertinente apresentar o caminho percorrido pelas TIC para nos situarmos historicamente sobre seu processo de desenvolvimento, lembrando que fazemos uso dessas tecnologias há muitos anos e que, hoje, nos deparamos com as tecnologias digitais.

Para exemplificar a trajetória dessas tecnologias nos apropriamos das palavras de Lévy (1993, p.87), pois “as formas sociais do tempo e do saber que hoje nos parecem ser as mais naturais e incontestáveis baseiam-se, na verdade, sobre o uso de técnicas historicamente datadas e, portanto, transitórias”. Assim, em determinado período da história da humanidade o homem fez uso de técnicas temporárias, que foram sendo transformadas. A prática de comunicação que nos parece natural no momento, futuramente, será complementada por outra, como ocorreu com a oralidade e a escrita. E, isso vem a afetar a questão do tempo, como o acesso rápido às informações, e a relação com o saber.

Quando pensamos em tecnologias logo associamos a ideia de máquina, robôs, e como leigos as definimos como tal, mas diante dos estudos apontados por Kenski (2008a, p.18), a tecnologia há anos acompanha o homem na realização de suas atividades e está presente desde os produtos e equipamentos simples até aos mais elaborados. Todo o processo empregado na elaboração desses objetos é denominado de tecnologia, ou seja, “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”.

Portanto, estamos rodeados de tecnologia. Tudo aquilo elaborado pelo homem que precisou de planejamento, conhecimento e pesquisas para criar algum tipo de equipamento que nos ajuda a realizar determinadas tarefas no dia a dia é concebido como tecnologia. Enquanto que, a maneira como usamos as ferramentas, ou seja, “a arte ou a habilidade para uma ação”, é considerada como técnicas (TEZANI, 2012, p. 149).

De acordo com Kenski (2008b, p.20), desde o início da humanidade, o homem usa os recursos da natureza para criar algo e garantir a sua sobrevivência, seja na elaboração de armas para se proteger de ataques de animais ou na construção de equipamentos para

enfrentar os desafios climáticos, dentre outras situações. Toda essa invenção e produção de ferramentas sempre estiveram vinculadas a agregação social, que garantiu ao homem “maior poder diante dos desafios impostos pela natureza”.

Contudo, a tecnologia não se resume somente aos aparelhos, há outros tipos. Lévy (1993) cita as “tecnologias da inteligência”, tendo como base a linguagem. E, apresenta seus três períodos como forma de informação e comunicação: oral, escrita e digital, como veremos a seguir.

Kenski (2008b, p.27) explica que foi diante da necessidade de se comunicar, manifestar seus sentimentos, ideias e registrar acontecimentos, que o homem criou a “tecnologia da inteligência”, a qual “não existe como máquina, mas como linguagem”.

Inicialmente, o homem fez uso da linguagem oral para transmitir de geração em geração as informações, que, também, foram utilizadas para aprimorar os instrumentos. Considerada como uma das formas de expressão mais antiga da humanidade, a linguagem oral funcionou como memória social. Nas sociedades sem escrita, como são chamadas por Lévy (1993, p.84), a comunicação e a informação aconteciam por meio da fala com narrativas, poemas, cantos, pois “nestas culturas, qualquer proposição que não seja periodicamente retomada e repetida em voz alta está condenada a desaparecer”.

Nesse tempo, a informação e a comunicação dependiam da presença física das pessoas e, segundo Kenski (2008b, p.28), ficavam restritas ao espaço que o narrador circulava. Era preciso memorizar e repetir as informações, garantindo a transmissão do conhecimento, somente assim é que “os homens perpetuavam a memória do grupo, sua cultura e identidade para as gerações seguintes”.

Logo após o surgimento da escrita, a comunicação deixou de ser centrada em um tempo e espaço. A transmissão de informações alcançou autonomia, não dependendo mais da presença do emissor e receptor e sim interpretação do leitor. Essa transição da linguagem oral para a escrita foi possível devido a invenção da agricultura, pois as pessoas eram obrigadas a permanecer por mais tempo em um determinado lugar para plantar e depois colher.

A transmissão das informações ganhou força com a descoberta da impressão, garantindo maior circulação dos textos antigos e uma nova apresentação e organização do saber, conforme encontramos atualmente nas obras redigidas: número de páginas, sumário, cabeçalho, etc. Tal acontecimento na época fez com que as cópias, até então suscetíveis ao erro, fossem editadas em uma versão “melhorada”, permitindo “difundir em grande escala as novas observações astronômicas, geográficas ou botânicas. Um processo cumulativo, que iria levar à explosão do saber, é engatilhado” (LÉVY, 1993, p.98).

Encontramos a linguagem oral e escrita materializadas em produtos que foram construídos pelo homem ao longo dos anos para serem utilizados em diversos momentos de tempo e espaço. De acordo com Kenski (2008b, p.26), o “processo de produção industrial da informação”, criou profissões para lidar com a produção de informações e meios para comunicá-las. Dessa forma, esses novos meios de comunicação, que são denominados de mídias, conseguem veicular as informações para um grande número de pessoas por meio de suportes midiáticos, que nos são familiares e que usamos, tais como: revistas, jornais, rádio, televisão, cinema, dentre outros.

As TIC se expressam a partir das três linguagens, anteriormente descritas. Para Kenski (2008b, p.28), os meios de comunicação são “baseados no uso da linguagem oral, da escrita e da síntese entre som, imagem e movimento, o processo de produção e o uso desses meios compreendem tecnologias específicas de informação e comunicação, as TICs”.

Novas maneiras de uso das TIC surgiram com o avanço tecnológico, tornando-se possível em pleno século XXI a produção e difusão das informações rapidamente, em tempo real e com uma maior interação. Em seus trabalhos, Kenski (2008b) afirma que as redes digitais, Internet e televisão podem ser consideradas como as novas tecnologias (NTIC).

Para a autora, a informação e a comunicação apresentam outra linguagem: a digital, a qual é constituída por códigos binários capazes de promover diversas ações como: informar, comunicar, interagir e aprender. Uma linguagem que agrega oralidade e escrita em um cenário marcado por avanços tecnológicos.

Diferentemente de séculos atrás, nos quais a comunicação e a transmissão do saber aconteciam seja pela repetição dos fatos com a oralidade e, anos depois, pela escrita. Nos dias de hoje, encontramos um “fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz” que concede um relacionamento diferente entre “conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes” (KENSKI, 2008b, p.32).

Nesse sentido disponibilizamos de uma tecnologia que atribui um novo ritmo ao acesso e a difusão do saber, que torna possível a rápida veiculação de diversas informações em qualquer parte do mundo.

Segundo Castells (2005, p.17) há um “novo paradigma tecnológico”, no qual informação e conhecimento se apresentam com uma “base microeletrônica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes”.

Frente a estas considerações, recorreremos às citações de Castells (2005, p.17) para explicarmos a formação das tecnologias nas últimas décadas. Para o autor, o mundo vivencia

uma mudança na organização social e isso está vinculado ao aparecimento de um “novo paradigma tecnológico”, fundamentado nas tecnologias de comunicação e informação que se propagaram de modo diferente pelos países. Essas tecnologias apresentam uma “base microeletrônica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes”.

Isto quer dizer que, a sociedade em rede, ligada por meio da Internet, adota uma lógica de comunicação que atinge o mundo todo, bem como, os setores da economia, cultura, política, entre outros, em que as pessoas passam a conversar por mensagens enviadas pelos eletrônicos (telefones sem fios), elas se comunicam de modo horizontal, independentemente dos canais de comunicação, alguns países têm as suas produções integradas à economia global, dentre outras situações. Para Castells (2005, p.17), “as redes de comunicação digital” servem como base para a sociedade em rede, assim como ocorreu na Era Industrial com as redes energéticas.

Sabemos que, as informações são transmitidas numa velocidade nunca vista antes na história da informação e da comunicação. Por meio da tecnologia digital o usuário “navega livremente” nos *sites* para realizar sua pesquisa sobre determinado assunto, acessando páginas sem identificação numérica. A busca pelo conteúdo pode resultar em informações superficiais, como também, em um maior conhecimento, mas isso dependerá da ação da pessoa.

Segundo Kenski (2008b, p.32), essa linguagem digital tem como base: os hipertextos, que tratam de “sequências em camadas de documentos interligados”. Os documentos acompanhados de outras mídias (imagens, sons, vídeos e outras) recebem o nome de hipermídias, que são as informações acessadas em diversos formatos.

Assim, podemos dizer que, a linguagem digital apresenta um novo formato para o acesso a informação e a leitura, pois “o uso de hipertexto rompe com as sequências estáticas e lineares de caminho único, com início, meio e fim fixados previamente” (ALMEIDA, 2005a, p.42).

Com esse tipo de estrutura de informação o acesso acontece de maneira diferente da qual estávamos acostumados a lidar, como em uma leitura, pois agora é possível selecionar somente aquilo que temos interesse em conhecer e de maneira não contínua.

Essa nova configuração das TIC causou mudanças na forma como a informação e o saber se apresenta para as pessoas e de acordo com Kenski (2008b, p.33):

Por meio das tecnologias digitais é possível representar e processar qualquer tipo de informação. Nos ambientes digitais reúnem-se a computação (a informática e suas aplicações), as comunicações (transmissão e recepção de dados, imagens, sons etc.) e os mais diversos tipos, formas e suportes em que estão disponíveis os conteúdos (livros, filmes, fotos, músicas e textos). É possível articular telefones celulares, computadores, televisores, satélites etc. e por eles, fazer circular as mais diferenciadas formas de informação. Também é possível a comunicação em tempo real, ou seja, a comunicação simultânea, entre pessoas que estejam distantes, em outras cidades, em outros países ou mesmo viajando no espaço.

As tecnologias digitais possibilitam ao homem veicular e acessar de qualquer parte do mundo as diversas informações disponíveis nas redes numa fração de segundos, vencendo, então, as barreiras geográficas e temporais. Os seguintes autores, Baranauskas, et.al. (1999, p.45), relatam a dinâmica que ocorre na comunicação por meio da Internet:

A Internet provê diferentes formas de comunicação, com base no tipo de fornecimento, recuperação e troca de informação: conferências, listas de discussão, correio eletrônico, informação eletrônica. [...] Os participantes usam seus teclados para fornecer informações que aparecem imediatamente e simultaneamente nas telas dos outros computadores. [...] Atualmente, além de textual, informação gráfica e voz podem ser enviados. Videoconferências já são também possíveis; pequenas câmeras montadas sobre o computador possibilitam que sejam transferidos, não somente dados da tela, mas também imagens de vídeo dos participantes, ou algo que eles queiram mostrar.

Valente (2005, p.28) considera a Internet como um dos grandes avanços tecnológicos, que permite “a exploração de um número incrível de assuntos”. Os computadores conectados “constituem em um dos mais poderosos meios de troca de informação e de realização de ações cooperativas”. Segundo o autor, o usuário encontra a facilidade de enviar mensagens para qualquer pessoa conectada na rede, bem como, entrar em contato e trocar ideias com diversas pessoas, receber ajuda para resolver algum tipo de problema ou cooperar com algum grupo no momento de realizar uma “tarefa complexa”. Essa última facilidade é conhecida dentro do processo de construção do conhecimento como “estar junto virtual”.

Na atual conjuntura, também podemos ter acesso à informação *online* por meio dos aparelhos móveis. Em relação a esse fato, Sodré (2002, p.15) menciona como “Internet móvel”, que se configura entre a “fluidez da telefonia celular e da Internet”.

Consideramos importante salientar as palavras de Kenski (2008b, p.34) sobre as tecnologias digitais: “Essas novas tecnologias digitais ampliaram de forma considerável a velocidade e a potência da capacidade de registrar, estocar e representar a informação escrita, sonora e visual”.

Dessa maneira, não há como negar que os avanços das tecnologias de telecomunicações e da rede de informação impulsionaram uma nova dinâmica de acesso e produção de informações o que veio a ocasionar mudanças em diferentes esferas da vida.

O homem do século XXI presencia um novo modo de produção da informação e da comunicação. Portanto, concordamos com Silva (2014, p.174) ao citar que as ferramentas tecnológicas (“computador, tablet e celular conectados à internet”) definem esse novo quadro informacional e comunicacional, até então dominados pela “mídia clássica (impressos, rádio e televisão)”. Pretendemos dar continuidade a essa discussão na parte do estudo que diz respeito à autoria.

2.2 Audiovisuais, Vídeos digitais e Tecnologias Móveis- câmera e ação

Na atual conjuntura, a comunicação acontece por meio de vários recursos tecnológicos cada vez mais presentes no nosso dia a dia e que vem causando mudanças na maneira como pensamos ou agimos. Nas palavras de Kenski (2008a, p.69): “sem sentir, adaptamos nossa maneira de agir, de pensar de nos comunicarmos, pela integração desses novos meios aos nossos comportamentos”.

Dentre os diversos suportes midiáticos, abordamos neste estudo o vídeo, sendo visível o seu uso pela grande quantidade de produções realizadas e compartilhadas no site do YouTube.

Perante a este cenário, consideramos pertinente resgatar brevemente a história do vídeo e sua evolução. Para Niemeyer Filho (1997), o surgimento do vídeo é datado no ano de 1955 para atender a necessidade do setor televisivo em gravar os programas, os quais eram realizados ao vivo, principalmente as telenovelas e os programas de auditório. Antes do vídeo, todo o elenco precisava comparecer no horário em que o evento ocorria, isso porque, naquela época, não havia tecnologias que permitissem gravar e editar as cenas para serem transmitidas posteriormente.

Com o passar dos anos, essa tecnologia que tem a função de armazenar imagens passou a evoluir com a chegada das filmadoras caseiras em modelo analógico. Vista como um mercado promissor, os fabricantes realizaram grandes investimentos neste setor com o propósito de criar novas ferramentas para gravar as imagens, como cita Avila (2004).

É diante do quadro de evolução das máquinas de formato analógico para as digitais que apresentamos as diferenças de armazenamento de imagens entre elas: as primeiras criações “funcionavam capturando e armazenando as imagens em fitas magnéticas, fotografando as imagens várias vezes por minuto”. Enquanto que, “as filmadoras digitais armazenam as imagens em formato digital e gravam esta digitalização da mesma forma que os computadores gravam dados”. Para o autor, os vídeos digitais apresentam diferentes tipos de arquivos que podem ser manipulados e editados em computadores pessoais (AVILA, 2004, p.91).

Essas inovações tecnológicas trouxeram mudanças. O número de vídeos caseiros disponíveis na Internet vem aumentando gradativamente, isso porque os aparelhos de captação de som e imagem estão se transformando e se popularizando, conforme aponta Rodrigues (2005) em sua pesquisa sobre documentários. Em um momento anterior, esses aparatos eram utilizados exclusivamente por profissionais da área devido ao alto preço.

Deparamos com um cenário em que o desenvolvimento das tecnologias nos últimos anos barateou os meios de produção da informação e da comunicação, aumentando a venda, assim como, o consumo desses produtos pela população. Dessa maneira o que era acessível somente a um determinado público, as grandes produtoras, passa a ser utilizado pelas pessoas de um modo geral.

A popularização das tecnologias móveis é vista por Ricciardi (2011) como possibilidade do cidadão comum produzir e divulgar vídeos com o uso, por exemplo, de celulares com câmeras.

Essa facilidade de produzir vídeos, também, ocorre no momento da divulgação. Há diversos *sites* que permitem a publicação de vídeos, porém, citamos o site mais conhecido e acessado pela grande maioria de usuários, o YouTube, que é “um dos mais valorizados sites da internet em termos financeiros, e, no momento presente, a maior comunidade mundial de compartilhamento de vídeos, excedendo 2 bilhões de exibições por dia”. O *site* também está disponível para celulares desde o ano de 2007, “uma contribuição à portabilidade e à mobilidade que permitiram assistir e postar vídeos de qualquer lugar” (RICCIARDI, 2011, p.88).

O YouTube se caracteriza em um *site* de livre acesso que permite a qualquer pessoa postar o vídeo que deseja, pois não há seleção do conteúdo. Dessa forma, destacamos a facilidade que nos é dada em dias atuais de produzir vídeos com o uso de pequenos aparelhos móveis (máquinas digitais, celulares, *tablets* e outros) e de compartilhar a produção em repositórios da Internet.

Portanto, devido aos consideráveis avanços tecnológicos, o que era inimaginável há quinze anos ganhou materialidade nos dias atuais, como é o caso dos aparelhos celulares- os *smartphones*- cada vez mais completos em suas funcionalidades.

Para a definição de tecnologias móveis (celulares, *tablets*, dentre outros) utilizamos as Diretrizes de Políticas para a aprendizagem móvel da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), a qual foi elaborada, por diversos profissionais especialistas, com a finalidade de proporcionar aos formuladores de políticas maior compreensão acerca da aprendizagem móvel e os seus benefícios singulares para serem usados como recursos em direção a uma Educação para todos³.

O referido documento da UNESCO (2014, p.8) apresenta o conceito de tecnologias móveis de maneira abrangente, como:

[...] digitais facilmente portáteis, de propriedade e controle de um indivíduo e não de uma instituição, com capacidade de acesso à internet e aspectos multimídia, e podem facilitar um grande número de tarefas, particularmente aquelas relacionadas à comunicação.

Portanto, a possibilidade que nos é ofertada em manipular os vídeos deve ser pensada no plano da educação. Moran (2013) aponta esse recurso como tecnologia para comunicação e publicação, sendo interessante para o aluno participar da produção da informação ao invés de ficar apenas acessando materiais prontos.

O vídeo apresenta uma linguagem audiovisual que agrega sons, imagens e movimentos, apresentando uma distância da linearidade dos textos normalmente trabalhados em sala de aula, além de despertar a atenção da nova geração (ALMEIDA, 2005a).

De acordo com Moran (2013, p.47), as crianças demonstram interesse pelo vídeo e geralmente acabam usando essa tecnologia para contar histórias até mesmo por meio de um aparelho simples, como o celular. O autor destaca a relevância do uso do vídeo na educação ao afirmar que: “qualquer um pode ser produtor e divulgador de materiais audiovisuais. A escola ainda não acordou para a importância do incentivo ao vídeo, tanto institucional como didático”.

Dessa maneira, apresentamos as possibilidades de uso dos celulares no desenvolvimento de atividades em sala de aula que transformam os alunos em autores:

³ Seria possível num país como o nosso, de grande extensão territorial onde há regiões de difícil locomoção, ampliar a educação para um grande número de pessoas se o “potencial educacional das redes” fosse aproveitado, uma vez que a maior parte dos brasileiros tem acesso à Internet por meio das tecnologias móveis, conforme aponta Kenski (2015, p.141).

Os celulares mais avançados, como os smartphones, permitem que um aluno ou um professor filmem ao vivo, editem cada vídeo rapidamente e o enviem ao YouTube ou a outro *site*, como o Ustream, imediatamente. É muito fácil, rápido e divertido ser produtor e transmissor de vídeo digital com tecnologias móveis hoje. As escolas não estão aproveitando todo o potencial que essas tecnologias trazem para que os alunos se transformem em autores, narradores, contadores de histórias e divulgadores (MORAN, 2013, p.48).

Nesta perspectiva, concordamos com o uso de aparelhos móveis voltados para a exploração pedagógica já que estes apresentam multifunções a serem aproveitadas na produção de informações e conhecimentos. Assim, os celulares, máquinas fotográficas digitais, dentre outros dispositivos digitais de comunicação concedem ao aluno a oportunidade de produzir algo e ao público de interagir com essa produção, como já citamos anteriormente, no caso do YouTube. Tal possibilidade se concentrava nas mãos de poucos e hoje os alunos podem se apoderar dessa conquista.

Na sua constituição, o vídeo “pode trazer informações contextualizadas, por meio de uma linguagem própria, constituída pelo dinamismo de imagens e sons”. Para utilizar o seu potencial no processo de ensino e aprendizagem é preciso que haja a intervenção do professor, bem como, “conhecer as implicações envolvidas na produção de um vídeo, que vão além da operacionalização de uma câmera”, como destaca Prado (2005, p.10).

Portanto, cabe ao professor saber aproveitar o potencial das tecnologias, em especial o vídeo, para que o aluno possa dar sentido a grande quantidade de informações, que é acessada e compartilhada em fração de segundos, e deixe de ser receptor para se tornar produtor.

2.3 Produtores de informação e comunicação: autoria

De acordo com as pesquisas, sabemos que o homem se comunica desde os primórdios da civilização e, no decorrer da história, criou vários instrumentos para facilitar essa comunicação. Dessa forma, retomamos os apontamentos de Kenski (2008b, p.27) em relação ao “processo de produção industrial”, o qual “trouxe uma nova realidade para o uso das tecnologias da inteligência” com a criação dos novos meios de comunicação.

As tecnologias da inteligência encontram-se articuladas às TIC e realizam a transmissão de informações por intermédio de suportes midiáticos (KENSKI, 2008b).

Esses suportes midiáticos como: jornais, televisão, rádio, cinema e fotografia são denominados por Silva (2005, p.63) como mídia clássica, a qual tem como objetivo reproduzir e comunicar as informações a um grande número de pessoas. Para o autor, nessa mídia, o usuário assume apenas o papel de receptor, pois “a mensagem está fechada em sua estabilidade material”.

Em contrapartida, atualmente há a mídia *online*. Nesse caso, o usuário não só recebe as informações, bem como, consegue modificá-las. Portanto, a relação entre informação, comunicação e sujeito ganha outro sentido, pois, além de receber a informação, é possível participar da construção do conteúdo a ser divulgado, “no lugar de receber a informação, ele tem a experiência da participação na elaboração do conteúdo da comunicação e na criação de conhecimento” (SILVA, 2005, p.63).

Essa facilidade ofertada pelas TDIC que concede ao usuário o papel de produtor, bem como, o de comunicador, nos reporta aos estudos realizados por Freire (2014, p.24), quando o autor aborda o tratamento que se deve ter em relação à produção do saber na escola. O professor precisa ultrapassar a ideia de ensino vinculado a transmissão de informações e pensar em caminhos que favoreçam a construção do conhecimento, pois, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção”.

E, nessa construção do conhecimento é importante considerar os saberes socialmente elaborados pelos alunos e relacioná-los com os conteúdos curriculares abordados em sala de aula. Neste caso, Freire (2014, p.31) faz a seguinte indagação:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. [...] Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Diante do exposto, traçamos uma linha paralela entre as características do dispositivo comunicacional apresentadas pelas tecnologias digitais, vídeos, e a proposta de ensino defendida por Freire (2014). Nessa análise, o aluno pode estabelecer uma relação de participante da comunicação como emissor e receptor, assumindo a posição de produtor das informações e não mero consumidor.

Portanto, partindo da proposta de construir o saber, o professor pode atribuir novo sentido ao vídeo, usando “como meio de representação do conhecimento do aluno”. Isso

resulta em momento rico de aprendizagem, com maior relevância quando o professor pensa em ações que concedem ao aluno o papel de “autor-produtor de ideias” (PRADO, 2005, p.10).

Perante essa possibilidade concedida ao sujeito, Palfrey e Gasser (2011, p.145) expressam sobre as conquistas alavancadas pelas tecnologias digitais em informar e comunicar:

A tecnologia digital dá a todos os meios para se expressarem, mas também os capacita a falar – e a serem ouvidos por outros, incluindo aqueles que estão no poder- de maneira que as gerações anteriores só poderiam ter imaginado. Os criadores não precisam mais dos antigos guardiões, como agências profissionais, conselhos editoriais e produtores.

Outro ponto que merece destaque diz respeito à liberdade dada a essa nova geração de ser autor da informação e da comunicação:

[...] a falência da antiga hierarquia e estão provando sua capacidade para explorar as novas hierarquias que estão emergindo em seu lugar. Os Nativos Digitais estão crescendo em um corajoso novo mundo em que as decisões sobre o que será e não será produzido não está mais nas mãos de um pequeno número de profissionais da indústria de conteúdo. Ao contrário das gerações mais velhas, que cresceram dependendo de um pequeno grupo de redes, jornais e estúdios de cinema, os Nativos Digitais assumem seu papel como os verdadeiros formadores da cultura (PALFREY e GASSER, 2011, p.145).

O que antes era dominado por um grupo, passa a ser ampliado para a população, principalmente para os nativos digitais, sendo possível usar aquilo que tem em mãos, pequena aparelhagem, para expressar ideias, conhecimentos ou a própria realidade ao mundo inteiro.

É diante deste cenário que entra o papel do professor em pensar em novas propostas educativas que contemplem o uso de mídias digitais e que estejam ancoradas numa concepção de aprendizagem que torne possível transformar a sobrecarga de informações em construção de conhecimentos. Pois, o ditar e o falar não dão conta de uma geração que vive na era digital e que tem oportunidade de produzir informações.

Por essas razões, demanda-se a intervenção do professor para que não se perca o potencial das tecnologias digitais na educação, como já citamos anteriormente. Essa intervenção deve ocorrer de maneira diversa da concepção de ensino que preza a transmissão de informações, ela deve acontecer no sentido de “criar condições que favoreçam o processo de construção do conhecimento dos alunos” (PRADO, 2005, p.10).

Trabalhar as tecnologias com os nativos de modo tradicional, quando se tem um grande número de informações circulando nos dispositivos móveis com acesso de baixo custo

em qualquer hora e lugar, é a mesma que “chover no molhado”, como diz a expressão popular. Caso as TIC ou TDIC venham a ser inseridas nessa abordagem de educação, a qual exige do aluno a repetição de conteúdos, corre-se o risco delas se tornarem modismo, algo passageiro, como aponta as Orientações Curriculares (2010).

Portanto, não é possível explorar as diversas possibilidades de uso das TDIC a partir de uma prática pedagógica baseada na concepção tradicional de educação. Concordamos sobre a importância do aluno ter acesso ao conhecimento historicamente construído pelo homem, mas não da forma como aconteceu durante anos, do aluno somente receber, depositar, guardar e arquivar. Abordaremos a questão da prática pedagógica adiante.

2.4 Nativos digitais: quem são?

Quem são esses alunos que se familiarizam rapidamente com as tecnologias e que são chamados de nativos digitais? Para responder a seguinte indagação, apresentaremos essa nova geração que está presente nas salas de aula dos dias atuais.

Neste novo cenário, marcado pela enorme quantidade de informações com acesso livre, encontramos a existência de diversas gerações que usam as tecnologias digitais. Belluzzo e Feres (2011) descrevem três tipos de gerações: Boomer (1946-1964), X (1965-1979) e Y (1980-2000). Porém, citamos a Geração Y como interesse de pesquisa.

Os autores elencam as principais características dessa geração:

[...] acostumados à comunicação instantânea, se conectam com as pessoas das mais variadas formas: SMS, email, Twitter, blogs, etc.; ficam à vontade diante da globalização e do maior fluxo de informação; é uma geração que adora *feedback*, é multitarefa, sonha em conciliar lazer e trabalho e é muito ligada em tecnologia e novas mídias (BELLUZZO E FERES, 2011, p. 25, grifo do autor).

Alguns autores nomeiam essa geração como “conectada” ou “plugada”, a qual apresenta uma maneira diferente de interagir da geração anterior. Segundo Belluzzo e Feres (2011), a geração Y costuma estabelecer contato com outras pessoas por meio de redes sociais. A conversa ocorre com a troca de “mensagens de texto por celulares” ou pelo MSN

Messenger⁴ e a busca por informações ocorre com a leitura de revistas e jornais acessada na Internet.

Contudo, no contexto atual, nos deparamos com outras redes sociais, como é o exemplo do Facebook⁵, que nos permite interagir com pessoas de qualquer parte do mundo, sejam elas conhecidas ou não. Nesse caso, o usuário posta ou compartilha fotos, vídeos e publicações com os amigos, curte páginas, faz comentários, adiciona outras pessoas em sua rede, isto é, participa de uma comunicação e interação bem diferente da qual estávamos acostumados poucos anos atrás. Outro exemplo de meio de comunicação é o aplicativo “WhatsApp Messenger⁶”, disponível para os celulares do tipo *smartphones* que proporciona o envio de mensagens instantâneas, bem como, fotos, vídeos e áudio.

Como visto, “a era digital passou, então, a transformar o modo como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras e com o mundo que as cerca” (PALFREY e GASSER, 2011, p.13). Sendo assim, apresentamos mesmo que brevemente, as duas gerações que antecedem aos nativos digitais e que são mencionados pelos autores: os colonizadores digitais, ou seja, aquelas pessoas que cresceram em um ambiente analógico, estão conectados *online*, mas interagem de forma tradicional, e os imigrantes digitais, aqueles que estão menos habituados com o ambiente digital.

Palfrey e Gasser (2011) citam que os nativos digitais são aqueles que nasceram depois da década de oitenta com a chegada do *online*. Essa nova geração não somente tem acesso as tecnologias digitais como também apresentam habilidades que impressionam qualquer pessoa.

É notório que os alunos pequenos acabam ensinando os mais velhos quando o assunto é “mexer” no computador ou no celular, eles desbravam esse mundo digital com naturalidade. Com os dedos nas telas *touch screen* (tela de toque) assistem vídeos, tiram fotos com o celular, jogam games, gravam áudios e realizam outras atividades antes mesmo de estarem alfabetizados.

Conforme a leitura dos teóricos, essa geração denominada de nativos digitais estão inseridos em um cenário movido por transformações que ocorrem de maneira acelerada,

⁴ Programa de bate papo com vídeo e áudio que acabou sendo substituído pelo Skype.

⁵ Criado nas últimas décadas por estudantes de Harvard, o Facebook é uma página da Internet de “relacionamento social”, conforme Okada (2011, p.6).

⁶ Aplicativo gratuito que permite ao usuário enviar mensagens e realizar chamadas para os seus contatos que também disponibilizam deste programa. Além dessas vantagens, é possível participar de conversas em grupo. Para isso, os celulares precisam estar conectados à Internet.

em que a invenção considerada como nova torna-se velha em poucos meses, antes mesmo de ser apropriada pela educação.

Esse mundo com uma grande produção e circulação de informações oferece, também, uma interação entre os pares bem diferente de anos atrás e, sobretudo, maior interação com o conteúdo quando os consumidores passam a ser criadores de informação.

Porém, a nova forma de criar e expressar informações está sendo utilizada pelos nativos digitais para a banalização de conteúdos, como citam Palfrey e Gasser (2011, p.131) “são limitadas ao inteiramente não espetacular: um novo perfil pessoal no Facebook, uma mensagem no twitter.com...”, do que para a criação de algo relevante. Para os autores, a “criação” envolve qualquer conteúdo produzido pelos nativos, seja relevante ou não, e apontam que a Internet “liberou uma explosão de criatividade”, sendo a palavra- criatividade empregada no sentido de criar algo útil e com qualidade.

Dessa forma, consideramos relevante o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que contemple tal fato descrito, com o propósito do aluno produzir assuntos de qualidade. Para isso, a escola precisa compreender que recebe outro tipo de clientela de tempos anteriores. Hoje, há nos bancos escolares alunos da era digital que usam as tecnologias fora dos muros da escola para criar algo, seja conteúdo bom ou ruim.

O documento “Orientações Curriculares: proposições de expectativas de aprendizagem-Tecnologias de Informação e Comunicação”⁷, da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo, foi elaborado durante quatro anos de trabalho e apresentado aos professores dessa rede como norteador de práticas pedagógicas, o qual questiona o tipo de educação que está sendo oferecido aos nativos digitais.

Os alunos que nasceram a partir do ano de 2000 e que chegam ao Ensino Fundamental recebem uma educação de acordo com as mudanças rápidas fomentadas pelas tecnologias?

Tal questão é discutida no documento, isso porque os nativos digitais apresentam perfil diferente e aprendem não somente em um único espaço do saber: a escola, como também, em ambientes informais de aprendizagem. Dessa maneira, além da inclusão digital, um dos maiores desafios da educação é integrar as TIC no contexto escolar e saber aproveitar

⁷ O texto traz discussões sobre: conceito de tecnologia, trajetória das TIC, desafios da educação frente às exigências da sociedade contemporânea e a situação dessas tecnologias na educação brasileira e no mundo. Além disso, apresenta projetos desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação (SME) no ensino fundamental- 1° ao 9° ano para trabalhar as competências de Informação e Comunicação. Antes desse documento, foi disponibilizado no de 2006 aos Professores Orientadores de Informática Educativa (POIE) e demais professores da rede municipal o “Caderno de Orientações Didáticas – Ler e Escrever - Tecnologias na Educação”.

o seu potencial no processo de ensino e aprendizagem, mas para alcançar tais mudanças, torna-se fundamental romper com o paradigma de educação vigente.

Sabemos que, em pleno século XXI, é possível ter o conhecimento na palma das nossas mãos. Com um simples toque na tela do celular ou de outro dispositivo móvel, podemos ter acesso a diversas informações a qualquer hora ou lugar. E, de acordo com Perez e Tezani (2010), todas essas mudanças que vem ocorrendo nos últimos tempos estão modificando a maneira de pensar e aprender.

As habilidades dos nativos digitais impressionam, eles aprendem a usar as tecnologias digitais com destreza e, algumas vezes, acabam ensinando aqueles adultos que encontram dificuldades em utilizá-las. Palfrey e Gasser (2011) citam vários exemplos para esse fato, como de uma menina de 8 anos de idade criando sozinha um vídeo que foi visualizado por milhares de pessoas no Youtube ou, então, de um jovem que exhibe os materiais do trabalho em um recurso superior ao do PowerPoint, até então utilizado pelo adulto.

Portanto, concordamos com Perez e Tezani (2010) quando afirmam que há outro tipo de criança na sociedade contemporânea que se relaciona cada vez mais com as TIC, sendo estas responsáveis pelas transformações na maneira de conhecer e aprender.

Diante deste cenário, nós professores encontramos atualmente em sala de aula uma geração de alunos totalmente diferente de alguns anos atrás. Os tempos mudaram e não há como negar esse fato, pois eles nasceram em um mundo que apresenta outro tipo de comunicação e outra linguagem, a digital.

Segundo Presnky (2001), os nativos digitais nasceram em um mundo digital que oferece o contato com vídeo games, Internet, computadores, mensagens instantâneas, celulares e outras tecnologias, de modo que, essa interação reflete na maneira como eles pensam e processam as informações o que é distinto das gerações anteriores.

Para o referido autor, a educação deve tomar um novo rumo para receber os nativos digitais que conseguem realizar inúmeras tarefas ao mesmo tempo, pois o sistema educacional ainda está estruturado nos alunos de anos atrás, em um paradigma antigo de educação. Os alunos de hoje são considerados como as primeiras gerações que cresceram e que interagem com as tecnologias digitais, as quais se expandiram rapidamente nas últimas décadas do século XX.

Diante do exposto, em que é preciso repensar a educação escolar oferecida pelos nativos digitais que, iremos tecer considerações acerca do processo de ensino e aprendizagem

mediado por tecnologias, por instrumentos culturais, tendo a obra de Vigostki⁸ como aporte teórico.

⁸ Registramos a palavra “Vigostki” de acordo com a grafia empregada na obra: “A formação social da mente”.

3 ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Nesta pesquisa partimos do propósito da criação de vídeos digitais por parte dos alunos com o uso da máquina fotográfica digital e celular e, por isso, julgamos pertinente citar a abordagem histórico-cultural⁹ de Vigotski (pesquisador russo e adepto ao pensamento marxista) como referencial teórico para o uso das tecnologias como instrumentos de criação humana, constituídos por conhecimentos e aptidões que são apropriados por meio da aprendizagem social.

Sabemos que os postulados teóricos de Vigotski foram escritos em um momento da história em que as tecnologias eram outras, diferentes das presentes na sociedade contemporânea, porém a maneira como a teoria concebe o homem e os demais assuntos é que, a nosso ver, possibilita uma conversa com os instrumentos do século XXI, como mediadores no processo de ensino e aprendizagem.

A partir dessa perspectiva teórica é que apresentamos as tecnologias como instrumentos elaborados pelo homem, os quais são arquitetados por conhecimentos transmitidos de geração em geração capazes de realizar a mediação do sujeito com o mundo. Assim, em cada época da história é preciso aprender o uso social da produção humana que não acontece de maneira direta com o objeto, mas por meio da intervenção ou colaboração do outro, como aponta Mello (2004). Em outras palavras, para o nosso aluno se apropriar das aptidões humanas contidas nos objetos torna-se fundamental que ele aprenda a função social das tecnologias. Para isso, o professor deve realizar a intervenção, a fim de ensinar o uso social dessa invenção, que no caso deste estudo se concretiza com a utilização pedagógica do vídeo digital.

3.1 As tecnologias como instrumentos de criação humana

⁹ O Sistema de Ensino Municipal, do qual faço parte como professora, implantou no ano de 2012 o Currículo Comum para o ensino fundamental. Este documento, elaborado por profissionais da educação e em fase de revisão, está pautado na abordagem histórico-cultural e na vertente democrática e participativa.

Antes de entrarmos na questão propriamente dita dos instrumentos, cabe explicitarmos a concepção de homem para tal teoria que é de um ser histórico-cultural que se torna humano por meio de relações estabelecidas com outras pessoas, “com as situações que vive, no momento histórico em que vive e com a cultura a que tem acesso” (MELLO, 2004, p.136).

Dessa maneira, Vigotski buscou compreender o seu interesse de estudo, o desenvolvimento psíquico, a partir do conceito de homem como ser sócio-histórico que tem as suas funções psicológicas superiores desenvolvidas pela apropriação da cultura-dos instrumentos e dos signos, elaborados e aprimorados pela humanidade.

Ao longo dos anos, o homem criou coisas materiais e não-materiais, sendo essas invenções denominadas de cultura. “As coisas materiais da cultura são constituídas pelos instrumentos de trabalho, pelas máquinas, pelos objetos que utilizamos para as mais diferentes atividades”. Enquanto que, as coisas denominadas de não-materiais referem-se ao “conjunto igualmente extenso constituído pelos hábitos e costumes de um povo, pela língua, pelos conhecimentos, pelas artes, pelas ideias...” (MELLO, 2004, p.137)

Para as postulações de Vigotski, a apropriação dos instrumentos e dos signos significa o acesso a criação e produção da cultura humana. É durante essas atividades que o homem também cria habilidades, aptidões e capacidades humanas necessárias para usar os objetos, os quais carregam em si toda a atividade humana, segundo Leontiev (s/d, p.284):

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objectos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de actividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo.

Assim, um dos pilares que fundamentam essa corrente teórica é a relação mediada do homem com o mundo, a qual não ocorre de maneira direta e sim pelos instrumentos e signos, sendo a linguagem o principal sistema simbólico. Por meio desses dois elementos, que representam um avanço da humanidade, “o homem não só domina o meio ambiente como o seu próprio comportamento”, conforme Rego (2014, p. 49).

Como vimos, a relação do homem com o mundo que o circunda não é direta, mas sim mediada. Diante disso, para a vertente teórica histórico-cultural, o instrumento, como papel mediador, permite ao homem realizar mudanças na natureza. E, além de executar determinadas tarefas com o uso do objeto, o ser humano é capaz de conservar aquilo que foi

inventado, transmitir a função social aos demais, aprimorar os objetos já existentes, bem como, elaborar novos.

Portanto, o homem transforma a natureza para atender suas necessidades básicas e se transforma. Isto é, para viver em sociedade torna-se necessário a apropriação da cultura acumulada durante o processo histórico da humanidade, já que, além do suporte biológico, o homem para se tornar humano “precisa se apropriar das objetivações humanas, ou seja, adquirir a atividade histórico-social das gerações precedentes, que se encontra depositada, acumulada nos objetos, linguagem, usos e costumes” (LEITE e EIDT, 2010, p.50).

Para o aporte teórico histórico-cultural, a cultura tem importância no desenvolvimento humano, isso porque o homem utiliza os conhecimentos transmitidos de geração em geração, bem como, constrói novos saberes para criar coisas, tornando-se necessário aprender um conjunto de habilidades para lidar com essas invenções humanas e essa aprendizagem acontece mediante a relação com o outro.

Nesta perspectiva, cabe à educação o papel de garantir as novas gerações o acesso a cultura historicamente construída pelo homem, viabilizando a apropriação das aptidões que se encontram externas aos alunos, mas que estão cristalizadas nas coisas materiais e imateriais da cultura.

A aquisição da cultura promove a transformação das funções psicológicas superiores tendo a educação um papel importante neste processo, pois as novas aptidões e as funções psíquicas não acontecem de maneira isolada, torna-se necessário a relação do homem com o outro. Leontiev (s/d, p.290, grifo do autor) deixa bem claro a importância do outro:

[...] Para se apropriar destes resultados, para fazer deles *as suas aptidões*, os órgãos da sua individualidade, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a actividade adequada.

Portanto, articulando as concepções da vertente histórico-cultural com essa Dissertação de Mestrado compreendemos que as tecnologias, como a máquina fotográfica digital e os celulares (os quais possibilitam a criação de vídeos), fazem parte da cultura, pois são instrumentos construídos e aprimorados pelo homem no decorrer dos anos. Dessa maneira, como mencionado anteriormente, para se apropriar desse bem cultural é preciso que o professor proporcione situações para que o aluno possa aprender a utilidade social dessa invenção, que neste caso especificamente remete a construção de vídeos digitais por parte dos alunos como forma de comunicação na perspectiva de autoria.

Além disto, ao considerarmos a afirmação da autora Mello (2004, p.136) em que “as habilidades, capacidades e aptidões humanas criadas e necessárias à vida eram umas na Pré-História, outras na Idade Média, outras ainda no início da Revolução Industrial e são outras neste momento da nossa história”, entendemos que na atualidade, num mundo contemporâneo marcado por novas tecnologias que permitem novas maneiras de aprender e de se comunicar, as habilidades são outras, sendo papel da escola abordar a cultura atual. Desta forma, entendemos que o sujeito precisa aprender estas habilidades necessárias para o uso da cultura no contexto histórico em que está inserido.

3.2 A importância do outro na apropriação da cultura: aprendizagem e desenvolvimento

Conforme citamos na seção anterior os instrumentos e os signos foram elaborados pela humanidade e carregam conhecimentos que devem ser apropriados pelo homem, de modo que, para a abordagem histórica-cultural a aquisição da cultura acontece mediante a aprendizagem com o outro mais experiente. Portanto, nesta parte do estudo abordaremos brevemente sobre a relação entre aprendizado e desenvolvimento e suas implicações para a educação.

Primeiramente, é importante pontuarmos sobre a questão do desenvolvimento da espécie humana que é compreendido como um processo que acontece entre o biológico e o meio social, devido à relevância que Vigotski atribui a atuação do outro no momento da aprendizagem.

Perante tal informação, o desenvolvimento humano não ocorre exclusivamente pela maturação biológica, ou seja, o organismo por si só não garante o aprendizado e a realização de atividades. É preciso, então, que o homem vivencie com outras pessoas situações que fomentem o seu desenvolvimento, pois é o aprendizado do sujeito com o outro que irá proporcionar o “desabrochar” dos processos internos, como aponta Oliveira (2000).

Assim, constatamos que Vigotski atribui destaque aos processos de aprendizado para o desenvolvimento das funções internas. Em seus postulados, a aprendizagem elabora a zona de desenvolvimento proximal, que é definida como:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um

adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 2007, p.97, grifo do autor).

Em síntese, a capacidade do sujeito em resolver o problema sem a ajuda de alguém é concebido como nível de desenvolvimento real, neste caso, as funções psicológicas já estão consolidadas. A situação ocorre de modo inverso no nível de desenvolvimento potencial, o sujeito não consegue solucionar a tarefa sozinho, mas é capaz de aprender com o outro e, assim, o que era realizado com a assistência de alguém passa a ser praticado com independência.

É diante do conceito de zona de desenvolvimento proximal (distância entre os dois níveis) que se destaca na educação escolar a importância da intervenção pedagógica para causar transformações nos processos mentais, pois essa zona “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário” (VIGOTSKI, 2007, p.98).

A educação precisa aproveitar esse gancho do amadurecimento das funções psíquicas para que os processos de desenvolvimento sejam consolidados. Assim, o desenvolvimento do aluno fica vinculado à aprendizagem, que por sua vez depende da atuação do outro, pois a tarefa até então considerada difícil de resolver sozinho torna-se fácil por meio da colaboração de alguém com mais experiência.

E este outro sujeito com maior experiência na educação escolar é o professor, responsável em realizar a mediação do aluno com o legado cultural da humanidade. De acordo com Rego (2014), o professor deixa de ser concebido como o único detentor das informações e passa a ser o mediador entre as interações interpessoais e entre os indivíduos com os objetos de conhecimento.

Leontiev (s/d) recorre a uma obra para exemplificar a importância do outro para manter viva a cultura humana. Caso o mundo fosse alvo de uma catástrofe que resultasse somente na sobrevivência das crianças a história seria então rapidamente interrompida. Não haveria ninguém capaz para transmitir às novas gerações todo o conhecimento construído ao longo dos anos e, conseqüentemente, não saberiam fazer uso de toda riqueza cultural construída pelo homem.

Diante do exposto, compreendemos, então, que é com ajuda do outro, sujeito experiente, que o homem apropria a cultura e desenvolve as qualidades humanas, sendo que este processo de aprendizagem envolve a realização de atividades.

Segundo Leontiev (2003, p.65), em cada fase do desenvolvimento psíquico há o predomínio de uma atividade principal, que é definida como “a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento”.

Assim, a comunicação é considerada como a primeira atividade principal desenvolvida no início da vida do sujeito, seguida da imitação do uso social dos objetos utilizados pelos adultos. Logo após, vem a atividade do faz-de-conta. E, ao ingressar no Ensino Fundamental o estudo passa a ser a atividade principal do aluno.

Portanto, como podemos observar, em cada fase há uma atividade importante que promove mudanças no desenvolvimento psíquico e outras que ocupam uma posição secundária. Leontiev (2003) explica que essas mudanças de atividades ocorrem quando a criança compreende que a tarefa até então realizada por ela não condiz mais com suas potencialidades, sendo preciso, então, mudá-la.

[...] o tempo passa, e o conhecimento da criança aumenta. Suas capacidades tornam-se maiores, e seus poderes crescem. Como resultado disso tudo, a atividade no jardim de infância perde o sentido que possuía anteriormente para a criança e ela, cada vez mais, desliga-se dos interesses do jardim de infância. Ou melhor, procura descobrir novo conteúdo nele. Formam-se grupo de crianças que começam a viver sua própria vida, uma vida especial, secreta, não mais “pré-escolar”; a rua, o pátio, a companhia das crianças mais velhas tornam-se cada vez mais atraentes (LEONTIEV, 2003, p.66).

Delineamos esse caminho, pois para a teoria histórico-cultural a atividade tem relação com a aprendizagem, conseqüentemente, com a apropriação de novos conhecimentos e aptidões humanas. Para melhor compreensão, citamos as palavras de Mello (2004, p.147) “a realização de uma tarefa leva à aprendizagem quando esta se configura como uma atividade”.

E isso acontece quando a criança realiza algo que faz sentido pra ela. Para a tarefa ter sentido é preciso que haja coincidência entre objetivo e motivo, caso contrário deixa de ser atividade e passa a ser ação. Desta forma, caso o resultado da tarefa venha a atender uma necessidade do sujeito, temos então uma atividade.

Ao transpor a teoria da atividade para a educação escolar, Mello (2004, p.150) relata que a atividade precisa atender aos interesses do sujeito e quando não há motivos capazes de aumentar suas necessidades de conhecimento, torna-se necessário criá-los e isso é possível porque eles são históricos e sociais. Novos motivos podem ser criados durante a permanência do aluno na escola, colaborando no desenvolvimento das capacidades humanas e aptidões “que tornam a criança um ser humano mais completo”.

Para a supracitada autora, a criação de novos interesses depende do contato do aluno com experiências diferenciadas, capazes de se tornarem atividades significativas. Tais experiências precisam ser pensadas para o sujeito se envolver em sua realização, de modo que, o resultado da atividade seja o motivo que mobiliza o seu fazer.

É durante a realização de atividades com o uso de objetos que o aluno passa a ter contato com as qualidades presentes nos instrumentos. Com isso ressaltamos que o sujeito começa a conhecer tal objeto por meio da relação com o outro mais experiente que utiliza a linguagem em várias formas.

[...] a criança percebe o uso de determinado objeto por meio da aprendizagem social, quando lhe é dada a função do mesmo. Uma criança com desenvolvimento típico nasce com capacidade viso-motora de manusear um objeto, porém só aprende a utilizá-lo com propriedade, se intermediado por outra pessoa que já o faça com autonomia, apropriando-se da mediação humana com o objeto (LEITE e EDIT, 2010, p.71).

Desta forma, refletindo a abordagem teórica com a proposta deste estudo, podemos considerar que os vídeos digitais integram a trajetória da história humana, pois são instrumentos construídos socialmente e culturalmente pelo homem, capazes de mediar a relação do indivíduo com o mundo, como relatamos anteriormente.

Em face disso, citamos as palavras de Moran (2013, p.49) que, em seus estudos sobre o uso das tecnologias na educação, destaca a questão do outro no processo de ensino e aprendizagem, “o papel do educador é fundamental se agrega valor ao que o aluno sozinho consegue fazer com a tecnologia; e o aluno aprende mais se, na interlocução com o educador e seus colegas, consegue avançar muito mais do que se aprendesse sozinho”.

Para o aluno fazer uso da máquina fotográfica digital e dos dispositivos móveis, é preciso que ele conheça as funções destes instrumentos. Funções essas que permitem ao usuário produzir qualquer tipo de informação e comunicar a sua produção, como ocorre no YouTube, uma situação inversa de anos atrás em que a modalidade comunicacional seguia a relação de emissor-receptor.

Porém, o sujeito precisa entrar em contato com alguém mais experiente para que os dispositivos móveis deixem de ser meros objetos de diversos formatos, com botões, números, com telas de vidro e se tornem instrumentos com várias funções, sendo uma delas a filmagem direcionada para a criação de vídeos digitais, tendo os alunos como produtores.

A apropriação desta herança cultural no ambiente escolar depende da aprendizagem com o outro mais experiente que utiliza a invenção como possibilidade para

informar e comunicar assuntos que se diferem do entretenimento, explorando as possibilidades pedagógicas dos vídeos digitais.

Desta forma, diante das diversas funções que as tecnologias oferecem, o nativo digital precisa ter contato com atividades que favoreçam a apropriação do uso desses instrumentos para a elaboração de novos conhecimentos, sendo imprescindível a intervenção do professor. Nesse sentido, compreendemos que o uso desses aparelhos para atingir a produção de vídeos digitais com viés pedagógico requer dos alunos novas aprendizagens, seja para construir conhecimentos, manusear aparelhos, editar ou expressar ideias.

Destacamos que, neste ambiente de aprendizagem mediado pelo uso dos instrumentos culturais da atualidade, o aluno deve se apropriar de conhecimentos sistematizados, conteúdos, que irão compor o vídeo digital. Para isso, cabe ao professor promover atividades que venham a incidir na zona de desenvolvimento proximal do aluno e que envolvam a interação entre os sujeitos.

De acordo com Mello (2004, p.141) “apenas pela experiência social o objeto assume o fim para o qual ele foi criado” e no caso deste estudo assume a função de instrumento que possibilita a construção de vídeos pelo aluno, que pode fazer uso da linguagem audiovisual para expressar as suas ideias, seu conhecimento.

Em seus estudos sobre “tecnologia e educação”, Valente (1993) cita que a abordagem teórica vigotskiana apresenta a melhor explicação sobre a atuação do mediador, pois considera que a intervenção só se concretiza quando esta atinge a zona de desenvolvimento proximal do aluno.

Portanto, para atingir o propósito de apropriação e elaboração de conhecimentos, cabe ao professor organizar atividades a partir das necessidades reais dos alunos, intervindo dentro de uma proposta pedagógica diferente da tradicional. Pois, de acordo com Rego (2014), a vertente histórico-cultural concebe o sujeito como um ser participante no seu processo de conhecimento.

3.3 Repensar a prática pedagógica

É fato que a sociedade está em constante transformação e para acompanhá-la a educação precisa mudar a sua prática pedagógica. Segundo Mello (2004, p. 137), “o homem,

desde o princípio da história humana, não parou de modificar suas condições de sua vida e a si próprio”.

Diante do exposto, quando apresentamos o referencial teórico histórico-cultural citamos a importância da interação do outro na apropriação da cultura e, para isso, cabe a nós repensarmos a prática pedagógica.

A sociedade contemporânea apresenta uma cultura digital em que podemos buscar conhecimentos fora dos muros da escola, assim como, divulgar por meio de *sites*, redes sociais os saberes produzidos por nós usuários, tornando-se, necessário a apropriação de habilidades, capacidades e aptidões humanas da época, como aponta Mello (2004).

Como descrevemos anteriormente, o homem há anos elabora e aprimora as tecnologias já existentes, mas, nos últimos tempos, vem criando tecnologias potentes, tornando aquilo que era inimaginável há quinze atrás como parte integrante da rotina, como o uso de objetos que apresentam múltiplas funções, como o caso do celular. Durante essas invenções e mudanças que ocorrem rapidamente, o ser humano precisa se apropriar de conhecimentos, habilidades, competências e capacidades humanas para lidar com essa nova realidade.

Compreendemos que as capacidades humanas a serem desenvolvidas no contexto atual diferem da época da Revolução Industrial. De acordo com Kenski (2008b, p.21), “o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir”. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos que devem ser considerados pela educação escolar.

Leite (2011, p.69) afirma que “hoje vivemos em um momento cultural diverso, com diferentes maneiras de construir e representar conhecimento”. Porém, a prática pedagógica de anos atrás se repete em pleno século XXI, isto é, se reproduz em um cenário marcado pelo aprimoramento e surgimento de novas tecnologias que conta com um novo perfil de alunos em sala de aula. Tal ação pedagógica apoia-se no paradigma em que cabe ao professor somente transmitir informações e ao aluno o papel de ouvinte.

Muitas vezes, as escolas são aparelhadas com tecnologias, porém é preciso mais que a simples inserção dessas tecnologias nos laboratórios de informática. Necessita-se de recursos humanos que enxergue essas invenções no processo de ensino e aprendizagem de modo diferente da qual estamos acostumados. Tal fato nos remete as palavras de Oliveira (2000, p.87), em que “o mero contato com objetos de conhecimento não garante a aprendizagem, assim como a simples imersão em ambientes informadores não promove,

necessariamente, o desenvolvimento, balizado por metas culturalmente definidas”, portanto, se faz necessário a intervenção do outro na aprendizagem.

Rego (2014, p.106) explica que:

O ensino verbalista, baseado na transmissão oral de conhecimentos por parte do professor, assim como as práticas espontaneístas, que abdicam de seu papel de desafiar e intervir no processo de apropriação de conhecimentos por parte das crianças e adolescentes, são, na perspectiva vygostkiana, além de infrutíferos, extremamente inadequados. Seus postulados apontam para a necessidade de criação de melhores condições na escola, para que todos os alunos tenham acesso às informações e experiências e possam efetivamente aprender.

Assim, com base no referencial teórico histórico-cultural, a educação pode garantir a apropriação dessas qualidades humanas, bem como, a linguagem audiovisual/digital, identificando os conhecimentos que precisam ser consolidados com o contato e a intervenção do outro.

No contexto escolar, o professor é o sujeito indicado para promover a aquisição de saberes. Considerado como aquele que tem mais experiência, ele pode realizar a mediação humana entre o aluno e objeto de conhecimento e, ao mesmo tempo, promover outras interações. Para Rego (2014, p.115) o professor tem o compromisso de planejar atividades que possibilitem ao aluno o acesso ao legado cultural construído pela humanidade e “portanto, desafiar através do ensino os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil”.

Nesse processo, Vigostki (2007, p.58) reconhece a importância da interação entre os sujeitos no amadurecimento das funções psicológicas superiores, que “originam-se das relações reais entre indivíduos humanos”. O sujeito com maior experiência socializa o seu conhecimento com o outro e nessa aprendizagem social esse indivíduo com menor experiência internaliza os saberes fruto das relações interpessoais.

Diante disso, em que a aprendizagem fomenta o desenvolvimento, cabe ao professor adotar uma postura pedagógica, diferente da educação tradicional, que possibilite interações entre os sujeitos e com os objetos de conhecimento, tornando-se responsável pela intervenção na zona de desenvolvimento proximal, que diz respeito ao percurso que o sujeito irá cursar para desenvolver as funções que se encontram em estado de amadurecimento, como indicado anteriormente.

Portanto, em pleno século XXI, os nativos digitais, inseridos num mundo marcado por avanços tecnológicos, precisam conhecer esses objetos culturais que fazem parte do atual momento histórico e que ditam uma nova forma de comunicação e informação, isto é, a educação não pode ficar alheia a essas invenções humanas que carregam habilidades,

capacidades e aptidões a serem apropriadas. E, no âmbito escolar, os objetos podem ser usados como recursos para ajudar no processo de mediação entre o aluno e o conteúdo.

4 A CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA

4.1 Escolha e descrição do tipo de pesquisa

Neste momento, apontaremos as escolhas e a justificativa da metodologia adotada, bem como, a descrição do local de pesquisa, os participantes, os instrumentos e procedimentos de coleta de dados e a trajetória que percorremos para desenvolver as atividades.

Optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo participante e experimental para responder as indagações que surgiram das nossas vivências como docente e pesquisadora e, assim, alcançar os objetivos delineados.

A abordagem qualitativa ganhou destaque nas pesquisas de educação no decorrer dos anos e, atualmente, é requisitada pelos sujeitos desta área do conhecimento. Escolhemos essa metodologia por oferecer ao pesquisador o contato direto com a situação a ser estudada, sendo o investigador, o principal instrumento da coleta de dados. Para isso, é preciso ir até o local de estudo para compreender melhor as ações que são influenciadas pelo seu contexto, “os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.48).

Os referidos autores apresentam as cinco principais características da abordagem qualitativa, as quais destacamos brevemente:

- O pesquisador frequenta o local de estudos para compreender o contexto histórico, sendo ele o principal coletor de dados.
- Os dados coletados pelo investigador são representados por meio de imagens, palavras e não quantificados por números como no caso da abordagem quantitativa.
- Nessa metodologia prioriza-se o processo ao invés dos resultados obtidos.
- Não há uma preocupação do investigador em procurar evidências que comprovem as hipóteses levantadas antes do começo da pesquisa, pois as questões se definem durante o desenvolvimento do estudo.
- O pesquisador considera o significado que os sujeitos atribuem aos fatos.

Nesse sentido, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo participante e experimental. Segundo Thiollent (2007, p.10), um dos principais objetivos apresentados pela pesquisa participante é de conceder aos pesquisadores “meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora”.

Portanto, a pesquisa de natureza qualitativa, na modalidade participante e experimental foi realizada em campo escolar, relatado adiante, com a participação da professora da turma enquanto pesquisadora participante e com os 23 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental (2º ano).

O estudo está vinculado ao Mestrado Profissional, que tem como foco articular os conhecimentos teóricos elaborados na instituição de ensino superior com a prática pedagógica do professor da Educação Básica. Dessa maneira, a pesquisadora esteve inserida no lócus da pesquisa para aplicar as entrevistas com os participantes e desenvolver as atividades referentes à construção dos vídeos digitais pelos alunos por meio da sequência didática.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências do Campus de Bauru, sob o parecer de número 1215306.

4.2 Local da pesquisa: o contexto escolar

A seguir, descrevemos o contexto escolar onde ocorreu a pesquisa. Deste modo, recorreremos às seguintes fontes de informação: ao Projeto Político Pedagógico, a pesquisadora (professora da turma) e aos demais profissionais (diretora e coordenadoras) para pontuarmos brevemente as características da região em que se localiza a escola, estrutura física, características dos alunos entre outros assuntos.

Realizamos a pesquisa em uma escola do Sistema Público Municipal que atende alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Conforme o Projeto Político Pedagógico (2015), a instituição escolar está localizada em um bairro periférico da cidade do interior do estado de São Paulo, o qual oferece poucas opções de lazer e de cultura aos moradores.

Situada na região Noroeste da cidade, o bairro, constituído por famílias com renda econômica baixa, enfrenta vários problemas como a falta de asfalto, as diversas ocorrências de violência, entre outros.

A comunidade local conta com um posto de saúde, praças como lugar de lazer, escolas públicas e comércios. O prédio da escola fica ao lado da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) e a poucos metros da Escola Municipal de Educação Infantil Integrada (EMEII).

Há treze anos funcionando, a instituição escolar foi fundada no ano de 2002 com forte expectativa dos pais para atender os seus filhos que até então estudavam numa escola localizada em outro bairro, como aponta Tezani (2012).

A escola recebe alunos do Ensino Fundamental do ciclo I, 1º ao 5º ano, com faixa etária entre 5 a 11 anos, totalizando 600 alunos, sendo 22 turmas divididas em dois períodos (manhã e tarde). No período noturno funciona uma sala de EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O corpo docente da instituição escolar é composto por 32 profissionais concursados: professores pedagogos e especialistas da área de educação física, artes, inglês e educação especial. Entre estes profissionais há professores que cumprem carga horária de 25 horas semanais, sendo 20 horas com alunos, 2 horas de atividade pedagógica coletiva e mais 3 horas para formação continuada e preparação de aulas. Já aqueles professores que ingressaram no referido Sistema Municipal de Ensino depois do ano de 2012 exercem carga horária de 20 horas semanais.

Além das salas de aula, o ambiente escolar é formado por:

- Sala de Múltiplos, equipada com data show, TV 32”, rádios, aparelho de DVD, livros, brinquedos, jogos, projetor de multimídia, notebook e ar condicionado. A unidade escolar também oferece os seguintes recursos tecnológicos: câmeras fotográficas digitais, impressoras, filmadora digital e computadores.

- Salas de reforço e de recurso (atendimento educacional especializado), que funcionam em horário contra turno da aula regular do aluno.

- Quadra esportiva coberta, que é usada pela comunidade no período noturno e nos finais de semana.

- Biblioteca.
- Refeitório.
- Sala da direção.
- Sala de professores.
- Sala de coordenação.

- Secretaria.
- Almoxarifado.
- 6 banheiros, sendo 2 para os alunos (feminino e masculino), 2 para os funcionários e 2 para os professores.
- Laboratório de informática, equipado por 18 computadores.

Este ambiente, até o final do ano de 2014, era supervisionado por uma monitora e conectado a Internet. Atualmente, os únicos pontos com Internet são a sala da diretora e a secretaria.

Com relação à informática na educação, a Secretaria Municipal de Educação não renovou o contrato com a empresa particular que prestava serviços às escolas municipais, como: assistência técnica, cursos aos professores e outros. A monitora responsável pelo laboratório de informática tinha a função de auxiliar o professor no uso das máquinas e de mantê-las funcionando. Após o fim do acordo, vários computadores apresentaram problemas e deixaram de ser usados por falta de manutenções técnicas, as quais eram realizadas pelo funcionário da empresa.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico há um número considerável de transferências de alunos durante o ano letivo. A rotatividade de alunos é grande, alguns residem em casas de aluguel e acabam mudando de endereço devido às condições socioeconômicas da família.

Os alunos matriculados são moradores da região, filhos de diaristas, comerciantes, servidores públicos municipais, autônomos que, na maioria das vezes, passam o dia todo no trabalho. Há, também, casos de pais desempregados que vivem de “bicos”, como ajudante de pedreiro, coletor de reciclável, entre outras atividades, e de alunos que são criados pelos avôs ou por parentes próximos, porque os pais estão presos.

4.3 Participantes

A pesquisa foi desenvolvida com 23 sujeitos em processo de alfabetização, matriculados no período da tarde, no segundo ano do Ensino Fundamental, com 7 anos de idade. A turma de alunos era composta por 8 meninas e 15 meninos.

Em relação ao sistema de escrita, alguns alunos tinham o domínio da escrita e da leitura, mas a maior parte escrevia de acordo com a hipótese de escrita alfabética, com exceção de 2 alunos, um registrava de acordo com a hipótese silábica com valor sonoro e o outro pré-silábica.

Nesta turma, 5 alunos frequentavam as aulas de reforço, sendo que 1 aluno cursava novamente o segundo ano e 2 estavam em processo de triagem com uma instituição formada por vários profissionais da área da saúde e educação.

Em conversas informais, os alunos da pesquisa relataram que tinham contato com as tecnologias digitais, principalmente com os dispositivos móveis. Alguns tinham acesso ao celular dos pais, outros possuíam *tablets* ou computador em casa.

4.4 Percurso metodológico

Apresentamos a seguir o percurso metodológico adotado, que compreende: a revisão bibliográfica, os procedimentos éticos, os instrumentos, a realização da sequência didática, a coleta de dados e a análise de dados.

O prelúdio da pesquisa ocorreu com o levantamento bibliográfico de diversas obras para orientar, aprofundar o conhecimento acerca do assunto e, assim, construir uma fundamentação teórica. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.158), a referência bibliográfica consiste no “apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Diante da afirmação dos autores, citamos as palavras de Neves e Domingos (2007, p. 30) sobre a importância do pesquisador ter acesso as pesquisas já realizadas, pois “conhecer minimamente o assunto é, antes de mais nada, descobrir em que condições se encontra o estudo sobre o tema”.

Para conhecer as obras bibliográficas realizamos a busca por livros no acervo da biblioteca da FC/Unesp (Bauru) e por produções científicas elaboradas nos últimos anos, como: artigos na base de dados do Scielo, dissertações e teses na C@athedra e na Capes.

Portanto, a primeira etapa da pesquisa contemplou o estudo de obras literárias com a seleção de livros, teses, dissertações, periódicos e artigos científicos, referentes ao uso das TDIC na educação escolar e a construção de vídeos digitais pelos alunos (autoria).

Cabe ressaltar que a revisão bibliográfica, considerada como item indispensável na formação do arcabouço teórico da pesquisa, esteve presente durante todo o processo de desenvolvimento.

Na segunda etapa, enviamos o projeto de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências do Campus de Bauru juntamente com a documentação exigida.

Após aprovação, solicitamos a autorização da diretora da instituição escolar, local de pesquisa, para desenvolver o estudo (Apêndice II). Posteriormente, numa reunião com os pais e responsáveis pelos alunos explicamos a pesquisa e entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), solicitando a autorização da participação do menor na pesquisa. Logo após, entregamos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os alunos.

4.4.1 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

Para atingir os objetivos delineados, selecionamos os instrumentos, elaboramos e aplicamos um conjunto de atividades com os participantes, tendo uma sequência didática como produto educacional. Depois dos avais concedidos pela diretora da unidade escolar e pelos pais, demos início à pesquisa de campo com a coleta de dados por meio da aplicação da entrevista semiestruturada e do desenvolvimento da sequência didática com os alunos.

4.4.1.1 Tecnologias utilizadas

Para a construção dos vídeos digitais os alunos utilizaram câmera digital e celulares para filmar e capturar imagens. No momento da edição eles usaram o programa Windows Movie Maker¹⁰ instalado no notebook para possível compartilhamento da produção no *blog* da escola.

¹⁰ O Windows Movie Maker pode ser instalado no computador gratuitamente, é só baixar o aplicativo da Internet. Na edição do vídeo é possível inserir fotos, vídeos, sons, animações e efeitos visuais.

Apresentamos as imagens e breves descrições dos aparelhos utilizados pelos alunos:

- Câmera Digital Samsung ES80: aparelho portátil, que possibilita ao usuário filmar, transformar uma cena da gravação em foto e editar.

Figura 1- Câmera Samsung



Fonte: <http://ultrdownloads.com.br/biblioteca/manuais/Manual-da-Camera-Digital-Samsung-ES80ES81/>

- Galaxy Young 2 Duos TV: o aparelho disponibiliza de câmera de 3 mp que permite ao usuário gravar vídeos e fotografar. Tem suporte para download, acesso a Internet, conexão com Wi-Fi e Bluetooth. É possível visualizar as fotos do celular na TV Smart sem o uso de cabos.

Figura 2- Samsung Young 2 Duos TV



Fonte: <http://www.samsung.com/br/home/>

- Galaxy Pocket Neo Duos: é possível por meio deste dispositivo móvel assistir filmes, filmar, ouvir músicas, navegar na Internet com o Wi-Fi, entre outras funções.

Figura 3- Galaxy Pocket Neo Duos



Fonte: <http://www.samsung.com/br/consumer/mobile-devices/smartphones/others/GT-S5312RWBZTA>

4.4.1.2 Entrevista semiestruturada

De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) a pesquisa qualitativa apresenta diversos procedimentos e instrumentos de coleta de dados, sendo a observação, entrevista em profundidade e análise dos documentos, os métodos que mais se destacam nesta perspectiva por serem os mais utilizados.

Portanto, escolhemos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, a qual ocorreu em dois momentos: no início da pesquisa, para verificar a compreensão que os participantes têm em relação aos vídeos digitais, e no final, para avaliar a sequência didática.

O uso da entrevista nas pesquisas apresenta vantagens, pois, de acordo com os autores, esse meio de investigação “permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p.39).

Além desse ponto positivo, a relação do pesquisador com o sujeito se diferencia da aplicação de outras técnicas na pesquisa, como é o caso do questionário. Com a entrevista,

há a ruptura da ordem hierárquica entre os envolvidos e ocorre uma maior interação entre ambas as partes: entrevistador e entrevistado.

Marconi e Lakatos (2003, p.196) citam a entrevista semiestruturada como “despadronizada ou não-estruturada” e compreendem que neste tipo de instrumento “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada”.

Nesse caso, a entrevista foi o instrumento mais adequado para aplicar com os alunos em processo de alfabetização, pois não exigiu dos participantes o domínio da leitura e da escrita, somente a comunicação verbal. Além disso, essa técnica permitiu à pesquisadora esclarecer as possíveis dúvidas dos entrevistados, bem como, elaborar as perguntas de modo diferente.

Formulamos dois roteiros de entrevista semiestruturada. Ambos com poucas perguntas em decorrência da idade dos participantes (7 anos) e da preocupação em não tornar o momento cansativo para os alunos. A entrevista inicial esteve relacionada ao uso e a produção de vídeos digitais (Apêndice III) e a final abordou questões referentes à realização da sequência didática (Apêndice IV).

Primeiramente, iniciamos o momento da entrevista com uma conversa descontraída para que cada participante pudesse se sentir mais à vontade, mesmo tendo contato há meses com a pesquisadora que é professora da turma. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p.198), “quando o entrevistador consegue estabelecer certa relação de confiança com o entrevistado, pode obter informações que de outra maneira talvez não fossem possíveis”. Em seguida, realizamos as perguntas, permitindo que o aluno falasse à vontade.

As entrevistas com cada participante durou cerca de 10 (dez) minutos e ocorreram no ambiente escolar, após o horário de aula.

Em relação ao registro das informações, para evitar o risco da falha da memória, decidimos utilizar a gravação direta que, segundo Lüdke e André (2013), permite ao pesquisador prestar atenção na fala do participante. Em sequência, transcrevemos as entrevistas, que foram captadas por meio de um aparelho móvel (celular) que dispõe de gravador de voz, sendo 25 respostas da primeira entrevista e 23 da segunda.

A próxima etapa consistiu no desenvolvimento das atividades para a construção dos vídeos digitais pelos alunos.

4.4.1.3 Produto Educacional

Como exigência do Mestrado Profissional, elaboramos um produto educacional que consiste na sequência didática, tendo os seguintes objetivos:

- Confeccionar com os alunos os vídeos digitais como uma possibilidade educativa.
- Atingir os objetivos do conteúdo específico da disciplina do Currículo Comum do Ensino Fundamental por meio da construção e exploração do vídeo.

Esta modalidade de Pós-Graduação prioriza a articulação de conhecimentos teóricos com a prática docente dos mestrandos, professores de Educação Básica. Sendo assim, disponibilizaremos um material didático que apresenta o desenho educacional da sequência didática para conhecimento de outros profissionais da educação (APÊNDICE VI).

4.4.1.4 Sequência didática

Nesta etapa da pesquisa realizamos a sequência didática, em que propomos aos alunos atividades com conteúdos organizados em etapas para a criação de vídeos digitais. O conjunto de atividades foi estruturado de acordo com os estudos de Schneuwly e Dolz (2013):

1) Apresentação da situação: este primeiro momento envolve a preparação do aluno para a sua primeira produção, o qual recebe explicações sobre as atividades a serem desenvolvidas nos módulos para alcançar a produção final que se almeja.

2) Primeira produção: é nesta parte da sequência didática que o aluno irá produzir o texto oral ou escrito, tendo como referência as explicações dadas na etapa anterior (apresentação da situação). Desta forma, com esta atividade o professor poderá observar as capacidades que os alunos já possuem, aquelas que precisam ser desenvolvidas e o momento em que deverá intervir.

3) Módulos: é a partir da produção inicial que o professor irá aprimorar as atividades e intervir conforme as “capacidades reais” dos alunos. Assim, a construção dos módulos pode variar de uma turma para outra, pois considera as dificuldades específicas detectadas em cada uma.

4) Produção final: na última etapa o aluno irá colocar em prática os conhecimentos construídos durante os módulos para a criação do produto final.

O formato do audiovisual envolveu a realização de entrevistas dos alunos com alguns moradores e com seus próprios colegas de sala de aula, que, também, são moradores da região por meio do uso de aparelhos móveis: máquina fotográfica digital (a escola disponibilizou este material) e celular da pesquisadora.

Portanto, optamos pela produção de vídeos digitais com entrevistas por este gênero apresentar um formato simples a ser desenvolvido pelos produtores, alunos com 7 anos de idade e em fase de alfabetização.

Com base nos estudos de Girao (2005), abordamos na sequência didática as etapas necessárias para a elaboração de vídeos:

- Criação e planejamento: consiste em definir o assunto e a finalidade do vídeo. Como também saber o que será utilizado para ilustrar o assunto: fotografias, pinturas entre outros recursos.

- Roteiro: etapa destinada para a escrita daquilo que irá aparecer no vídeo, o caminho a ser percorrido para atingir o audiovisual. Há diversos tipos de roteiros, sendo que os mais utilizados são: roteiro de cinema e vídeo. Esse último é apresentado em duas colunas na folha de papel, sendo o lado direito direcionado para o áudio e o lado esquerdo reservado para a imagem.

- Pré-produção: nesta fase é preciso definir a função de cada um e escolher os participantes, os locais aonde acontecerão as filmagens.

- Edição e finalização: organizar o material construído pelos alunos-discutir e selecionar as melhores imagens para a montagem das sequências e os efeitos especiais.

As atividades para construir os vídeos digitais contemplaram conteúdos dos componentes curriculares de Ciências, Geografia e Língua Portuguesa, que são organizados pelo Currículo Comum Municipal em tema e subtemas.

Apresentamos as áreas do saber e os temas/subtemas:

- Ciências: o ambiente em que vivemos/poluição ambiente lixo.
- Geografia: bairro/as ruas onde moro.
- Língua Portuguesa: oralidade, leitura, produção de textos coletivos.

Vale salientar que, a sequência didática foi realizada em diversos ambientes da escola (sala de aula, sala de multimeios, biblioteca, pátio), como também, fora do espaço escolar.

4.4.1.5 Procedimentos de análise dos dados

Todo o material coletado durante a aplicação dos instrumentos foi organizado para subsequente articulação com os pressupostos teóricos que nortearam essa pesquisa.

Ludke e André (2013, p.53) relatam que, na pesquisa de abordagem qualitativa, a análise de dados consiste na tarefa de “trabalhar” com o material obtido. E isso requer, num primeiro instante, a organização e a divisão do material em partes, para que possam ser relacionadas em busca de “padrões” importantes. Sendo que, na segunda etapa, esses padrões são reavaliados.

Primeiramente, em relação às entrevistas, transcrevemos as respostas dos participantes, as quais foram apresentadas em quadros. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 168), o uso do quadro “facilita, ao leitor, a compreensão e interpretação rápida da massa de dados podendo apenas com uma olhada apreender importantes detalhes e relações”.

Portanto, descrevemos e analisamos as entrevistas com base no referencial teórico da pesquisa, bem como, as atividades desenvolvidas na sequência didática para a construção dos vídeos digitais. No momento da transcrição, identificamos todos os alunos pela letra A, diferenciando as falas dos sujeitos por meio de algarismos arábicos.

Portanto, nas próximas páginas apresentaremos a descrição e análise dos dados na seguinte ordem: entrevista inicial, sequência didática e entrevista final.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta etapa da Dissertação descrevemos os dados levantados por meio da aplicação da entrevista inicial e final e das atividades desenvolvidas para a criação de vídeos digitais, que foram realizadas com os alunos na unidade escolar do Sistema Municipal de Ensino do estado de São Paulo.

Portanto, apresentamos os resultados das situações que compõem a investigação desta pesquisa, os quais foram analisados à luz do referencial teórico anteriormente mencionado.

5.1 Entrevista inicial

O material coletado refere-se à primeira entrevista realizada com os alunos antes do desenvolvimento da sequência didática. Distribuimos as respostas dos participantes num quadro dividido em 3 colunas: a primeira aborda a questão do tipo de vídeo que os sujeitos assistem, a segunda trata dos recursos tecnológicos utilizados e a terceira informa sobre a criação de vídeos pelos alunos.

Quadro 5- Entrevista inicial com os participantes

Alunos	Vídeos	Recursos tecnológicos	Produção
A1	PESQ. – Você assiste vídeos? - Assistio. Naruto e Galinha Pintadinha.	PESQ. – Você usa quais recursos para assistir vídeos? - Televisão.	PESQ. – Você já produziu vídeos? - Filmar? Não. Eu joga no celular da minha mãe. Dá pra tirar foto. Ficar baixando e gravar as coisas. Eu já gravei a música que canta funk.
A2	PESQ. – Você assiste vídeos? - Hum..Aí, como assim? PESQ. – Filme, desenho, musical, vídeo de internet? - Eu também assisto filme e desenhos.	- YouTube com o celular.	- Sem ser no YouTube, já. Filmo eu fazendo alguma coisa com o celular.
A3	- No celular? PESQ. – Você assiste vídeos no celular? - Sim. Turma da Mônica. Só de criança.	- Celular.	- Sim. Eu fiz vídeo da minha boneca com o celular.
A4	- Assistio qualquer coisa, de	- Computador.	- Não.

	jogo...		
A5	- Sim, qualquer um. Da Barbie.	- Computador.	- Sim, com o celular. Eu dançando e botei no face. Eu e minha irmã dançando.
A6	- Sim. Vídeo de piada.	- No computador da minha mãe.	- Sim. Eu fiz o vídeo da piada. A minha mãe filmou na máquina e colocou no computador pra eu ver.
A7	- Só filme.	- Televisão.	- Não.
A8	- Sim.	- Televisão.	- Não.
A9	- Assisto desenho, Pequena Sereia.	- Celular.	- Já. Quando a minha tia tava lá em casa eu filmei todo mundo.
A10	- Passou na TV uns vídeos que...uns vídeos que tem do Batman que mostra, do Superman e do Chucky.	- Na minha TV a cabo, mas pifou. Só tem algumas agora. Agora não dá mais pra mim assistir os vídeos.	- Não.
A11	- Sim. Assisto com a minha mãe ou com a minha irmã.	- No celular que eu assisto vídeos de criança e, e, historinhas da Bíblia.	- Só com o Tablet. Eu tentei fazer. Eu filmava o que eu falava.
A12	- Besteira de algum vídeo. Assisto no celular do meu pai, já falei pra você. E assisto desenho. Filme, também.	- Celular.	- Já. Meu pai, minha mãe conversando. A minha tia conversando junto. O meu pai, minha mãe bebendo. Minha irmã fica dançando e eu fico filmando. Depois nós veja como que sai. Aí, se sai ruim nós apaga. Se saí bom, aí nós bota na internet.
A13	- É...de vez em quando. Vídeo do celular da minha mãe, mas eu não lembro.	- Celular da minha mãe.	- Não, a minha mãe não deixa.
A14	- Sim, vários. Eu não lembro, e não lembro mesmo.	- Hum... TV.	- Não.
A15	- É...esqueci. Desenho, filme e Pica Pau.	- Lá na minha casa tem computador. Assisto na televisão.	- Não.
A16	- Sábado animado.	- Na televisão.	- Não. Eu tinha Tablet, mas está quebrado. Eu fazia desenho e jogava.
A17	- Sim, mas não lembro.	- Em casa. PESQ. – Na sua casa, você usa quais recursos: computador, celular, televisão? - Computador.	- Não.
A18	- Assisto, desenhos e filmes.	- TV e o negócio do	- Sim. Filmei o aniversário do meu

		DVD.	irmão com o Tablet.
A19	- Sim. É....Chiquititas, Moster High, é....Carrossel.	- Minha televisão queimou. Assisto agora lá no meu pai, a gente ta descendo lá.	- Não.
A20	- Assisto. Eu assisto música. Assisto, vejo Clube do Ratinho que vai lá no negócio dele e prende a perna, mas não morre. É só isso que eu assisto.	- Celular da minha mãe.	- Sim, filmei a reunião da escola.
A21	- Na minha casa, eu vi um cinema que agora tem em DVD, Bob Esponja. Tem do Bob Esponja, do... tem do Patrick, tem do Molusco, tem da Sandy, tem do Sirigueijo e pronto.	- Hum...o aparelho de DVD.	- Às vezes, só que saia ruim. Filmei eu e filmei outra vez eu no Tablet da minha mãe. Só que o Tablet da minha mãe tá quebrado, que é usado já. Tinha também joguinho, eu jogava. Baixava jogo lá. Daí, também...também eu, gravava. Meu irmão gravou cantando música que não é de Deus, funk.
A22	- Eu assisto às vezes vídeo com a minha mãe. A minha mãe comprou hoje vídeo da Cinderela e eu assisti. Tem da Branca de Neve.	- Ai, esqueci. A minha mãe falou pra mim e para o meu irmão que nós perguntamos. A minha mãe coloca na TV de vez em quando. Uma vez ela colocou na televisão. Aí ontem, ela colocou, sabe aonde põe a fita? PESQ. – No DVD? - É. Aí, ela colocou.	- Não, só o meu pai.
A23	- Assisto desenho e filme. Mas a minha mãe não tem DVD em casa.	Televisão, na casa da minha tia.	- Não dá com o meu celular. É que assim, a tela é muito pequenininha e só trava. Mas, eu já fiz com o celular da minha mãe.
A24	- No celular da minha irmã, sim. Tem do passinho romano. Tem da minha escola do meu primeiro ano, do momento social. E o resto eu não sei qual que tem.	- Celular.	- Sim. A minha irmã filmou o momento social da escola.
A25	- Sim, assisto desenhos.	- Tablet.	- A minha irmã dançando balé. Aí a gente já passa no computador. Aí a gente tira algumas fotos e coloca no site lá do meu pai. A gente tira uma foto dela bem arrumadinha. A gente coloca no negócio do meu pai que dá pra falar com a minha irmã mais velha.

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Ao refletirmos sobre os dados obtidos, observamos que os alunos assistem diversos gêneros de vídeos: aventura, infantil e musical. E, dentre os 25 participantes, 12 apontaram a televisão como recurso tecnológico para assistir os vídeos, 8 indicaram o uso do celular, 4 a utilização do computador e 1 o *tablet*. Destacamos que, os alunos mencionaram, também, a televisão por assinatura e o site YouTube.

Em referência a última pergunta, “criação de vídeos”, constatamos que 12 alunos não produziram audiovisuais, porém relataram que fazem uso do celular para outros fins, isto é, para o divertimento, como: jogar, baixar e gravar músicas.

Eu jogo no celular da minha mãe. Dá pra tirar foto. Ficar baixando e gravar as coisas. Eu já gravei a música que canta funk (A1).
Eu tinha tablet, mas está quebrado. Eu fazia desenho e jogava (A16).

Esses relatos remetem a afirmação de Moran (2013, p.41), “os jovens baixam músicas e as tocam o tempo todo no celular...O celular serve para conversar, enviar mensagens, acessar a internet, tirar e enviar fotos”. O autor menciona os jovens, mas como podemos constatar, essas ações não são estranhas para alunos de 7 anos de idade, participantes desta pesquisa, que já realizaram tais atividades com os dispositivos móveis.

Essas tecnologias móveis são apontadas num estudo recente de Kenski (2015, p.135) como o principal meio de acesso dos brasileiros à rede, sendo que “em março/2015, chegou a cerca de 185 milhões de conexões”.

Em continuidade, citamos as falas de A10 e A19, que também não criaram vídeos, mas, em contrapartida, acrescentaram informações em suas respostas. O primeiro mencionou que para fazer vídeos é preciso ter fotos no celular e o segundo informou que é necessário “falar, cantar, só”. Apesar disso, esses alunos demonstraram ter algum tipo de conhecimento sobre o que é necessário para a produção do audiovisual.

A minha mãe tem celular, mas tem vez que não entra porque eu não sei se tem foto lá. Algumas vezes se faz vídeo com fotos (A10).

Portanto, isso mostra a familiaridade dos alunos com as tecnologias digitais. Girao (2005, p.113) explica que há um grande número de pessoas que tem reduzido ou nenhum acesso às tecnologias digitais, porém, até mesmo em países como o Brasil, “a familiaridade dos jovens e das crianças com os meios audiovisuais a que têm acesso é significativa”.

Kenski (2008b) afirma como é o comportamento dos nativos digitais frente às tecnologias. Enquanto nós adultos falamos em novas tecnologias, eles comentam o que fazem

naturalmente com essas invenções, como baixar músicas, enviar mensagens, jogar, entre outras utilidades concedidas pelo computador, e o que eles mais querem é participar da era digital, deixando de ser meros usuários. A autora destaca que o comportamento das novas gerações não é caso específico de usuários que pertencem a países desenvolvidos e sim de uma grande maioria espalhada por diversas partes do mundo.

Exemplificamos as palavras da supracitada autora com os seguintes relatos dos alunos:

Eu fiz o vídeo da piada. A minha mãe filmou na máquina e colocou no computador pra eu ver (A6).
 [...] filmei a reunião da escola (A20).
 Filmei eu e filmei outra vez eu no Tablet da minha mãe. Só que o Tablet da minha mãe tá quebrado, que é usado já (A21).

O restante dos entrevistados, outros 13, relataram que já fizeram vídeos seja por meio do uso de celulares, máquinas e *tablets*. Observamos que esses vídeos retratam fatos do cotidiano, brincadeiras, momentos com a família, entre outros. Cabe frisar que, houve depoimentos de alunos que postaram suas produções em redes sociais, como o Facebook, e *sites*, YouTube.

Eu dançando e botei no face. Eu e minha irmã dançando (A5).
 Minha irmã fica dançando e eu fico filmando. Depois nós veja como que sai. Aí, se sai ruim nós apaga. Se saí bom, aí nós bota na internet (A12).

Em face disso, concordamos com Moran (2013, p.48) quando o autor afirma que as crianças tem interesse em produzir vídeos e esse fazer apresenta aspectos moderno e lúdico, pois é um “meio contemporâneo” composto por linguagens que, ao mesmo tempo, concede ao usuário “brincar com a realidade”. Com múltiplas funções, os dispositivos móveis exibem tamanhos reduzidos podendo ser transportados para qualquer lugar.

Dessa maneira, verificamos com base no material obtido que os participantes assistem vídeos por meio de diversos recursos tecnológicos, desde a mais antiga tecnologia (televisão) até a mais recente (celular), sendo que metade dos alunos já criou vídeos com conteúdos do dia a dia e outra metade utilizou os dispositivos móveis para outras atividades. Além disso, os alunos compreendem que a produção de vídeos precisa ser composta por fotos, falas, músicas e que pode ser compartilhada com outras pessoas por meio da Internet.

5.2 Sequência didática aplicada: a descrição

O produto desta dissertação de Mestrado Profissional concentrou-se na construção da sequência didática, a qual foi elaborada a partir dos estudos de Schneuwly e Dolz (2013), para sistematizar as atividades que envolveram a produção de vídeos digitais com entrevistas filmadas pelos alunos. Dessa maneira, o aluno precisou ampliar o seu conhecimento sobre esse gênero para depois realizar as entrevistas.

Segundo Schneuwly e Dolz (2013, p. 43), “comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente. Ela se articula por meio de uma estratégia, válida tanto para a produção oral como para a escrita, chamada sequência didática”.

Conforme detalhado anteriormente, a sequência didática é estruturada da seguinte maneira:

- Apresentação da situação.
- Primeira produção.
- Módulos.
- Produção final.

Organizamos as atividades de acordo com os passos da sequência didática descritos acima, trabalhando situações específicas em cada módulo até alcançar a etapa final: construção do audiovisual pelos alunos.

É diante do novo cenário de informação e comunicação que os usuários podem produzir e compartilhar qualquer tipo de assunto com o uso dos dispositivos móveis, que propomos aos alunos a produção de vídeos digitais, tendo como temática a problemática local articulada com os conteúdos curriculares. De acordo com Moran (2013, p.48), as crianças demonstram interesse em produzir vídeos e a escola precisa oportunizar este momento, “os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar”.

Exploramos a problemática local por meio dos estudos dos conteúdos curriculares de Língua Portuguesa (leitura, oralidade, produção de textos), Geografia (“bairro/as ruas onde moro”) e de Ciências (“o ambiente em que vivemos/poluição ambiental-lixo”) e, a partir da fala dos alunos, constatamos os diversos problemas que seus familiares enfrentam com a falta de asfalto e com o lixo doméstico esparramado nas ruas, entre outros. O bairro conta com o serviço de coleta de lixo semanalmente, mas mesmo assim há uma grande quantidade de lixo nas vias públicas. Por isso, escolhemos este fato como tema para a criação de vídeos digitais.

Cabe destacar que a sequência didática foi elaborada de acordo com os temas/sub-temas e objetivos apresentados pelo Currículo Comum do Município dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente segundo ano (TEZANI, 2012).

Grande parte das atividades foi realizada no âmbito da comunicação oral com as rodas de conversa, ensejando a troca de ideias entre os alunos. Prezamos, também, pelo desenvolvimento de atividades em grupo para que os alunos pudessem dividir as tarefas, bem como, ajudar o colega nas tarefas relacionadas à escrita ou em outras situações.

A seguir, apresentaremos um quadro que resume nossas intenções com a sequência didática:

Quadro 6- Quadro geral da sequência didática

OFICINAS	OBJETIVOS	ATIVIDADES	MATERIAL	TEMPO
A. Apresentação da situação	<ul style="list-style-type: none"> -Incentivar o aluno a conhecer o gênero adotado. - Conhecer a estrutura e a função da entrevista. -Repertoriar o conhecimento sobre o gênero-entrevista. -Ter conhecimento das etapas do vídeo. -Explicar as etapas do trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> -Realização da roda de conversa para levantar os conhecimentos prévios do aluno sobre a construção dos vídeos em formato de entrevista. - Discussão sobre a função, as características e a estrutura textual da entrevista. - Apresentação e discussão sobre as etapas do vídeo. - Apresentação de vários modelos de entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vídeos. - Textos. 	2h
B. Primeira produção	<ul style="list-style-type: none"> -Observar o que o aluno sabe e as dificuldades encontradas para realizar a entrevista e a gravação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Produção coletiva de entrevistas e apresentação (entrevistar o colega da maneira que sabe). - Avaliação coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> -Câmera fotográfica digital ou celular. - Lápis grafite e papel sulfite. 	2h
C. Módulo Estudo do tema	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar os conhecimentos prévios do aluno sobre o tema. - Identificar os impactos da poluição ambiental- lixo. - Compreender a importância de cuidar e conservar a limpeza do bairro. - Ler textos, trabalhar com imagens e vídeos para a discussão do assunto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dinâmica. - Roda de conversa com os alunos pra levantar os conhecimentos prévios sobre o tema. - Realização de perguntas sobre o título dos textos para antecipar o que eles sabem. - Identificação das principais informações. - Discussão do tema e anotação coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Textos. - Vídeos. - Imagens. - Panfleto de mercado. - Cola, tesoura, papel sulfite. - Lápis colorido. - Garrafa pet, tnt e elástico. - Papel cartolina. 	8h

	- Apontar as principais informações.			
D. Módulo Etapas do vídeo	- Conhecer as partes do vídeo. - Montar o roteiro. - Aprender a manusear os aparelhos.	- Roda de conversa. - Atividade coletiva para escrever o roteiro. - Filmagem.	- Livro - Câmera fotográfica digital ou celular. - Lápis grafite e colorido. - Papel sulfite.	4h
E. Módulo Características da entrevista	- Conhecer as características gerais e as funções do gênero. - Perceber a presença da linguagem coloquial e informal nas entrevistas orais. - Transcrever a entrevista oral para a escrita formal.	- Contato com o gênero para identificar as características. - Assistir as entrevistas em vídeos para discussão da linguagem informal. - Atividade coletiva	-Entrevista oral (vídeo).	4h
F. Módulo Realização da entrevista	- Criar o roteiro da entrevista. - Observar o comportamento do entrevistador e o vocabulário. - Realizar a entrevista.	- Formulação de perguntas no coletivo. - Roda de conversa para analisar a postura e a fala do entrevistador e entrevistado.	- Folhas para anotar as perguntas.	2h
G. Módulo Edição e montagem	- Conhecer o programa Movie Maker.	- Seleção e montagem das cenas da história infantil.	- Notebook.	4h
H. Produção final	- Produzir o vídeo com as entrevistas.	- Atividade coletiva: escrever o roteiro, entrevistar, gravar, editar e montar o vídeo. - Discussão e avaliação da produção no coletivo.	- Máquina fotográfica digital, celular e notebook.	8h

Fonte: elaboração da autora com base nos modelos apresentados por Schneuwly e Dolz (2013).

Após panorama geral da sequência didática, abordaremos detalhadamente as atividades desenvolvidas com os alunos.

A. Apresentação da situação

O primeiro momento da sequência didática concentrou-se na apresentação da situação com o professor realizando perguntas de cunho pessoal aos alunos, como por exemplo: “qual é a sua cor preferida?”, “com quem você brinca na hora do recreio”? “pra qual time de futebol você torce”?, entre outras. No entanto, eles não foram informados que iriam

participar de uma entrevista, apenas comentamos que um aluno de cada vez seria escolhido para responder as perguntas e que os demais não podiam fazer comentários. Porém, alguns colegas acabaram respondendo as perguntas direcionadas aos entrevistados. Cabe ressaltar que as entrevistas realizadas com os alunos foram filmadas com o uso da máquina fotográfica digital.

Observamos que eles ficaram motivados em participar da atividade e, por várias vezes, levantaram as mãos para serem escolhidos. Ao final, a turma foi questionada sobre do que se tratava aquela atividade de perguntas/respostas e alguns alunos a identificaram como entrevista.

Em seguida, apresentamos a sequência didática a ser desenvolvida com a turma, explicando as atividades envolvidas na produção dos vídeos com as entrevistas.

Os alunos tiveram contato com diversos modelos do gênero nas duas modalidades (oral e escrita) para ampliar o repertório e conheceram as características, a estrutura textual e a circulação. Com base nos estudos de Hoffnagel (2007, p. 181), chamamos a atenção dos alunos para as seguintes questões:

- A entrevista exige, no mínimo, a participação de duas pessoas.
- Cada pessoa assume uma função específica: entrevistador (incumbido de realizar as perguntas) e entrevistado (responsável pelas respostas).
- Mesmo que haja mais participantes na entrevista, o diálogo continua ocorrendo apenas por meio destes dois elementos: entrevistador e entrevistado.
- A entrevista é considerada um gênero essencialmente oral. Porém, pode ser transcrita e publicada em jornais e revistas.
- Antes da publicação, as entrevistas são editadas para excluir as marcas da comunicação oral.
- Tem como finalidade obter informações, as quais podem ser utilizadas para diversos fins. Por exemplo: na entrevista médica, as respostas do entrevistado servem para avaliar a saúde do paciente.
- Cada gênero de entrevista tem um público-alvo próprio.
- A linguagem utilizada nas entrevistas muda de acordo com o público-alvo.
- A linguagem coloquial, geralmente, aparece nas revistas destinadas aos adolescentes. Já a linguagem formal é usada nas entrevistas com autoridades.

Abordamos, também, o uso do ponto de interrogação na entrevista escrita. E, no caso da entrevista oral, informamos que era preciso realizar as perguntas com entonação.

Nesta ocasião, aproveitamos as apresentações das entrevistas em vídeo para abordar assuntos que abrangem a produção de audiovisual, questionando e explanando aos alunos as seguintes questões: o assunto e a finalidade do vídeo, a necessidade de criar um roteiro para organizar as informações das cenas, a definição dos locais para a filmagem, as funções que cada aluno assumiria, a seleção de imagens para a edição e montagem do vídeo.

Portanto, trabalhamos com as questões que envolvem a criação de vídeos. Para isso, utilizamos os estudos de Giraó (2005) que apontam as etapas necessárias:

- Criação e planejamento.
- Roteiro.
- Pré-produção.
- Edição e finalização.

Os alunos tiveram contato com alguns pequenos roteiros criados por outros alunos, disponíveis no livro “TV na Escola e os Desafios de Hoje”- Módulo 3.

Vale mencionar que, durante a apresentação da situação, procuramos conhecer as concepções prévias dos alunos. Propomos, então, uma roda de conversa para levantar os saberes sobre entrevista (O que é entrevista? Quem precisa participar da entrevista? Pra que serve? entre outras perguntas) e assim ter uma ideia das informações que eles trazem para a escola. Essa conversa inicial, também, nos ajudou a pensar na elaboração e na revisão das atividades. No decorrer da atividade alguns alunos responderam que a entrevista:

É quando uma pessoa está num programa, daí fica com a câmera mostrando, que nem no Jornal Bom Dia (A21).

Uma entrevista é quando uma pessoa quer entrevistar outra (A10).

Pra ver um trabalho (A13).

Na primeira etapa da sequência didática, apresentamos a situação a ser desenvolvida e, ao mesmo tempo, realizamos questionamentos aos participantes à respeito do gênero que integra o vídeo, a entrevista. Explicamos detalhadamente a atividade de expressão oral que seria desenvolvida pelos alunos, dando suporte teórico para a realização da primeira produção, que depois foi explorada nos módulos até alcançar a produção final-construção de vídeos digitais.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p.84), esse primeiro momento consiste em apresentar a situação que será trabalhada no decorrer das atividades, oferecendo aos alunos conhecimentos, isto é, “os prepara para a primeira produção inicial, que pode ser considerada uma primeira tentativa de realização do gênero, que será, em seguida, trabalhado nos módulos”.

Paralela a essa atividade, procuramos conhecer os saberes que também são construídos fora do ambiente escolar, isso porque, de acordo com o fundamento teórico histórico-cultural, o aluno inicia o seu aprendizado antes mesmo de frequentar a escola devido às relações que são estabelecidas com as pessoas do seu grupo cultural, isso fica bem claro nas palavras de Vigostki (2007, p.94), “qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”.

No entanto, esses saberes que o aluno traz para a sala de aula, que derivam de situações experimentais, não são conhecimentos sistematizados, “adquiridos nas interações escolarizadas”. São saberes construídos fora da instituição escolar, denominados de conceitos cotidianos, e aqueles alcançados de maneira inversa, por meio do ensino organizado, são os conceitos científicos (REGO, 2004, p.77).

O desenvolvimento do psíquico clama por um ensino que considere aquilo que o aluno já sabe para que então possa, a partir daí, avançar na “formação dos conceitos científicos” (LEITE e EIDT, 2010, p.61).

Nas palavras de Vigostki (2007, p.94):

[...] as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram de lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar, que somente psicólogos míopes podem ignorar.

No decurso da conversa, percebemos por meio das declarações dadas pelos alunos que eles já tiveram algum tipo de contato com o gênero entrevista, pois mencionaram que é preciso ter o contexto de duas pessoas, sendo que uma faz pergunta para outra, que há a entrevista de emprego e jornalística, sendo a última, por sua vez, relacionada por alguns alunos a fatos criminais: “Quando uma pessoa vai presa e fica fazendo um monte de pergunta” (A20).

Aproveitamos o ensejo para citarmos as palavras de Freire (2014, p.31) em relação ao levantamento inicial da bagagem cultural do aluno, “ensinar exige respeito aos

saberes dos educandos”. De acordo com o autor, cabe ao professor não somente respeitar, mas conciliar a discussão desses saberes com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Portanto, analisando esse primeiro momento da sequência didática, consideramos os conhecimentos do cotidiano do aluno acerca da entrevista, a qual foi abordada na construção de vídeos digitais, e, em seguida, trabalhamos com modelos de entrevistas e leitura de textos para embasarmos teoricamente e explicarmos como funciona o gênero oral e escrito.

Repetimos tal processo com a criação de vídeos, apresentamos aos alunos as principais etapas que envolvem a construção do audiovisual. Para isso organizamos uma roda de conversa para discutirmos sobre o assunto e proporcionamos o contato com roteiros elaborados por alunos.

Reproduzimos as palavras de Girao (2005, p.113) que coincidem com a proposta de atividades desenvolvida com os participantes desta pesquisa:

[...] é saudável e desejável estender a alunos e professores os processos de produção dos vários meios de comunicação, notadamente o vídeo. Afinal, trabalhar com recursos visuais nas diversas áreas do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais.

Ao considerarmos a citação acima, observamos que os alunos demonstraram interesse em participar das atividades, ficaram entusiasmados, principalmente, com a manipulação da máquina fotográfica digital e celular no momento de fotografar e filmar as entrevistas.

B. Primeira produção

Realizada a apresentação da situação, os alunos foram solicitados a fazer a entrevista na modalidade oral com o colega de sala.

Essa atividade aconteceu em grupos, foram formados 3 grupos com 5 integrantes e um com 6. Cada grupo formulou um roteiro com 3 perguntas pessoais em folha avulsa, no total de 12, para entrevistar outra equipe.

Ressaltamos que os alunos filmaram as primeiras produções com o uso do celular para serem avaliadas com a intervenção da professora e, principalmente, para a criação dos vídeos digitais. Conversamos com os alunos sobre questões técnicas de gravação antes e após a realização das entrevistas. Outro ponto destacado é que em cada equipe havia um aluno

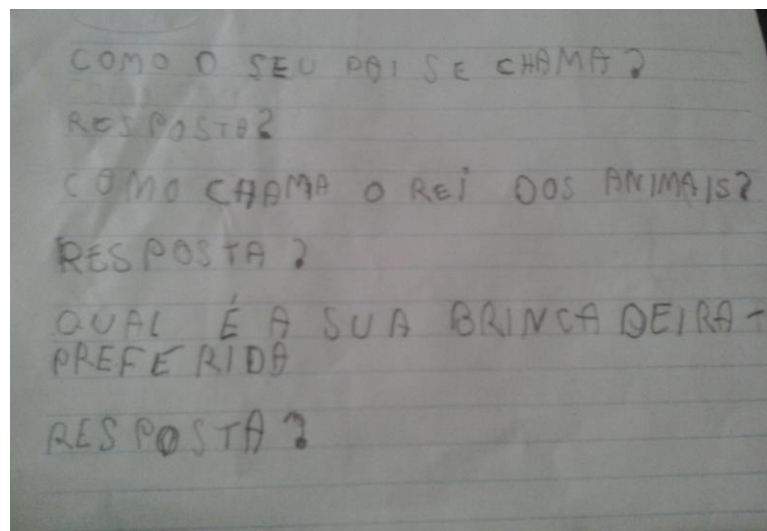
responsável por registrar as perguntas. O critério utilizado para que esses alunos assumissem esta função foi: maior apropriação da escrita em relação aos demais.

Propomos aos alunos o trabalho em grupo, tendo como base a teoria histórico-cultural que aponta as relações travadas com sujeitos mais experientes como ponte que corrobora para a aprendizagem e, conseqüentemente, ao desenvolvimento humano, pois “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros” (VIGOSTKI, 2007, p.103).

Após essa etapa, os alunos deram início às entrevistas, um participante de cada grupo entrevistou o colega do outro grupo e um terceiro registrou com o celular. A princípio, alguns alunos ficaram intimidados com a gravação, mas logo se sentiram à vontade. Observamos, também, que essa atividade despertou interesse tanto no momento de assumir o papel de entrevistador ou de entrevistado e, principalmente, na hora de fazer as filmagens.

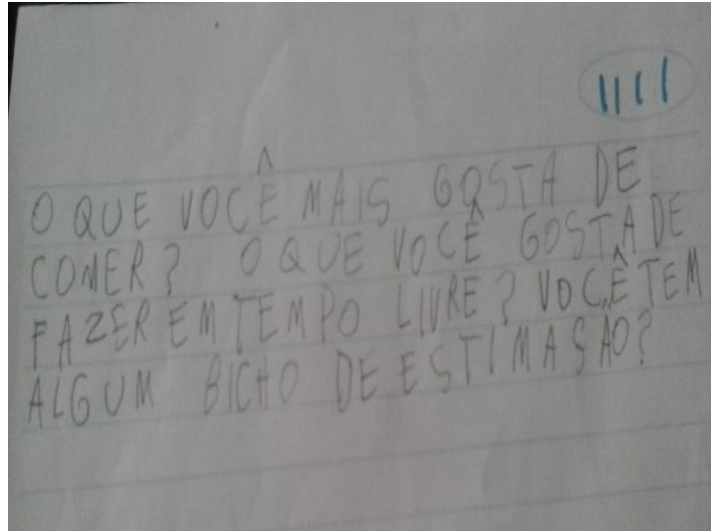
Com as entrevistas concluídas partimos, então, para a análise das produções. Escrevemos as perguntas de cada grupo na lousa para serem analisadas, destacando as características e a estrutura deste gênero. Nas figuras a seguir, apresentamos dois exemplos que foram abordados: a questão do uso do ponto de interrogação e a organização das perguntas.

Figura 4- Perguntas elaboradas pelo grupo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 5- Perguntas elaboradas pelo grupo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Já na sala de multimeios, analisamos com os alunos as filmagens das produções e conversamos sobre a postura corporal dos participantes, localização do entrevistador diante da câmera, qualidade das imagens e do som e a linguagem utilizada pelo entrevistador. Diante das indagações eles apontaram que alguns alunos colocaram o dedo na boca enquanto o outro perguntava ou respondia, balançaram o corpo na hora da entrevista, algumas imagens ficaram escuras, entre outras situações.

Destarte, na primeira produção, pudemos verificar as dificuldades encontradas pelos alunos para serem trabalhadas no decorrer da sequência didática, especificamente, nos módulos. Dois grupos não tiveram problemas na parte escrita das perguntas, porém, detectamos que um grupo empregou o ponto de interrogação de modo equivocado e o outro registrou as perguntas numa única linha.

No momento de entrevistar o colega com o uso do celular, A21, na situação de entrevistado, bateu a mão em sua testa e comunicou que A16, entrevistador, havia feito a pergunta errada:

Professora, ele falou que país que eu gostaria de conhecer (A21).
Que lugar você gostaria de conhecer?(A16)

Apontamos outro exemplo que aconteceu no momento da entrevista. A24 esqueceu o que iria perguntar para a entrevistada A23 e indagou: “E agora professora?”. No mesmo instante, A18 que assistia a realização da atividade como os demais alunos respondeu: “Você tem que saber as perguntas”.

Diante desses episódios, pudemos refletir sobre as atividades que iriam integrar os módulos, como a seleção de um número considerável de perguntas para compor o vídeo digital, para que os alunos que ainda não dominassem a leitura pudessem também assumir o papel de entrevistador.

Nessa perspectiva, Schneuwly e Dolz (2004, p.86) citam que a produção inicial oferece uma direção para ação pedagógica, pois o professor passa a ter conhecimento daquilo que o aluno já sabe fazer e das dificuldades reais e, a partir daí, pode reavaliar as atividades planejadas. Para os autores, a primeira produção “tem um papel central como reguladora da sequência didática para os alunos quanto para o professor” e concede ao aluno “descobrir o que já sabem fazer e conscientizar-se dos problemas que eles mesmos, ou outros alunos, encontram”, como exemplificado nos relatos acima.

Ao concluirmos essa fase, demos início aos módulos, compostos por diversas atividades.

C. Estudando o tema: Poluição ambiental: lixo

Objetivos:

- Levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema.
- Identificar os impactos da poluição ambiental: lixo.
- Compreender a importância de cuidar e conservar a limpeza do bairro.

Iniciamos o estudo do tema solicitando aos alunos que colocassem em uma sacola todo o lixo da sala de aula para que pudessem no dia seguinte verificar e analisar a quantidade produzida. Assim, eles foram convidados a pensar sobre o consumo e o descarte de todo o material encontrado na sacola. Consideramos interessante frisar que, no final dessa aula, A24 foi até a sacola onde se encontrava o lixo e reaproveitou um pedaço de papel para fazer anotações pessoais.

Logo após, mostramos imagens das ruas do bairro e perguntamos se eles conheciam aquele lugar, “virando ali é a rua da minha casa” (A21). Formamos, então, a roda de conversa para levantar os conhecimentos iniciais dos alunos sobre a definição de lixo para depois abordarmos outras questões. Para a pergunta, eles responderam que lixo era: “papel, plástico, saquinho, papelão, garrafa, latinha, fralda, caderno, caixa de madeira, pote vazio, casca de fruta”, dentre outros. Alguns alunos questionaram a fala de A18 quando este citou o

caderno como lixo e, em seguida, A4 argumentou que esse material só pode ser considerado lixo quando não possuir mais folhas brancas ou quando ficar velho.

Realizamos leitura de textos¹¹ sobre definição de lixo e encaminhamos a atividade para a discussão das seguintes perguntas:

- Vocês separam o lixo em casa?
- Há lixo espalhado nas ruas do bairro? Por que?
- O que isso pode causar?
- Quando chove pra onde vai o lixo que está nas ruas?
- Os moradores estão fazendo o descarte correto deste lixo?

Observamos que os alunos manifestaram interesse em participar das atividades, muitos narraram situações vivenciadas em casa: “Minha mãe joga o lixo no terreno baldio nos dias em que não há coleta” (A12). E relataram, também, que a presença de lixo nas ruas e o descarte incorreto podem gerar problemas de saúde. “Não pode jogar o lixo na rua porque pode causar poluição e causa doença” (A16).

No final desta atividade perguntamos o que seria importante saber sobre o lixo e eles citaram a questão da reutilização de garrafas, o que dava para fazer com esse tipo de material.

Figura 6- Problemática local: lixo nas ruas do bairro



Fonte: arquivo da pesquisadora.

¹¹ Utilizamos os seguintes textos: “Afinal, o que é lixo?” e “Lixo-classificação”. Ambos retirados do livro “Ler e escrever”, 2009.

Atividade 1C: Leitura e discussão

Realizamos o estudo com leitura de textos¹², apresentação de vídeos e discussões para ampliar o repertório dos alunos sobre o tema. Durante as atividades, A14 lembrou da foto da coleta seletiva que aparece nos cadernos da escola do município e mostrou aos demais colegas. A partir da fala de A14, A19 comentou que há esse tipo de cesto no zoológico.

Nesta parte da sequência, também, trabalhamos com vídeos e imagens na sala de multimídias, direcionando o estudo para a discussão das seguintes questões: produção e descarte incorreto do lixo no bairro, a importância de nos preocuparmos com essa situação devido aos impactos da poluição ambiental e ações que devem ser adotadas.

Os alunos ficaram sensibilizados com as imagens do vídeo “lixo”, disponível no YouTube, que mostram famílias e crianças trabalhando nos lixões. As seguintes questões abordadas no vídeo também os surpreenderam: o tempo que o lixo leva para desaparecer na natureza, grande quantidade de lixo que produzimos e os impactos da poluição na natureza, como a poluição do solo. Ao final do vídeo, A21 sugeriu a confecção de cartazes como uma forma de chamar a atenção da sociedade sobre os problemas causados pelo descarte incorreto dos resíduos.

Figura 7- Vídeo sobre a produção de lixo no Brasil



Fonte: arquivo da pesquisadora.

¹²Leitura do texto “Qual é a melhor forma de nos livrarmos do lixo”? Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/qual-a-melhor-forma-de-nos-livrarmos-do-lixo/>>. Acesso em 27 de julho de 2015.

Em seguida, eles foram questionados sobre os impactos do lixo na natureza, nas ruas onde moram, e o que era preciso fazer para mudar tal situação. Diante da pergunta, os alunos elencaram os seguintes problemas:

- Poluição do solo: chorume.
- Alagamentos: bueiros entupidos.
- Poluição do ar: queima do lixo.
- Aparecimento de animais que causam doenças.

A5 relatou que a queima do lixo no bairro traz problemas de saúde aos seus familiares, os quais apresentam problemas respiratórios como a bronquite. Diante da fala da colega, A14 lembrou-se de um episódio e comentou com a turma:

Um cara sem noção colocou fogo no mato e minha mãe teve problema de respiração por causa do fogo e minha irmã xingou tudo que é nome feio (A14).

Os alunos citaram a dengue como um dos impactos gerado pelo lixo esparramado nas ruas, “o lixo na rua dá dengue” (A15). Lembraram também que o solo pode ser poluído com “aquele líquido preto” (A14) e que pessoas jogam latinha de cerveja pela janela do carro.

No final da atividade, apresentamos diversos exemplos de reutilização da garrafa pet em resposta à pergunta feita pelos alunos no dia anterior.

Após esse momento, os alunos apontaram as principais informações que foram anotadas na cartolina por A13:

- Existem vários tipos de lixo.
- As pessoas estão consumindo muitos produtos.
- O descarte incorreto dos resíduos causa doenças e poluição.
- É importante separar e reutilizar os resíduos.

Atividade 2C: Leitura, discussão e atividade com panfleto de mercado

Retomamos as informações registradas no cartaz para dar continuidade ao estudo.

Nesta etapa da sequência, indagamos sobre a importância de manter a limpeza do bairro e após as discussões é que iniciamos o estudo de textos: “Por que o lixo é um problema

de todos?”¹³ e “Cuidados com o ambiente”¹⁴, propondo aos alunos que fizessem antecipações do assunto com base nos títulos.

Em continuidade, realizamos a leitura do texto pausadamente, discutindo cada parágrafo com os alunos e, no final, foram novamente questionados sobre a importância de manter as ruas limpas.

Nessa roda de discussão alguns alunos relataram que já presenciaram cenas de pessoas jogando lixo em lugares inadequados:

Jogam muito lixo no córrego perto de casa, a mamãe já falou e eles não para de jogar (A22).

Lata de cerveja no chão pode entupir os bueiros, alagando as ruas (A12).

Um homem joga fogo no mato perto de casa e tem um monte de lixo (A22).

Para a questão da diminuição dos impactos da poluição no meio ambiente, propomos, então, uma atividade em grupo para que os alunos pudessem separar o lixo de maneira certa. Eles receberam uma cartolina, dividiram ao meio e escreveram em cada lado: orgânico e reciclado. Depois, com o panfleto de mercado em mãos, recortaram e colaram as imagens dos produtos no lugar adequado de descarte.

Figura 8- Atividade em grupo: separação adequada dos resíduos



Fonte: arquivo da pesquisadora.

¹³Texto retirado da revista “Ciência hoje das crianças”. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/multimedia/revistas/reduzidas//242/files/assets/basic-html/page5.html>>. Acesso em 27 de julho de 2015.

¹⁴ Utilizamos o texto do livro didático, “Ápis Ciências”, adotado pela escola.

Nesta atividade recordamos que a separação dos materiais reduz a produção de lixo por causa da reciclagem. Porém, quando o bairro não recebe o serviço da coleta seletiva é preciso entregar os materiais aos catadores e entrar em contato com as autoridades solicitando o atendimento. Por último, os moradores devem ensacar bem o lixo orgânico e colocar tanto este como o reciclado em locais e horários corretos para que possam ser recolhidos pela coleta de lixo.

Explicamos que o lixo orgânico pode ser utilizado como adubo em jardins e hortas, diminuindo, assim, o aparecimento de animais indesejados que causam doenças e a contaminação do solo e da água. Durante a aula, A21 citou os produtos necessários para fazer o adubo: “Pega o lixo, casca de banana, maçã e caixa. Daí faz o adubo, só tem que molhar” (A21).

Como nas etapas anteriores, os alunos levantaram as informações principais, as quais foram registradas no cartaz por A8:

- Deixar o lugar limpo.
- Comprar o necessário.
- Separar os resíduos para a coleta seletiva.

Atividade 3C: Reutilização com a construção de brinquedo

Na sequência, desenvolvemos uma atividade em grupo para a reutilização dos materiais. Dessa forma, cada grupo recebeu uma cartolina, a qual foi dividida com um traço ao meio, um lado para a figura de um resíduo sólido e outro para a reutilização, a qual foi representada por desenhos feitos pelos alunos.

Em seguida, eles apresentaram e explicaram para a sala de aula a nova utilidade que cada grupo pensou para o produto. Citamos o exemplo de um dos grupos que indicou o uso da garrafa pet para fazer brinquedos:

Um tanque de coca. Eu peguei quatro garrafas. Você tem que pegar fita adesiva e enrolar todas. Enrolar uma em cima e fica um tanque (A15).

Num terceiro momento, os alunos construíram um brinquedo “bolha de sabão” com a garrafa pet. Para isso, utilizaram a parte superior do material e um pedaço de TNT que ficou preso na “boca” da garrafa com um elástico. Depois, mergulharam a garrafa na água

com sabão e retiraram a tampa para assoprar. Esse foi um dos momentos mais esperado pelos alunos.

Figura 9- Reutilização de materiais por meio de desenhos



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 10- Reutilização da garrafa pet para construir o brinquedo “bolha de sabão”



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Atividade 4C: Leitura, discussão e cartazes de conscientização

Nesta atividade, realizamos a leitura do texto “Cuidados com o ambiente” (NIGRO e CAMPOS, 2011) do livro didático utilizado pela turma. Depois deste momento,

formamos a roda de conversa para trocarmos ideias sobre a importância em manter o bairro limpo, retomando as discussões das aulas anteriores.

No final, em grupos, os alunos confeccionaram cartazes sobre os problemas causados pela falta de limpeza do bairro, apontando ações que precisam ser adotadas.

Portanto, ao refletirmos sobre os módulos à luz do arcabouço teórico histórico-cultural, consideramos que as atividades desenvolvidas para a criação de vídeos digitais teve como objetivo incidir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos por meio da intervenção da professora/pesquisadora e de colegas mais experientes da turma, “o educador não é, pois, um facilitador no sentido de que possibilita um nível de desenvolvimento que aconteceria independentemente da aprendizagem (MELLO, 2004, p.141). O professor não realiza a atividade para o aluno, pelo contrário. O aluno é convidado a participar da apropriação do conhecimento por ser considerado um sujeito ativo do processo de aprendizagem.

As atividades que integram o módulo acima nos permitem observar que, na maioria das vezes, os alunos apontaram a dengue como um dos malefícios causados pelo lixo jogado nas ruas, consideraram como lixo todo material descartado (garrafa, lata, plástico) e relataram situações vivenciadas no bairro. Deste modo, procuramos oportunizar aos alunos a apropriação de saberes sistematizados a partir de atividades planejadas que exigiram a interferência do professor.

Perante as informações coletadas, procuramos trabalhar com textos científicos e vídeos para explicarmos aos alunos que o descarte incorreto do lixo, que começa dentro das nossas casas, não causa somente a proliferação do mosquito transmissor da dengue, mas também outros impactos para a natureza e, conseqüentemente, para o homem, como a poluição do ar, solo e da água, além de outras doenças.

Abordamos também a definição de lixo, revendo o significado dessa palavra. Sendo assim, discutimos com os alunos que os materiais que podem ser aproveitados para outros fins não podem ser considerados lixo e muito menos os recicláveis, materiais que passam por transformações e que são utilizados novamente pelo homem.

Além disso, proporcionamos discussões e atividades em grupo acerca das ações que precisam ser adotadas pela sociedade e pelas autoridades públicas para diminuir a produção de lixo e os impactos da poluição.

Citamos a fala de A21 que cobra atitudes do poder público para resolver a problemática do bairro: “Fala pra sua mãe ligar pra Prefeitura”.

Indicamos outro exemplo que, a nosso ver, caracteriza aprendizagem por meio das atividades realizadas com a professora e com os colegas quando A1 chega a seguinte conclusão: “O meu vô ele tava certo mesmo, porque ele pega as coisas pra arrumar, arruma e faz uma coisa nova” (A1).

Desta forma, neste e em outros módulos adiante, procuramos proporcionar a apropriação de novos conhecimentos, a partir da zona de desenvolvimento real, para o aluno avançar a partir daquilo que ele já sabe. Assim, com o auxílio de outros sujeitos mais experientes, ele aprende aquilo que até então não sabia para atingir o nível de desenvolvimento proximal.

D. Etapas do vídeo

Objetivo:

- Conhecer as partes do vídeo.
- Montar o roteiro.
- Aprender a manusear os aparelhos.

Atividade 1D: Roda de conversa e roteiro

Primeiramente, começamos o módulo com a roda de conversa explicando as etapas principais que contemplam a produção de vídeos. Para isso, utilizamos um vídeo infantil da “Turma do Cocoricó”, em que pausadamente questionamos os alunos sobre: assunto do vídeo, quais possíveis aparelhos foram utilizados nas gravações e na edição, quem são os participantes que aparecem na tela, em qual local ocorreu a filmagem, entre outros assuntos.

Após as explicações, mostramos novamente os modelos de roteiros realizados por alunos, do livro “TV na Escola e os desafios de hoje”, e começamos a construir no coletivo um roteiro com base numa história infantil conhecida por todos (Chapeuzinho Vermelho), que foi ditada pelos alunos e reescrita na lousa pela pesquisadora.

Eles, então, receberam uma folha de papel A4, a qual foi dividida ao meio para escrever o roteiro. No lado direito da folha que indicava o som, os alunos anotaram a narração e o diálogo dos personagens e no lado esquerdo, referente à imagem, eles desenharam.

Em seguida, os alunos selecionaram as imagens dos roteiros para serem gravadas e decidiram no coletivo os participantes da história, quem emprestaria a voz para os

personagens. No momento da gravação, um aluno aproximou a máquina fotográfica digital aos desenhos e, ao mesmo tempo, os alunos interpretaram os personagens da história. Essa atividade foi realizada com base nos roteiros apresentados por Carneiro (2002).

Portanto, definimos com os alunos:

- O assunto e a finalidade do audiovisual: recontar uma história infantil para alunos.
- Roteiro: os alunos escreveram o que seria filmado.
- Pré-produção: eles definiram os participantes e o local de gravação.
- Edição e montagem: com o auxílio da pesquisadora, os alunos fizeram os “cortes” das cenas e inseriram efeitos visuais.

Figura 11- Roteiro da história infantil elaborado pelos alunos



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Depois das explicações, questionamos os alunos sobre a importância do roteiro para a produção do audiovisual e colhemos as seguintes informações:

A pessoa precisa saber o que vai falar, vai que ela fala alguma coisa errada (A21).
 Tem que saber o que você quer, não pode filmar qualquer coisa (A22).
 Sem roteiro não cria vídeos, novelas (A24).

Assim, compreendemos que os alunos caminharam de acordo com o que a autora Giraó (2005) aponta em seu texto, de que a dica para a produção encontra-se na familiaridade que o produtor deve ter com as várias etapas do processo e os materiais.

E. Características e funções da entrevista

Objetivos:

- Conhecer as características gerais do gênero.
- Perceber a presença da linguagem coloquial e informal nas entrevistas orais.
- Transcrever a entrevista oral para a escrita formal.

Atividade 1E: Elementos da entrevista

Para obterem conhecimento sobre as características e funcionalidade das entrevistas, os alunos assistiram uma entrevista em vídeo da “TV Cocoricó” com a Eva Furnari e, em seguida, preencheram um quadro simples com a pesquisadora, identificando as seguintes questões:

- 1) Quem é o entrevistado?
- 2) E quem é o entrevistador?
- 3) A entrevista aconteceu em qual modalidade: oral ou escrita?
- 4) Qual é o tema da entrevista?
- 5) Qual é o veículo de comunicação da entrevista?
- 6) Quem é o público alvo?
- 7) Qual é o objetivo da entrevista?

Essa atividade foi aplicada com outras entrevistas tanto na modalidade oral como na escrita para que os alunos pudessem identificar os elementos deste gênero.

Atividade 2E: Linguagem e entonação

Os alunos assistiram novamente a primeira produção que realizaram e, também, outros modelos de entrevistas orais para que pudessem perceber as marcas da linguagem informal. Dessa forma, em vários momentos, pausamos os vídeos para chamar a atenção dos alunos em relação à fala dos participantes, bem como, para informar sobre a importância da entonação na hora de realizar as perguntas da entrevista. Citamos exemplos: “A Joana gosta de brincar de boneca. A Joana gosta de brincar de boneca?”

Atividade 3E: Adaptação do texto oral para o escrito

Nesta terceira etapa, desenvolvemos a transcrição do texto oral para o escrito formal, mostrando que há a possibilidade de realizar a entrevista nessas duas modalidades, mas que é preciso tomar devidos cuidados com essa transformação (oral para a escrita formal). Dessa forma, levamos exemplos de entrevistas publicadas em revistas e escrevemos na lousa trechos da primeira entrevista que os alunos produziram para serem analisadas no coletivo.

Eles foram informados que seria necessário retirar as marcas da comunicação oral no texto escrito, sem alterar o sentido da resposta do entrevistado, como aponta Hoffnagel (2007, p.189), “repetições, falsos começos, repetições”.

Citamos um trecho de entrevista que foi analisado em sala de aula pelos alunos:

Entrevistador: Que lugar você gostaria de conhecer? (A16)

Entrevistado: Hummm fábrica de brinquedos (A21).

Por que? (A16)

Aaaaa, pra aprender como que faz (risos) (A21).

Você gosta de ajudar a sua mãe? (A16).

Aaaaa, sim. Porque eu gosto de arrumar a sala quando ela arruma a cozinha (A21).

Qual é sua comida preferida? (A16)

Éééé, macarrão, salsicha, linguiça calabresa (A21).

Com exemplos de entrevista oral e escrita eles puderam visualizar a diferença que há entre as duas.

Ao analisarmos os dados, ponderamos que as atividades foram desenvolvidas no coletivo com a participação ativa dos alunos e com a intervenção da professora. Levamos para a sala de aula diversos exemplos de entrevista para que eles pudessem avaliar, identificar e, assim, apropriar as características e estrutura desse gênero.

Citamos exemplos em que os alunos avaliaram a linguagem utilizada na entrevista:

Vai ter que tirar umas coisas dela (A21).

Ele fala muito “ah” (A11).

Mano, mano, não (A12).

Como, também, as determinadas funções que cada um assume na entrevista: “Um pergunta e o outro responde” (A3).

A partir dos relatos dos participantes, notamos que eles compreenderam que a entrevista exige a presença de dois sujeitos (entrevistador e entrevistado), que no momento de

ler a pergunta para o entrevistado é preciso fazer com entonação e ter cuidado com a linguagem empregada. Durante a análise das produções, os sujeitos ficaram bem atentos com as falas, até mesmo na modalidade oral.

F. Entrevistando

Objetivos:

- Observar o comportamento do entrevistador e o vocabulário.
- Criar o roteiro da entrevista.
- Realizar a entrevista.

Atividade 1F: Comportamento e vocabulário

Levamos o vídeo do programa “TV Cocoricó” entrevistando a Tatiana Belinky para os alunos observarem o comportamento do entrevistador, bem como, o vocabulário utilizado na entrevista. Em seguida, voltamos a usar as primeiras produções dos alunos para que eles pudessem fazer comparações entre as duas entrevistas.

Chamamos a atenção dos alunos para a apresentação que o entrevistador faz da convidada antes de iniciar as perguntas.

Atividade 2F: Nova entrevista

Nesta atividade, os alunos produziram uma entrevista com os próprios colegas, usando o celular da pesquisadora. Mas antes de iniciar a entrevista, definimos algumas questões com a turma: quem assumiria o papel de entrevistado e entrevistador, qual seria o assunto, quais perguntas, o público alvo, a divisão de tarefas e o comportamento de cada um.

Depois de decidirem tais questões, eles começaram a elaborar o roteiro de perguntas no coletivo acerca do tema estudado no primeiro módulo. Nesta atividade, os alunos tiveram que pensar na sequência de perguntas que foi anotada na lousa, bem como, na organização da narrativa.

Também revisamos com os alunos as técnicas de gravação com o uso do celular e da máquina fotográfica digital, isto é, as regras básicas de captação das cenas. Algumas entrevistas tiveram que ser retomadas por causa do barulho externo ou por outros motivos.

Figura 12- Tomada de decisões em grupo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

No módulo abordado, os alunos tiveram que retomar os conhecimentos explorados nos módulos anteriores para produzirem a entrevista em parceria, ficando cada um responsável por uma tarefa.

Constatamos que, tanto os alunos que dominavam a leitura e a escrita como aqueles que se encontravam em processo de alfabetização puderam participar das atividades envolvidas, pois trabalharam em grupo.

G. Edição e finalização

Objetivo: Conhecer o programa Movie Maker

Para esta atividade utilizamos as filmagens do reconto da história infantil. Apresentamos o programa para os alunos na sala de multimeios e mostramos todas as cenas da produção.

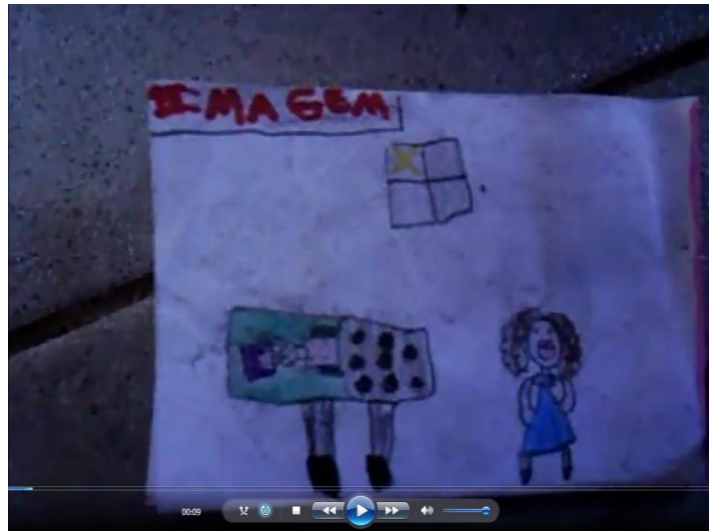
Em seguida, explicamos aos alunos que para chegar ao vídeo final era preciso selecionar as melhores cenas e montá-las na sequência indicada no roteiro. Exploramos este recurso de edição e montagem, exibindo os efeitos visuais e as animações que podem ser inseridas no vídeo.

Portanto, os alunos realizaram a edição das imagens no coletivo, eles apontaram com a intervenção da pesquisadora o que deveria ser “cortado” ou não. Os alunos revezaram

para manusear o programa, enquanto um ficava no notebook, o restante mostrava na tela de projeção o que devia ser feito.

Eles demonstraram interesse nesta parte da sequência didática e inseriram por diversas vezes efeitos visuais na produção do audiovisual.

Figura 13- Edição e montagem do vídeo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Ao analisarmos o módulo, pontuamos que os alunos não encontraram dificuldades para manusear os aparelhos móveis, porém observamos que eles desconheciam as possibilidades de uso do Movie Maker, programa responsável pela edição e montagem do vídeo. Citamos falas de alunos durante o uso do programa:

Nossa! Faz tudo isso professora? (A24)
 Agora eu quero colocar efeitos (A4).
 Corta essa parte, ficou escura (A2).

Girao (200, p.115) afirma que esta última fase de produção, edição e finalização, é tão importante quanto as anteriores. Isso porque, consiste na “costura geral da nossa colcha de retalhos”, momento dedicado a escolha das melhores imagens para a montagem e inserção de efeitos visuais.

Por fim, foram oportunizados subsídios teóricos nos diversos módulos para os alunos caminharem até a produção final.

H. Produção final

Objetivo: Produzir o vídeo com entrevistas

Atividade 1H: “Mãos à obra”

Nesta etapa, os alunos foram solicitados a produzir um vídeo digital com entrevistas e, para isso, assumiram diversas funções. Desta maneira, eles realizaram as seguintes atividades:

1) Definimos com os alunos o assunto e a finalidade do audiovisual: informar e expressar ideias por meio das entrevistas realizadas pelos próprios alunos que convivem com a problemática local.

Posteriormente, discutimos com os alunos sobre os recursos que iríamos utilizar para ilustrar o assunto do vídeo, os quais decidiram pelo uso de fotos, filmagens e gravação de voz. Dessa maneira, realizamos um passeio ao redor da instituição escolar para coletar as fotos e filmagens com o acompanhamento de dois funcionários. A saída dos alunos pelo bairro aconteceu mediante a autorização assinada pelos pais ou responsáveis.

Cabe destacar que, alguns alunos munidos com os seus dispositivos móveis, celulares, realizaram as filmagens em torno de suas casas para mostrar a situação da poluição ambiental e, depois, enviaram as produções para a pesquisadora pelo o WhatsApp.

2) Elaboração do roteiro: escrever as atividades a serem realizadas. Construímos um roteiro simples com os alunos, colocando em tópicos todas as atividades a serem desenvolvidas, ou seja, escrevemos o caminho a ser percorrido até chegar ao vídeo.

Os alunos, também, elaboraram as perguntas das entrevistas no coletivo, tendo como referência o tema estudado no primeiro módulo. Anotamos as perguntas na lousa para que três fossem selecionadas e utilizadas no momento da produção.

Perguntas elaboradas pelos alunos:

- Como é o seu bairro?
- Como são as ruas onde você mora?
- Você já viu alguém jogando lixo na rua?
- O que você pensa quando vê um montão de lixo acumulado na rua?
- O que precisa ser feito para resolver a questão do lixo nas ruas?

- Quem são os responsáveis?
- O que é preciso fazer para diminuir a quantidade de lixo?
- Você separa o lixo para a reciclagem?
- Você sabe fazer alguma coisa com a garrafa pet?
- Deixe um recado para as autoridades.

3) Pré-produção: formamos uma roda de conversa para a definição de papéis de cada participante, a qual foi anotada num caderno. Nesta etapa foram escolhidos: os entrevistados, os entrevistadores, o local de filmagem, os aparelhos utilizados, os alunos responsáveis pelas filmagens, edição e montagem.

Eu também quero ser entrevistado (A24).
Posso filmar, prô? (A20).

Retomamos com a turma as regras básicas de captação de imagens e os cuidados necessários que se deve ter no momento de manusear a máquina fotográfica digital.

4) Produção: seguimos o roteiro e cada aluno realizou a sua função conforme determinado, mas com possíveis alterações. Desta forma, os participantes entrevistaram e foram entrevistados seguindo as perguntas elaboradas no coletivo durante as aulas, enquanto que outros colegas filmaram.

Neste momento, eles tiveram que colocar em prática os conhecimentos estudados nos módulos. Durante a produção, os alunos lembraram-se das referentes questões:

- Entonação da voz no momento da pergunta.
- Postura corporal: A21 pediu para refazer a entrevista porque a colega não parava de balançar o corpo.
- A6 arrumou o cabelo da colega A1 para a filmagem.
- A23 pediu pra voltar a entrevista porque falou a expressão “tipo assim”.
- No momento da gravação, todos pediram silêncio (“xiuuuuu genti”) para garantir a qualidade do som.
- Os responsáveis pela filmagem marcaram o início da gravação com a expressão: “gravando”.

5) Edição e montagem: na sala de multimeios, utilizamos o projetor, a tela de projeção e o notebook para que os alunos pudessem analisar as gravações e selecionar as melhores cenas, colocando em ordem de acordo com o roteiro. Esta etapa aconteceu no coletivo, mas montamos duplas de alunos para manusear o programa Movie Maker.

Houve momentos da edição em que os alunos relataram que algumas imagens deveriam ser cortadas, ou porque a entrevistada balançou o corpo ou porque o entrevistador usou as expressões “tipo assim” e “né”.

Na parte da trilha sonora, A24 pediu para inserir uma música romântica no vídeo, mas logo foi questionada pelos colegas. Nesta ocasião, A13 sugeriu uma “batida” de som criada por ele e por A24, a qual foi aceita por todos.

Os alunos sugeriram diversos nomes para o vídeo, que foram anotados na lousa pela pesquisadora para a seleção do mais votado:

- Reciclar
- Lixão
- Pare de jogar lixo na rua porque traz poluição
- Não jogue mais lixo na rua
- Reutilizar
- Aprendendo a melhorar o mundo
- Reaproveitar
- Pegue o lixo da rua e faça alguma coisa com ele
- Pare de jogar lixo
- Deixe de ser preguiçoso e reutilize
- A turma da reciclagem

Como resultado, “A turma da reciclagem” foi o nome escolhido e proposto por A14, que por sua vez contou com ajuda do seu irmão para a elaboração: “Pedi ajuda para o meu irmão gêmeo para dar um nome para o nosso vídeo”.

Nesta etapa, os alunos também manifestaram interesse em gravar um áudio para ser introduzido na abertura do vídeo. Em seguida, A2 sugeriu a frase para ser dita em coro: “A turma da reciclagem em ação”, que foi gravada pela função disponível no Movie Maker.

Por várias vezes A6 indagou quando o vídeo seria divulgado para os alunos da escola: “É hoje que todo mundo vai ver, prô?”

A sugestão da música romântica por A22 para compor o vídeo foi rapidamente questionada por A21: “É lixo romântico?”

6) Resultado da produção final: vídeo produzido a partir de imagens, filmagens e entrevistas realizadas pelos alunos. Essas entrevistas são compostas por expressão de ideias de alunos de 7 anos de idade que enfrentam a problemática do lixo nas ruas do bairro em que vivem.

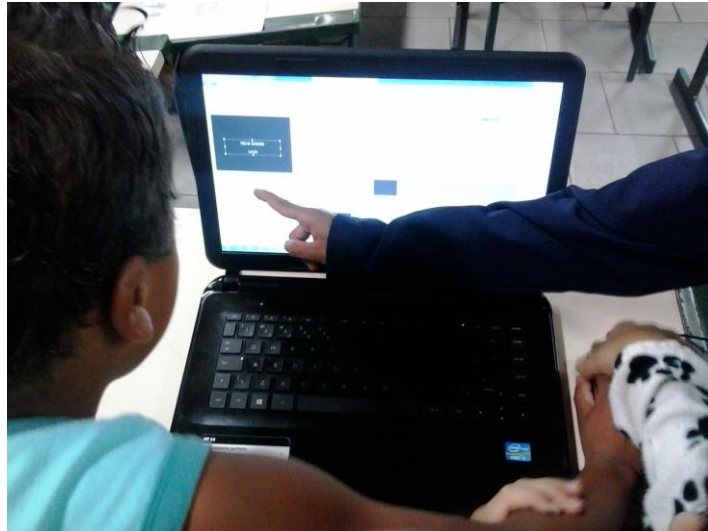
Portanto, foi na produção final que os alunos aplicaram os conhecimentos trabalhados nos módulos e, apesar dos contratemplos, consideramos que houve grande envolvimento da turma na produção do vídeo digital (Apêndice V).

Figura 14- Filmando com a máquina fotográfica digital



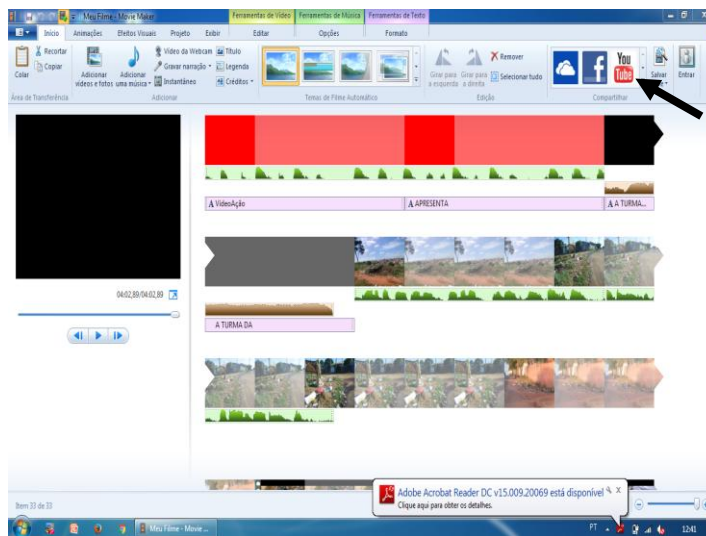
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 15- Edição de vídeo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 16- Programa Movie Maker



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Ao analisarmos a etapa final, afirmamos que os alunos empregaram os conhecimentos construídos no decurso da sequência didática para produzirem os vídeos digitais, isso ficou bem claro tanto nas situações apontadas no texto acima como nos relatos coletados na entrevista final. Para Schneuwly e Dolz (2004, p.90) a produção final concede ao sujeito “a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”, além de permitir ao professor observar se houve aprendizagem.

Ainda de acordo com os autores, a sequência didática segue a lógica de partir do complexo para o simples e voltar novamente para o complexo. Num primeiro momento, o

aluno tem o desafio de concluir uma atividade com os conhecimentos apropriados na apresentação da situação. As dificuldades encontradas durante sua realização são trabalhadas separadamente nos módulos e, por último, o complexo é retomado com a produção final.

Ao refletirmos sobre a realização da sequência didática, recorreremos à teoria histórico-cultural. Isso porque, de acordo com Leontiev (s/d), para o sujeito se apropriar da cultura produzida pela humanidade é preciso que aprenda a atividade social das produções humanas, objetos e conhecimentos, para então desenvolver as aptidões.

A frase utilizada por Leontiev (s/d, p.205), “apropriação pelos indivíduos da aquisição do desenvolvimento histórico da humanidade”, representa para nós professores e pesquisadores, democratizar o acesso às conquistas humanas de gerações anteriores, como também do século XXI, aos sujeitos inseridos no mundo digital.

Portanto, perante a oportunidade concedida pelas TDIC ao usuário em produzir qualquer tipo de informação e depois comunicá-la ao mundo é que reproduzimos essa atividade com os participantes, mas explorando as possibilidades pedagógicas do uso dos vídeos digitais.

Segundo Silva (2011, p.91) o usuário pode, ao invés de ser receptor da informação, experimentar o papel de produtor do conteúdo a ser divulgado, como, participar da elaboração de conhecimento. O autor explica que isso é possível porque a “mídia digital (Internet, celular) faz melhor a difusão da mensagem que pode ser manipulada, modificada à vontade, graças a um controle de sua microestrutura (*bit por bit*)”.

Um exemplo disso é o programa Movie Maker, o qual utilizamos para a edição do vídeo e que disponibiliza da opção “compartilhar”. Isso permite ao usuário, logo após a produção, publicar o conteúdo na Internet, como no Facebook, YouTube, entre outros.

Para apropriação da lógica comunicacional os alunos precisaram, então, reproduzir a atividade social, pois, de acordo com Leontiev (s/d, p.290):

Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é, necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto.

Lembramos que o referido autor cita a atuação do outro no processo de apropriação da produção humana, necessariamente, pontua que a relação do ser humano com os “fenômenos do mundo circundante” deve ocorrer por meio de outros sujeitos (LEONTIEV, s/d, p.290).

Portanto, ao analisarmos a produção final, compreendemos que para os alunos se apropriarem da invenção humana de modo adequado foi preciso que eles reproduzissem a construção de vídeos digitais por meio da relação com outros sujeitos e com a intervenção da professora.

5.3 Entrevista final

Após a realização da sequência didática, aplicamos a entrevista semiestruturada para conhecer a percepção dos alunos sobre o desenvolvimento das atividades, o que aprenderam durante a construção dos vídeos digitais, e avaliar a sequência didática.

Como na apresentação dos dados da primeira entrevista, os alunos foram identificados por meio da letra A, seguida de números, e as respostas obtidas expostas em forma de quadro, dividido em 3 (três) colunas para melhor compreensão:

Quadro 7- Entrevista final com os participantes

Alunos	O que aprendeu?	Construção do vídeo/ por que foi importante construir o vídeo
A1	- Que encher de lixo vai juntar toda aquela água e todo mundo vai morrer. Não pode jogar lixo, porque depois fica muito poluído o ar. As pessoas forem respirar, a respiração vai indo para o pulmão e depois fica doente. Falei pra minha mãe sobre o chorume e ela disse que não existe. Quem parou de jogar lixo na rua, ajude os outros.	PESQ. - Como foi participar da construção do vídeo? - Não sei como dizer. Filmaram e viram o que estava acontecendo. PESQ. - Pra que serve o vídeo? - Pra fazer uma entrevista, pra ver o que está acontecendo para os outros pararem de jogar lixo ou eles mesmos que vão morrer. É pra mostrar que é pra parar de jogar lixo e nunca mais jogar lixo. Entrevista é quando a pessoa fala o que acontece pra todo saber como se faz as coisas. Entrevista é pra saber o nome, pra saber...pra saber o caminho da rua e, também, é pra saber as coisas dos outros.
A2	- Eu aprendi a reutilizar o lixo, pra aproveitar. O lixo no lugar errado traz poluição, traz dengue.	- Legal. - Pra falar para as pessoas reutilizarem o lixo, pra melhorar o planeta.
A3	- Eu aprendi....antes eu não fazia nada disso, nem sabia disso (risos). Eu fui aprendendo. Eu aprendi bastante coisa, a fazer entrevista, vídeo, a reciclar, as doenças, a poluição. Agora eu reciclo com a minha mãe. Minha mãe comprou dois lixinhos, um é pra orgânico e outro para papel.	-Hummm...interessante. A gente fez entrevista. Dá pra saber o que está acontecendo de errado, talvez a gente possa ajudar. Pra saber sobre a vida da pessoa. Uma pessoa faz pergunta pra outras e as outras pessoas respondem. - Informar as pessoas a reciclar. Para ajudar as pessoas. Aprender a reutilizar, a não deixar lixo

		na rua, porque a gente vê a situação das nossas ruas.
A4	- Aprendi a separar e reutilizar o lixo. Que não pode jogar lixo na rua. Porque causa poluição do ar, do solo.	- Legal. Gravamos, depois a gente recortou. A gente fez perguntas e saber das coisas. - Pra filmar. Se você quer filmar o lixo você faz. Pra não jogar lixo mais que é um problema do bairro.
A5	- O homem construiu a casa de garrafa. Aprendi coisas boas. Aprendi a não jogar lixo na rua, porque dá doença. Os outros podem jogar fogo e poluir o ar. Tem que reciclar.	- Bom. Fiz entrevista...dá pra saber da vida das pessoas. Como vai a rua dela, se está bom pra ela. O que a pessoa pensa. É um negócio, que tem que entrevistar os outros. - As pessoas vão saber de muita coisa da nossa rua e aprender.
A6	- Aprendi a fazer vídeos, tem coisas que nós colocamos. Aprendi a reciclar o lixo, colocar direitinho e fazer as coisas.	- Eu participei, cortei as fotos no computador. É hoje que nós vamos colocar o vídeo pra todo mundo ver? - Informar. Tem nossas perguntas, as músicas. Pra ajudar as pessoas a não jogar mais lixo na rua. Nós temos que perguntar as coisas para os outros. Pra saber as coisas das pessoas.
A7	- Tem que reciclar.	- Foi legal. - Serve pra todo mundo falar.
A8	- Aprendi muita coisa, o lixo errado traz poluição.	- Gostei. Filmei o meu colega falando. - Pra falar e mostrar as coisas.
A9	- Não jogar mais lixo e deixar a rua sempre limpinha. Porque se não isso vai fazer mal pra gente, causa poluição, dengue, mosquito e alagamento.	- Foi bem. Porque mais pessoas participaram e eu gostei. Porque ajuda as pessoas. A gente fez entrevista... você faz pergunta para uma pessoa e ela responde. Perguntar quem é a pessoa, conhecer ela mais e saber o que a pessoa pensa, essas coisas. - Pra ajudar o mundo e outras pessoas, porque fala do problema do nosso bairro.
A10	- E também não pode jogar lixo na rua senão o bueiro tá aberto, aí fica toda aquele lixo e daí entope. Você viu aquele bueiro lá, perto da escola? Tá tudo cheio de água, porque entupiu. Eu vi um homem jogando lixo no bueiro. O lixo traz poluição, dengue, traz as coisas. E se deixar todo o lixo na rua, aí vai cair tudo no bueiro.	- Legal, todo mundo vai ver a gente falando. Ajudei a fazer a entrevista. - Pra contar as coisas pras pessoas. Mostrar o que gente faz.
A11	- Eu fiz um vídeo da minha rua, da rua do meu pai, da rua da minha vó, da rua da minha tia, da rua do esposo da minha tia. Eu já gravei quatro vídeos no celular da minha mãe. Eu salvei o seu número no meu tablet, no celular da minha mãe, da minha irmã e apertei no ligar. Ninguém atendeu. Estava querendo ligar pra você pra ver se você tinha recebido a mensagem. Aí, eu tentei ligar pra você, só que falou: essa chamada está sendo encaminhada	- É, eu fiz entrevista. Nós saímos, mas só que quando a gente saiu eu vi muito lixo dentro do bueiro. Quando alguém entrevista alguém dá pra ele ver como a pessoa vai, o que ela pensa. - Pra todo mundo ver e aprender a melhorar o bairro. Prô, queria perguntar uma coisa. Você vai colocar o vídeo na nossa internet ou você vai colocar em toda internet para as mães verem? É porque eu falei pra minha mãe, eu tenho computador em casa e tentei entrar no google

	<p>para a caixa postal . Aí, eu coloquei você no meu whats do meu tablet, no whats do namorado da minha tia.</p> <p>PESQ. - O que você aprendeu?</p> <p>- Que não pode jogar lixo na rua, que, também, não pode jogar lixo no terreno e, também, eu aprendi que não pode jogar lixo é...na rua, porque traz poluição.</p> <p>Porque lá em frente da casa minha, eles pegam o lixo e começam a jogar na rua. Eu falo assim:</p> <p>-Vizinhos, vocês não sabem que traz poluição?</p> <p>- Não pode jogar lixo. A minha prô falou assim que se jogar lixo entope o bueiro</p> <p>Prô, também, sabe na casa da minha tia? Os lixeiros não passam, os cavalos, os cachorros vêm e começam a rasgar o lixo perto do bueiro e os vizinhos vão lá e começam a pegar a vassoura mandando tudo para o bueiro.</p>	<p>pra tentar achar aquele negócio que você falou, da tartaruga, só que eu não consegui.</p>
A12	<p>- Os adultos é porco, fica jogando lixo na rua, vai queimando e causa problema. Poluição do ar e dengue. Depois todo mundo morre.</p> <p>Recicle o lixo. Não jogue mais lixo, fazendo um grande favor. Já falei pra, pra minha mãe, mas ela não recicla.</p> <p>Eu aprendi que tem que melhorar o mundo e tem que reciclar todo o dia.</p>	<p>- Foi muito legal, porque eu aprendi as coisas. Aprendi que tem que reciclar, reaproveitar, reduzir e repensar. Aprendi sobre a entrevista, dá pra saber sobre a vida dos outros, se está ruim ou bom.</p> <p>- Serve pra gente falar pra todas as pessoas. As pessoas vão aprender os 4Rs. Não é brincadeira, é super sério. É muito importante pra todo mundo ver.</p>
A13	<p>- Não pode jogar lixo na rua porque traz poluição do ar. E é preciso reciclar o lixo, não jogar o lixo na rua.</p>	<p>- Tiramos fotos, fomos na rua pra filmar. A gente entrevistou....pra saber da vida, pra saber do lixo também e outras coisas.</p> <p>- Pra todo mundo ver a situação das ruas e não jogar mais lixo.</p>
A14	<p>- Aprendi sobre o lixo, o que é reciclável e o que é orgânico. Pare de jogar lixo! Você não sabe o que pode acontecer. Pode trazer poluição e doença pra você mesmo. Eu já falei pra minha mãe reciclar e ela não recicla.</p>	<p>- Importante. Produzimos bastante coisas. Eu tava querendo mesmo fazer o vídeo. Eu já falei pra minha mãe reciclar e ela nunca recicla.</p> <p>- Para os adultos aprenderem a reciclar e, também, pra eles pararem de jogar lixo nas ruas do bairro.</p>
A15	<p>- Reutilizar o lixo. Poluição do solo e dengue.</p>	<p>- Bom. A gente falou para as pessoas. Nós ficamos fazendo entrevista, perguntas para o outro.</p> <p>- Pra todo ver as nossas coisas, nós deixamos um recado do bairro.</p>
A16	<p>- Eu aprendi a reciclar, os 4 Rs. Não jogar mais lixo na rua e economizar. Porque traz doença, dengue, poluição do ar e poluição do ar. Tem que comprar só o necessário, pegando o lixo e fazendo outro tipo de coisa.</p>	<p>- Foi um pouco demorado. A gente falou do nosso jeito e todo mundo vai saber o que nós fez. Fui entrevistador, com a entrevista nós aprendemos alguma coisa que nós não sabemos.</p> <p>- Pra informar sobre o problema do lixo. Esse vídeo é triste e muito desagradável porque as pessoas jogam lixo na rua.</p>
A17	Aluna transferida	
A18	<p>- As pessoas ficam jogando lixo nas ruas, dá doença. Não pode jogar lixo porque traz poluição tem que separar o lixo e reutilizar.</p>	<p>- Foi importante para as pessoas pararem de jogar lixo, porque traz doença.</p> <p>- Pra informar a gente.</p>

A19	- Não jogar mais lixo no terreno baldio e colocar no cesto separado.	- Bom. O A12 cantou e o A24 também. As pessoas vão gostar do vídeo que a gente fez. - Pra informar sobre os lixos. Porque eu vejo que o homem fica jogando todo dia lixo no terreno.
A20	- Reciclar, reutilizar...(espera aí, eu estou falando os 4Rs), também deixar o lixo para a coleta seletiva e para os homens que vêm com o carrinho. Reciclar, reutilizar, repensar e reduzir, pronto.	- Bom. A gente filmou bastante, entrevistou, cortou no computador. - Dá pra comunicar as coisas pras pessoas, falar do nosso jeito as coisas do lixo que jogam na rua, colocar música e mandar.
A21	- Aprender a melhorar o mundo, pra aprender a reciclar. Pra não acumular mais o lixo. Aprendi a fazer entrevista. O lixo na rua pode aparecer o alagamento.	- Foi bem. A gente fez um vídeo que ensinava alguém a fazer alguma coisa pra não ficar jogando. A gente entrevistou...a entrevista é uma coisa que usam pra informar as pessoas sobre as coisas que acontecem. - Pra informar porque tem muitas pessoas jogando muito lixo na rua, elas não têm vergonha, vai trazer chorume e vai inundar a cidade.
A22	- Tem que reciclar o lixo. Esse mundo, nosso mundo, nós temos que cuidar dele. Não tem que estragar o mundo. Nosso mundo é nosso, nós temos que cuidar, porque nós mora nesse mundo e porque quando a gente joga lixo pode trazer poluição, doença pra nós e nós ficar doente, no hospital.	- Aquele vídeo era muito importante. Se melhorar o mundo junto vai ser melhor, porque jogando lixo o nosso mundo acaba sujo, melhor é melhorar o mundo. Sempre que chegamos na aula, uma vez nós fizemos entrevista até na hora do recreio. Nós fizemos entrevista sobre o amigo, sobre o lixo. Agora nós estamos fazendo o vídeo dos animais. - Esse vídeo serve para por na internet pra os outros saberem as coisas que nós gravamos, que isso é um caso muito sério.
A23	- Eu aprendi a que não deve jogar lixo na rua, porque dá alagamento. Aprendi a separar e reutilizar o lixo. Se tiver alguma coisa nós pegamos de volta e guarda. Eu gostei muito da atividade.	- Ah...foi bom. Eu gostei. Filmamos bastante coisa, fizemos entrevistas. - Pra falar para as pessoas sobre o lixo das nossas ruas.
A24	- Aprendi a reciclar. Não jogar lixo na rua porque causa poluição, dengue, bicho.	- Foi legal, falamos bastante coisa. A gente fez o roteiro, cada parte tem sua hora pra mostrar, porque tem uma sequência. Vamos colocar na internet para os adultos vê e parar de jogar lixo na rua. - Pra pessoas saberem das coisas e vê na internet.
A25	Aluna transferida	

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Com base na teoria da atividade abordada por Leontiev (2003), compreendemos que o sujeito se apropria das conquistas humanas com a realização de atividades, sendo o desenvolvimento infantil marcado por uma atividade principal, como é o caso do período escolar que tem o estudo como tarefa específica.

Além do mais, quando o aluno inicia o Ensino Fundamental o conhecimento toma outra magnitude, pois para Mello (2004, p.147), a atividade de estudo amplia os saberes, como também, instiga ainda mais o sujeito a pensar e reorganizar seus pensamentos e a entender as relações humanas.

Diante da atividade principal determinada pelas condições históricas em que os participantes desta pesquisa estavam inseridos, verificamos a aquisição de conhecimentos. Portanto, citamos as falas dos alunos que retratam a aprendizagem de conteúdos curriculares, assim como, a percepção sobre os vídeos digitais durante o processo da sequência didática:

Eu aprendi....antes eu não fazia nada disso, nem sabia disso (risos). Eu fui aprendendo. Eu aprendi bastante coisa, a fazer entrevista, vídeo, a reciclar, as doenças, a poluição. Agora eu reciclo com a minha mãe. Minha mãe comprou dois lixinhos, um é pra orgânico e outro para papel (A3).

Aprendi sobre o lixo, o que é reciclável e o que é orgânico. Pare de jogar lixo! Você não sabe o que pode acontecer. Pode trazer poluição e doença pra você mesmo. Eu já falei pra minha mãe reciclar e ela não recicla (A14).

Esses relatos transcritos também nos reportam a teoria de Vigostki (2007) no que tange à questão entre aprendizagem e desenvolvimento. Segundo o autor, o professor precisa atuar na zona de desenvolvimento proximal, que marca as funções que estão em processo de maturação. Lembramos, portanto, que aquela tarefa feita sob o auxílio de alguém passa a ser efetuada de modo independente pelo sujeito amanhã, tal situação sinaliza a passagem do nível de desenvolvimento potencial para a real.

Assim, o aluno precisa avançar naquilo que já sabe. E, nesta pesquisa, isso fica visível de entender quando retomamos as informações dadas pelos alunos no início da sequência didática e comparamos com as respostas finais. Se num primeiro momento os impactos do lixo estavam associados na maioria das vezes à dengue, após a realização das atividades os apontamentos dos alunos foram outros e isso se estendeu para as questões dos vídeos.

Frisamos que os participantes também acrescentaram informações a respeito da entrevista realizada por eles:

Um negócio, que tem que entrevistar os outros. Pra saber da vida das pessoas. Como vai a rua dela, se está bom pra ela. O que a pessoa pensa (A5).

Você faz pergunta para uma pessoa e ela responde. Saber....perguntar quem é a pessoa, conhecer ela mais e saber o que a pessoa pensa, essas coisas (A9).

Schneuwly e Dolz (2004) definem a entrevista como um gênero que envolve a participação do entrevistador e entrevistado. Esse último, com maiores conhecimentos sobre

determinado problema ou situação, responde as perguntas e tem as suas respostas divulgadas, comunicadas, a terceiros.

Dessa maneira, com base nos relatos, notamos que a concepção de entrevista foi ampliada a partir das situações vivenciadas pelos alunos durante a realização das atividades.

Outro ponto que constatamos foi a socialização de saberes apropriados e construídos na escola com os familiares e adjacentes:

Porque lá em frente da casa minha, eles pegam o lixo e começam a jogar na rua. Eu falo assim:
-Vizinhos, vocês não sabem que traz poluição? (A11)
Não jogue mais lixo, fazendo um grande favor. Já falei pra, pra minha mãe, mas ela não recicla (A12).

Com relação ao entendimento da utilização das tecnologias digitais, dispositivos móveis, para além do entretenimento, apontamos o relato de A11 que fez uso desses instrumentos em sua casa para criar vídeos sobre o assunto estudado em sala de aula e procurou enviar a produção para o WhatsApp da professora:

Eu fiz um vídeo da minha rua, da rua do meu pai, da rua da minha vó, da rua da minha tia, da rua do esposo da minha tia. Eu já gravei quatro vídeos no celular da minha mãe (A11).

Conforme citamos, Leontiev (s/d, p.286) entende que o processo de aquisição das riquezas da cultura acontece de maneira ativa. Para o homem se apropriar da cultura, “objetos e fenômenos”, frutos do desenvolvimento histórico torna-se necessário “desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto”.

Em face disso, o sujeito para aprender o uso social dos instrumentos que fazem parte do processo histórico da humanidade precisa participar de atividades que possibilitam a sua reprodução.

Ao refletirmos as palavras de Leontiev (s/d), observamos, então, que os alunos compreenderam o uso do vídeo como finalidade oposta da qual utilizavam, ao divertimento. Mas para isso eles tiveram que vivenciar o uso social das tecnologias além das práticas mais comuns.

Os seguintes relatos dos participantes demonstram que os vídeos elaborados por eles, na perspectiva de autoria, servem para informar, uma percepção diferente ao lazer:

Informar. Tem nossas perguntas, as músicas. Pra ajudar as pessoas a não jogar mais lixo na rua (A6).

Pra informar sobre o problema do lixo. Esse vídeo é triste e muito desagradável (A16).

Pra informar porque tem muitas pessoas jogando muito lixo na rua, elas não têm vergonha, vai trazer chorume e vai inundar a cidade (A21).

Uma das práticas frequentes da utilização das tecnologias nos espaços escolares, especificamente os vídeos, é a sua abordagem para iniciar ou exemplificar algum conteúdo estudado ou até mesmo para passar o tempo. Moran (2002, p.3) deixa claro que as tecnologias, não devem ser abordadas somente como “apoio às aulas”, tem que ir além disso, “analisá-las, dominar suas linguagens e produzir, divulgar o que fazemos. Podemos incentivar que os alunos filmem, apresentem suas pesquisas em vídeo, em CD ou em páginas WEB - páginas na Internet”.

De acordo com Moran (2013) o vídeo está vinculado à televisão, à Internet e à ideia de divertimento e isso surte reflexo na visão do aluno. Quando abordado em sala de aula o vídeo passa a ser entendido como algo que proporciona descanso, não sendo visto como um momento de estudo. Frente a essa expectativa de uso, o autor cita que o professor precisa aproveitar o ensejo como uma forma de aproximar o aluno aos assuntos pedagógicos, porém, cabe a ele também pensar em novas possibilidades de uso.

Em continuidade, recorreremos a outros exemplos que retratam a percepção dos alunos acerca da produção dos vídeos:

Importante. Produzimos bastante coisas. Eu tava querendo mesmo fazer o vídeo. Eu já falei pra minha mãe reciclar e ela nunca recicla (A14).

Bom, a gente falou para as pessoas. Nós ficamos fazendo entrevista, perguntas um para o outro, nós deixamos um recado (A15).

Aquele vídeo era muito importante. Se melhorar o mundo junto vai ser melhor, porque jogando lixo o nosso mundo acaba sujo, melhor é melhorar o mundo. Esse vídeo serve para por na internet pra os outros saberem as coisas que nós gravamos, que isso é um caso muito sério (A20).

Esse vídeo serve para por na internet pra os outros saberem as coisas que nós gravamos, que isso é um caso muito sério (A22).

De acordo com Palfrey e Gasser (2011), a era digital oferece tecnologias de baixo custo para os sujeitos se expressarem e divulgarem suas produções, podendo ser visualizadas por um grande número de pessoas.

A vontade dos nativos digitais de criar algo e depois compartilhar é vista pelos autores como uma necessidade de expressão que acompanha o homem durante muito tempo:

[...] O desejo de expressar suas próprias crenças e opiniões – de compartilhá-las com outras pessoas – é inerente à natureza humana. Os avanços nas tecnologias digitais têm permitido que praticamente qualquer usuário com habilidades digitais básicas e acesso rápido à internet se expresse de maneiras criativas e a baixo custo. O impulso não é nada novo, mas as formas de expressão, sim. E o impacto sobre o modo em que as culturas passam a ser entendidas pode ser significativamente diferente do que nas eras anteriores (PALFREY e GASSER, 2011, p.144).

Nesta quebra de hierarquia de divulgação de informações concedida pelas tecnologias digitais é que sinalizamos falas de alunos que citam o partilhar de suas produções com outras pessoas:

É hoje que nós vamos colocar o vídeo pra todo mundo ver? (A6)
Vamos colocar na internet para os adultos vê e parar de jogar lixo na rua (A24).

Sendo assim, ao considerarmos as palavras de Palfrey e Gasser (2011, p.145) de que “os nativos digitais estão crescendo em um corajoso novo mundo em que as decisões o que será e não será produzido não está mais nas mãos de um pequeno número de profissionais da indústria de conteúdo”, podemos avaliar que a educação escolar não pode ficar alheia a tal acontecimento. Cabe a ela então aproveitar a oportunidade que as TDIC ofertam ao usuário de veicular a sua produção em rede, ensinando o aluno a fazer uso adequado desses instrumentos do século XXI, pois, como vimos, por muitos anos a mídia clássica dominou a transmissão de conteúdos e nos últimos tempos o cidadão comum tem a chance de se manifestar para o mundo todo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento final, convidamos o leitor a retomar as discussões adotadas durante o percurso da pesquisa.

A tecnologia faz parte da criação humana, do processo de desenvolvimento histórico da humanidade e acompanha o homem há muito tempo. Ao longo dos anos, o ser humano criou e modificou suas invenções para atender as suas necessidades.

É sabido que o mundo está vivenciando mudanças nas diversas atividades com o avanço das TDIC e com o advento da globalização. Da linguagem oral para a escrita e nas últimas décadas a digital, que por sua vez permeia a atual conjuntura do homem contemporâneo.

Essas mudanças modificaram a maneira de viver, pensar e aprender. Temos, nos bancos escolares, um perfil de aluno diferente das gerações anteriores- o nativo digital- que realiza diversas tarefas ao mesmo tempo, busca informações na Internet, joga, baixa músicas, compartilha, conversa com pessoas que habitam outras partes do planeta. E tudo isso vem a refletir na educação escolar.

Cabendo a escola o desafio de preparar o aluno para as exigências da sociedade contemporânea, planejando atividades que concedem ao nativo digital a apropriação da cultura criada pela humanidade. Além do que, essa nova geração acaba fazendo uso das tecnologias para o divertimento e para ampliar essa visão torna-se necessário a intervenção de um adulto com mais experiência para apresentar a função social das tecnologias.

O professor será o mediador dessa relação do sujeito com o objeto de conhecimento, pois no processo de aprendizagem o sujeito depende da ajuda de alguém com mais experiência para realizar a atividade e, por fim, se apropriar dos saberes.

Assim, demos início a esta pesquisa com o objetivo de explorar as possibilidades pedagógicas do uso das TDIC nos anos iniciais do Ensino Fundamental. E, dentre as diversas possibilidades, exploramos nesta Dissertação de Mestrado a criação de vídeos digitais pelos alunos, em consonância, com uma lógica comunicativa que permite ao usuário assumir a posição de produtor-autor.

Essa produção envolveu a vivência de situações que fomentaram considerações acerca da utilização das tecnologias de forma pedagógica no processo de ensino e aprendizagem.

Ao analisarmos os dados obtidos das entrevistas e das atividades para a produção dos vídeos digitais, notamos que os participantes já tinham tido alguma experiência com as tecnologias e com a construção de audiovisuais, porém utilizadas para o lazer. Os alunos também citaram a divulgação dos seus filmes “caseiros” nas redes sociais.

Rodas de conversas foram formadas para o levantamento dos saberes dos alunos acerca dos assuntos tratados na sequência didática com o intuito de realizarmos as devidas intervenções. Para conhecer o nível efetivo dos alunos, o professor precisa construir uma relação de diálogo com os envolvidos e propiciar situações favoráveis a expressão de ideias. Dessa maneira, procuramos a todo instante manter o diálogo com os alunos, considerando e intervindo em suas observações.

Conhecer o que o aluno já sabe para ele aprender aquilo que ainda não sabe, representa atingir a zona de desenvolvimento proximal. O sujeito com ajuda de alguém consegue efetuar a tarefa e mais tarde esse nível de desenvolvimento torna-se real.

No decorrer da sequência didática, verificamos o engajamento dos participantes no desenvolvimento das atividades planejadas, as quais exigiram a interação entre os sujeitos. A interação foi um dos elementos primordiais para a realização das tarefas, desde a escrita das perguntas em que o aluno com maior domínio da leitura e da escrita ajudou o colega com menor experiência a fazer o registro, até os momentos coletivos para tomada de decisões.

Os participantes puderam também avaliar as suas atividades com a intervenção da professora, os quais foram convidados a rever as suas produções visualizando o que precisava melhorar e as dificuldades que precisavam ser sanadas.

Durante e após a produção dos vídeos digitais, reprodução da atividade humana, notamos que os alunos se apropriaram dos conteúdos curriculares abordados na sequência didática e da linguagem do audiovisual. Outro fato importante que observamos foi a busca por soluções para os problemas apresentados no bairro e a compreensão do uso das tecnologias como uma forma do usuário expressar suas ideias e informar outras pessoas.

Dessa forma, para explorar as possibilidades de uso das tecnologias de modo diferente ao entretenimento, adotamos uma postura pedagógica que considerou o aluno como sujeito histórico, ativo no processo de aprendizagem. Sendo relevante o papel do professor como mediador humano no processo de relação entre sujeito e objeto de conhecimento.

Sabemos que os participantes desta pesquisa tinham apenas 7 anos de idade, mas eles nasceram e vivem na era digital e, diga-se de passagem, já estão *online*, sendo assim, não há como a educação ignorar tal situação. Situação essa que permite a comunicação de

informações produzidas pelo próprio consumidor para o mundo todo num baixo custo, fato impossível há duas décadas atrás.

Portanto cabe a educação promover esse momento da história aos nativos digitais, e isso depende da aquisição da cultura humana. Para os participantes desta pesquisa assumirem o papel de produtores de informações eles, não se limitaram a tarefa de fotografar as situações ou de carregar o instrumento de um lado para outro, participaram de uma série de atividades planejadas que, a nosso ver, ofereceram conhecimentos necessários para a elaboração do audiovisual na perspectiva de autoria.

Acreditamos que a criação de vídeos digitais pelos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental possibilitou a produção e divulgação de informações sobre situações e problemas que fazem parte da realidade do aluno-autor, tendo assim, uma proposta de uso das tecnologias diferente ao entretenimento.

Dessa maneira, julgamos importante que o professor busque novos conhecimentos para lidar com os desafios de uma sociedade em transformação. As tecnologias estão em constante mudança e, para o homem contemporâneo acompanhar esse momento histórico, a aprendizagem precisa ser permanente.

Portanto, ser professor do século XXI demanda esforços pedagógicos para superar as lacunas deixadas na formação inicial, sendo necessário investir na formação continuada para atender e ensinar um público, que está cada vez mais em contato com as tecnologias, a usá-las de modo qualitativo.

REFERÊNCIAS

ABREU P. H. B. **Games e educação: potência de aprendizagem em nativos digitais**. 2012. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

ALMEIDA, M. E. B. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005a. p. 38-45. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

_____. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANTONELI, C. M. **Integração das mídias: TV digital, ambiente virtual de aprendizagem e material impresso na construção de disciplinas para um curso de pedagogia a distância**. 2011. 104f. Dissertação (Mestrado Profissional em Televisão Digital: informação e comunicação)- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2011.

AVILA, R. N. P. **A arte do vídeo digital**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BALADELI, A. P. D.; BARROS, M. S. F.; ALTOÉ, A. Desafios para o professor na sociedade da informação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45, p. 155-165, jul/set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n45/11.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

BARANAUSKAS, M. C. C. et al. Uma taxonomia para ambientes de aprendizado baseados no computador. In: VALENTE, J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999. p.34-51.

BECKER, B.; MATEUS, L. Pensando e fazendo webjornalismo audiovisual: a experiência do TJUFRJ. **International Association for Media and Communication**, Lisboa, v. 5, n. 1, p. 59-75, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/obs/v5n1/v5n1a04.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

BEHRENS, M. A. Projetos de Aprendizagem Colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21.ed. Campinas: Papirus, 2013.

BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. Tecnologias e a formação de leitores: desafios na sociedade contemporânea. In: BARROS, D. M. V.et. al. (Orgs.). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Lisboa: 2011.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitative em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CARNEIRO, V. L. Q. Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola. In: FIORENTINI, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. (Orgs.). **TV na escola e os desafios de hoje**. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política**. Lisboa: 2005. p. 17-30. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Redde_C C.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

COSTA, B. I. Uma inovação aparente. **Educar em Revista**, Curitiba, n.36, p.215-231, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a14n36.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

FRANCO, A. C. F. et. al. Algumas interrogações acerca das produções midiáticas sobre a juventude. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.415-428, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v26n2/1984-0292-fractal-26-02-00415.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIRAO, L. C. Processos de produção de vídeos educativos. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/iniciaissf.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino presencial e a distância**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2008a.

_____. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 3.ed. Campinas: Papirus, 2008b.

_____. Educação e internet no Brasil. **Cadernos Adenauer**. 2015, n.3, p.133-150. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famat/viali/doutorado/ptic/textos/Kenski.pdf>>. Acesso em: 30 de novembro de 2015.

LEITE, L. P.; EIDT, N. M. As contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão do desenvolvimento humano e da aprendizagem. In: CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Orgs.). **A construção do projeto político pedagógico de uma escola inclusiva**. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010.

LEITE, L. S. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, W. (Org.); AMORA, D. et.al. **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Editora Horizonte, s/d.

_____. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 8.ed. São Paulo: Ícone, 2003

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÜKDE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2.ed. São Paulo: E.P.U., 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, S. A. A escola de Vygotsky. In: CARRARA, K. (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

MENEGON, E. N. **Imagens e narrativas midiáticas: análise dos vídeos do YouTube**. 2013. 152f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, UNESP, Marília, 2013.

MILANI, D. R. C. **Contemporaneidade e educação: mídias digitais nas culturas juvenis.** 2012. 208f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)- UNESP, Araraquara, 2012.

MIRANDA, J. C. Por que o lixo é um problema de todos? **Revista Ciências hoje das crianças.** [S.I], n.242, p.5, jan/fev. 2013. Disponível em: <<http://www.chc.cienciahoje.uol.com.br/multimedia/revistas//242/files/assets/basic-tml/page5.html>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.

MORAN, J. M. **Desafios da televisão e do vídeo à escola.** 2002. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/desafio.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2015.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 21.ed. Campinas: Papirus, 2013.

MOREIRA, M. A. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação.** Brasília, v.1, n.1, p.131-142, jul. 2004. Disponível em: <<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/26/23>>. Acesso em: 31 de maio de 2014.

NEVES, E. B.; DOMINGUES, C. A. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** Rio de Janeiro: EC/CEP, 2007.

NIEMEYER FILHO, A. **Ver e ouvir.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
NIGRO, R. G.; CAMPOS, M. C. C. Cuidados com o ambiente. In: _____. **Ápis: Ciências.** São Paulo: Ática, 2011. cap.3, p.38-48.

OKADA, A. COLEARN 2.0: Refletindo sobre o conceito de CoAprendizagem via REAs na Web 2.0. In: BARROS, D. M. V.et. al. (Orgs.). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas.** Lisboa: 2011.

OLIVEIRA, M. K. de. **VYGOTSKY: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.

_____. O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. **Cadernos de Formação,** n.35, p. 85-90, 2000.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais.** Porto Alegre, ARTMED, 2011.

PANDO, R. A. **As contribuições do audiovisual para a formação de jovens produtores: a construção de conteúdos por meio de dispositivos móveis.** 2012. 103f. Dissertação (Mestrado Profissional em Televisão Digital: informação e comunicação)- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2012.

PEREZ, M. C. A.; TEZANI, T. C. R. Ensino fundamental de nove anos: reflexões acerca da organização do trabalho pedagógico para o atendimento à infância, na proposta de educação inclusiva. In: CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Orgs.). **A construção do projeto político pedagógico de uma escola inclusiva.** Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010.

PRADO, M. E. B. B. Integração de tecnologias com as mídias digitais: integração de mídias e a reconstrução da prática pedagógica. In: ALMEIDA, M. E. B.; PRADO, M. E. B. B. (Orgs.). **Integração de tecnologias, linguagens e representações.** Ministério da Educação. Boletim 05- Salto para o futuro. Maio, 2005. p.8-14. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/145723IntegracaoTec.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants.** On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, n.5, October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2015.

Qual a melhor forma de nos livrarmos do lixo? **REVISTA CHC.** [S.I. : s.n]. 2012. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/qual-a-melhor-forma-de-nos-livrarmos-do-lixo/>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.

REGO, T. C. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

RICCIARDI, M. S. **Documentários e redes sociais na televisão digital.** 2011. 138f. Dissertação (Mestrado em Televisão Digital)- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação UNESP, Bauru, 2011.

RODRIGUES, C. J. **Documentário: tecnologia e sentido.** Um estudo da influência de três inovações tecnológicas no Documentário Brasileiro. 2005. 87f. Dissertação (Mestrado em Multimeios)- Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2005.

ROQUE, Z. M. **Letramento digital em contextos de autoria na internet.** 2011. 250f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações Curriculares:** proposições de expectativas de aprendizagem- Tecnologias de Informação e Comunicação. Secretaria Municipal de Educação- São Paulo: SME, 2010. Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/Informatica%20educativa/Orienta%C3%A7%C3%B5es%20curricularestic.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

SARTORI, A. F. **Produção docente de vídeos digitais para o ensino de física:** desafios e potencialidades. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências)- USP, São Paulo, 2011.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Ler e escrever:** guia de planejamento e orientações didáticas, 3ª série. São Paulo: FDE, 2009.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação.** Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em 15 de janeiro de 2014.

_____. Os professores e o desafio comunicacional da cibercultura. In: AMORA, D.; SANTOS, E. O.; LEITE, L. S.; SILVA, M.; FILÉ, V.; FREIRE, W. (Org.). **Tecnologia e educação:** as mídias na prática docente. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

_____. Promover inclusão social na cibercultura e educar em nosso tempo. In: REALI, A. M. M. R.; MILL, D. R. S. (Orgs.). **Educação a distância e tecnologias digitais:** reflexões sobre sujeitos, saberes, contextos e processos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

SILVA, J. M. **O som da integração das tecnologias digitais de informação e comunicação ao currículo:** a rádio na internet- voz, poder e aprendizagem. 2011. 211f. Dissertação, (Mestrado em Educação)- PUC, São Paulo, 2011.

SODRÉ, M. O *ethos* midiaticizado. In: _____. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002. cap.1, p.11-81.

TEZANI, T. C. R. Considerações sobre as tecnologias da informação e da comunicação na educação básica e as práticas pedagógicas curriculares. In: ZANATA, E. M; CALDEIRA, A. M. A; LEPRE, R. M. (Orgs.). **Cadernos de Docência na Educação Básica.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 149-162.

_____. (Org.). **Currículo Comum para o ensino fundamental municipal de Bauru**. Secretaria Municipal de Educação- Bauru: SME, 2012. Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos/arquivos_site/sec_educacao/dpppe/curriculo.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. 2014. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/diretrizes_de_politicas_da_unesco_para_a_aprendizagem_movel_pdf_only/#.Vhxbl_IViko>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP, 1993.

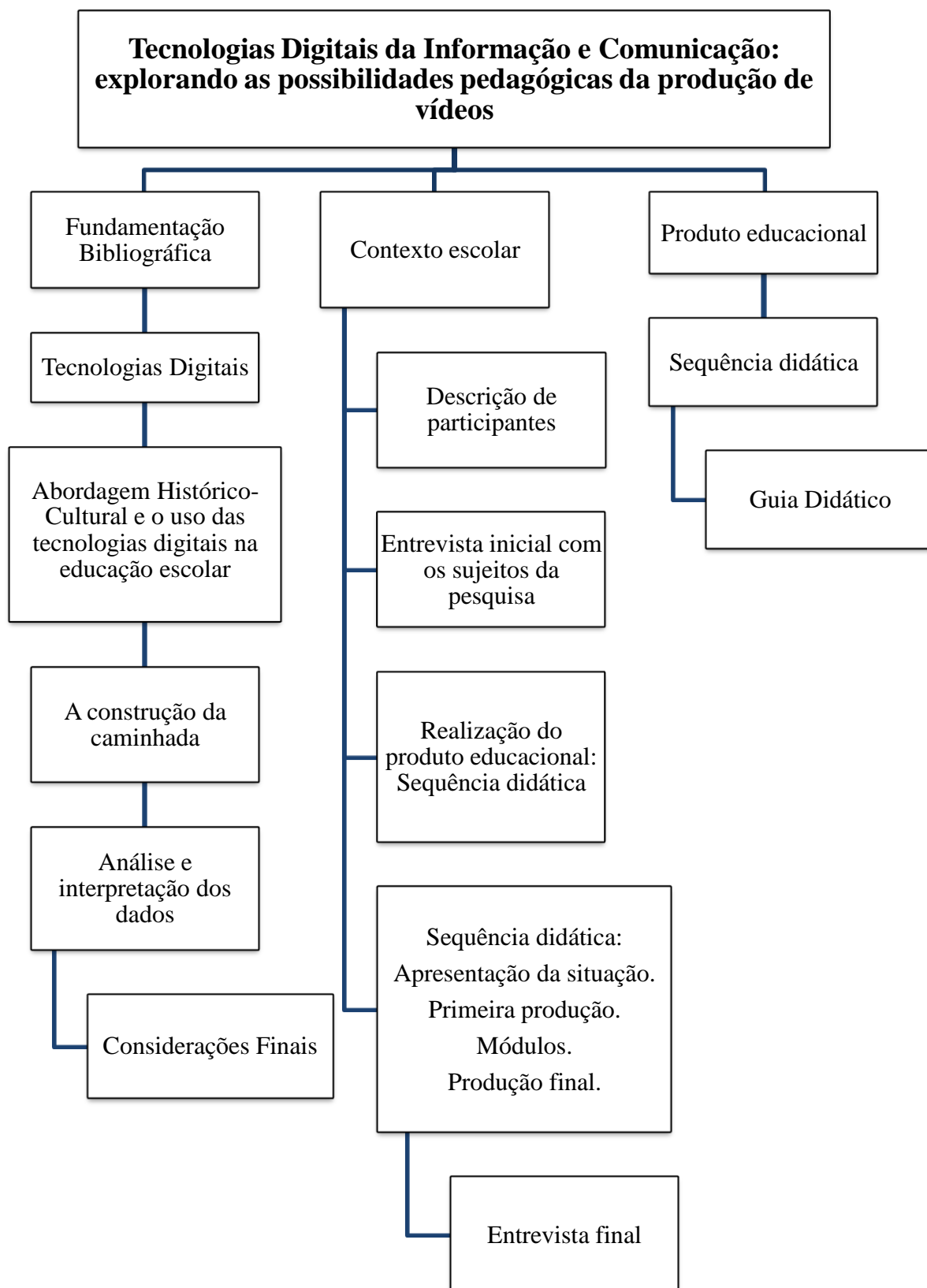
_____. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em 15 de janeiro de 2014.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Quadro 8 – Desenvolvimento da Pesquisa



APÊNDICE II – Modelos dos Termos de Consentimento e Assentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Diretora**

Eu, _____, Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Bauru – SP, portadora do R.G. _____, abaixo assinado, estou ciente dos objetivos da pesquisa intitulada “**Construção de vídeos digitais e possibilidades de exploração na perspectiva de autoria**”, a qual pretende desenvolver e explorar as possibilidades pedagógicas da construção de vídeos digitais com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental na perspectiva de autoria. A pesquisa será conduzida por **Milena Aparecida Vendramini Sato**, portadora do **RG. 34.195.922-4**, professora da EMEF “Maria Chaparro Costa”, neste município e mestranda do Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, sob a orientação da Professora Doutora Thaís Cristina Rodrigues Tezani.

Desta forma, autorizo que a pesquisa seja desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Maria Chaparro Costa” de Bauru, no ano de 2015, e permito a aplicação de questionários, realização de observações, entrevistas e análise de documentos, em situações previamente combinadas com os responsáveis pela escola e com os alunos.

Concordo, também, com a divulgação dos resultados provenientes dessa pesquisa em eventos científicos e periódicos, com o objetivo de colaborar com o avanço das pesquisas educacionais, sendo preservado o direito de sigilo à identidade pessoal dos participantes.

Bauru- SP, _____ de _____ de _____.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PAIS

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: Construção de vídeos digitais e possibilidades de exploração na perspectiva de autoria	
Orientadora: Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone: (14) 31036081	Endereço Eletrônico: thaistezani@yahoo.com.br
Aluna responsável: Milena Aparecida Vendramini Sato	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone: (14) 981255397	E-mail: milenasato@bol.com.br
<p>Justificativa: O motivo que nos leva a estudar esse assunto é devido ao grande número de informações que circulam entre nós por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), que transformaram a maneira de se relacionar com o saber. Os recursos oferecidos pelas TDIC podem ser usados pelos alunos em prol da construção e divulgação de informações, uma forma de proporcionar o uso pedagógico das tecnologias, ao invés de usá-las, de modo indiscriminado, somente para o entretenimento.</p>	
<p>Objetivo: O objetivo geral deste trabalho é construir vídeos digitais com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental na perspectiva de autoria.</p>	
<p>Metodologia: Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: primeiramente, para conhecer o nível de compreensão sobre as TDIC, especificamente, os vídeos, os alunos serão entrevistados antes e após a produção dos vídeos digitais. Em seguida, participarão da sequência didática compostas por diversas atividades que contemplam o processo de construção dos vídeos digitais pelos alunos, tais como: entrevistas e filmagens com a câmera fotográfica digital da escola ou da pesquisadora.</p>	
<p>Outras informações: As identificações dos alunos serão mantidas em sigilo, estando apenas presentes na publicação deste trabalho os resultados obtidos nesta pesquisa.</p>	

IDENTIFICAÇÃO DO VOLUNTÁRIO

Nome do responsável:

RG:

Declaro ter sido informado (a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia da pesquisa intitulada “**Construção de vídeos digitais e possibilidades de exploração na perspectiva de autoria**”, bem como as atividades envolvidas. Estou ciente de que a privacidade do (a) meu filho (a) será respeitada, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar meu filho (a) serão mantidos em sigilo.

Estou ciente de que posso recusar a participação de meu filho (a), retirar meu consentimento ou interromper a participação dele (a) a qualquer momento, sem precisar justificar.

Estou ciente de que a participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Estou ciente de que meu filho (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação, palestra, curso, etc., que possam resultar deste trabalho.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “riscos mínimos”, como a possível exposição da identidade do participante por identificação sonora na construção do vídeo, com fins pedagógicos e acadêmicos.

Declaro que concordo com a participação do meu filho (a), como voluntário (a), da pesquisa acima descrita.

Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru, __/__/____

Assinatura

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ALUNOS

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: Construção de vídeos digitais e possibilidades de exploração na perspectiva de autoria	
Orientadora: Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone: (14) 31036081	Endereço Eletrônico: thaistezani@yahoo.com.br
Aluna responsável: Milena Aparecida Vendramini Sato	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone: (14) 981255397	E-mail: milenasato@bol.com.br
<p>Justificativa: O motivo que nos leva a estudar esse assunto é devido ao grande número de informações que circulam entre nós por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), que transformaram a maneira de se relacionar com o saber. Os recursos oferecidos pelas TDIC podem ser usados pelos alunos em prol da construção e divulgação de informações, uma forma de proporcionar o uso pedagógico das tecnologias, ao invés de usá-las, de modo indiscriminado, somente para o entretenimento.</p>	
<p>Objetivo: O objetivo geral deste trabalho é construir vídeos digitais com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental na perspectiva de autoria.</p>	
<p>Metodologia: Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: primeiramente, para conhecer o nível de compreensão sobre as TDIC, especificamente, os vídeos, os alunos serão entrevistados antes e após a produção dos vídeos digitais. Em seguida, participarão da sequência didática compostas por diversas atividades que contemplam o processo de construção dos vídeos digitais pelos alunos, tais como: entrevistas e filmagens com a câmera fotográfica digital da escola ou da pesquisadora.</p>	

IDENTIFICAÇÃO DO VOLUNTÁRIO

Nome do participante:

Responsável:

RG:

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Construção de vídeos digitais e possibilidades de exploração na perspectiva de autoria”**. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

A recusa em participar da pesquisa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “riscos mínimos”, como a possível exposição da identidade do participante por identificação sonora na construção do vídeo, com fins pedagógicos e acadêmicos.

Fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru, __/__/____

Assinatura

APÊNDICE III - Roteiro de entrevista semiestruturada para os alunos

Tópicos dos assuntos discutidos individualmente com os participantes da pesquisa:

- Vídeos que assiste.
- Recursos tecnológicos que utiliza.
- Produção de vídeos.

APÊNDICE IV- Roteiro de entrevista final para os alunos

Tópicos dos assuntos discutidos individualmente com os participantes da pesquisa:

- Percepção acerca das atividades desenvolvidas.
 - O que aprenderam.
 - Utilidade do vídeo.

APÊNDICE V – Marcadores da linguagem audiovisual

Quadro 9- Falas dos alunos vinculadas à construção do audiovisual

Alunos	Falas
A1	Precisa saber tudo o que vai acontecer. Se faz, esquece e faz errado tudo.
A2	Tem que segurar a câmera senão vai entrevistar o chão ou o pé.
A3	Precisa do entrevistador e do entrevistado.
A4	Câmera, luz e ação!
A5	Não pode ficar se mexendo pra lá e pra cá quando está gravando. Também, quando está gravando não pode os outros correr na frente, entrar e gritar.
A6	Câmera, ação. Já! 1, 2, 3...câmera, ação Palavrão não. Para de fazer barulho. Xiuuu!!!
A10	Também, não pode deixar a câmera cair por causa tem que deixar sempre no pescoço. Aí, se jogar ela fora, não tem mais câmera. Quando a pessoa fica filmando a pessoa quando fala, se ficar mexendo a câmera vai sair, tudo.... o vídeo tudo embaçado, aí não vai dar pra assistir.
A11	Fala alto.
A12	Mano, mano, não. Sem roteiro a gente esquece....o homem não faz filme nenhum.
A14	Prô, posso fazer o “corte” das cenas? Mas não com a tesoura.
A15	Ele está filmando o chão.
A19	Tem que saber o que vai filmar, o que vai fazer, como na novela da Rubi, Carrossel.
A21	Vai ter que filmar de novo, prô. Vai ter que tirar umas coisas dela. Obrigado pela sua participação! Tem que ficar na posição certa na hora da entrevista. Tem que fazer um roteiro que você quer pra depois procurar o que você quer.
A21	-Você falou errado, primeiro. Reutilizar?
A24	- Reutilizar.
A21	- Agora está certo.
A22	Não pode ficar passando a mão no cabelo, dançando. Não pode isso! Tem que ficar parado olhando pra câmera. Todas novelas precisam ter, pra pegar uma parte boa e cortar a parte ruim. Quando vai tirar fotos, os outros ficam falando: __ Fala mais alto! Fica falando as coisas, aí vai aparecer tudo na câmera do vídeo.
A23	Repetiu a palavra. Repensar de novo?
A24	Não pode ficar se mexendo, tem que ficar na posição correta.

APÊNDICE VI – MATERIAL DIDÁTICO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: PRODUÇÃO DE VÍDEOS DIGITAIS

MATERIAL DIDÁTICO PARA PROFESSORES



Produto educacional da pesquisa de Dissertação: "Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: explorando as possibilidades pedagógicas da produção de vídeos", desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP/ Bauru - SP, sob orientação da Profª. Dra. Thais Cristina Rodrigues Tezani. Milena Aparecida Vendramini Sato / Bauru - 2015

Sato, Milena Aparecida Vendramini Sato.
Sequência didática: produção de vídeos digitais /
Milena Aparecida Vendramini Sato, 2015.
27 f.

Orientadora: Thais Cristina Rodrigues Tezani
Produto de Dissertação (Mestrado)-Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015

1. Educação. 2. Sequência Didática. 3. Tecnologias
Digitais da Informação e Comunicação. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
1 INTRODUÇÃO	05
2 VÍDEOS DIGITAIS	06
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	08
REFERÊNCIAS	26

APRESENTAÇÃO

Caro professor, este material faz parte da pesquisa de Dissertação intitulada "Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: explorando as possibilidades pedagógicas da produção de vídeos", do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências - Campus de Bauru.

Para atender as exigências do Mestrado Profissional, que tem como objetivo vincular os conhecimentos acadêmicos aos saberes daqueles que se encontram na sala de aula da Educação Básica, elaboramos uma sequência didática como produto educacional para a construção de vídeos digitais pelos alunos.

Desta forma, entre as diversas possibilidades pedagógicas de uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem é que oferecemos ao professor um exemplo de atividade prática, que articula tecnologia e educação nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente aos alunos do 2º ano, em processo de alfabetização, na faixa etária de 7 anos de idade. Porém, o professor poderá adequar a sequência didática às necessidades educacionais de sua turma.

5

1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa era tecnológica em que as informações ultrapassam as barreiras geográficas e temporais, alcançando lugares longínquos em questão de segundos. Keneki (2008, p.24) afirma que vivemos “um novo momento tecnológico” em virtude do aumento das possibilidades de informação e comunicação, que modifica o modo de pensar e viver do homem contemporâneo.

Há muitos anos o ser humano vem criando e aprimorando tecnologias para garantir sua sobrevivência e melhorar sua qualidade de vida. Com os avanços tecnológicos, surgem em cada período da história ferramentas cada vez mais elaboradas. E, isso fica visível de perceber quando comparamos o uso da pedra no início da civilização com o uso dos *smartphones* nos dias atuais.

Frete a estes acontecimentos que afetam diversas atividades torna-se um grande desafio para a instituição escolar oferecer aos seus alunos do século XXI- nativos digitais- uma educação crítica quanto à utilização e apropriação das TDIC.

Para Palfrey e Gasser (2011), os nativos digitais são aqueles que nasceram depois da década de oitenta com a chegada do *online*. Eles apresentam comportamentos diferentes das gerações anteriores, realizam diversas atividades ao mesmo tempo, fazem amizades com pessoas de outras partes do mundo, baixam músicas da Internet e possuem habilidades para utilizar as tecnologias.

Dessa maneira, um novo perfil de criança integra o contexto atual. A criança está “cada vez mais em contato” com as TDIC, que oferecem maior acesso às informações e apresentam novas maneiras de aprender e conhecer (PEREZ e TEZANI, 2010).

A sociedade contemporânea tem a seu dispor um grande fluxo de informações que pode ser acessado a qualquer momento e lugar. Como também tem a oportunidade de criar e divulgar suas produções. O usuário que antes era somente receptor de informações passa a ser com o uso das TDIC o produtor.

Portanto, o desafio educacional não é somente democratizar o acesso às TDIC, mas de explorá-las pedagogicamente no processo de ensino e aprendizagem, o que exige reflexões no modo tradicional de fazer educação. Sendo assim, neste produto educacional, procuramos aproveitar a possibilidade concedida pelas mídias digitais do aluno se transformar em produtor de informações com a construção de vídeos. Para isso, elaboramos uma sequência didática.

6

2 VÍDEOS DIGITAIS

Hoje em dia, podemos fazer vídeos digitais de baixo custo com o uso de aparelhos móveis, como os celulares. As produções podem ser publicadas na Internet e visualizadas por um grande número de pessoas.

De acordo com Moran (2014, p.48) os dispositivos móveis “mais avançados como os *smartphones*, permitem que um aluno ou um professor filmem ao vivo, editem cada vídeo rapidamente e o enviem ao YouTube”. Ainda segundo o autor, é fácil realizar tal tarefa e, ao mesmo, divertido produzir e divulgar o audiovisual. Porém, nem sempre as escolas aproveitam as potencialidades que as tecnologias de hoje oferecem aos alunos de se tornarem autores.

O vídeo se constrói numa tecnologia que articula sons, imagens e movimentos e que desperta o interesse da nova geração, como aponta Almeida (2005).

As crianças demonstram entusiasmo em criar vídeos. A produção é formada por dois aspectos: lúdico e moderno. O primeiro, porque é possível “brincar com a realidade” e o tamanho reduzido da câmera permite levá-la para qualquer lugar. E, o moderno refere-se “como um meio contemporâneo” composto por linguagens (MORAN, 2014, p.48).

Dessa maneira, abordamos na sequência didática o estudo de Giro (2005) que traz contribuições acerca das etapas fundamentais para a construção de vídeos digitais:

- 1) Criação e planejamento: consiste em definir o assunto e a finalidade do vídeo. Neste momento é preciso decidir o que será utilizado para ilustrar o assunto: fotografias, pinturas entre outros recursos.
- 2) Roteiro: etapa destinada para a escrita daquilo que irá aparecer no vídeo, o caminho a ser percorrido para atingir o audiovisual. Há diversos tipos de roteiros, sendo que os mais utilizados são: roteiro de cinema e vídeo. Esse último é apresentado em duas colunas na folha de papel, sendo o lado direito direcionado para o áudio e o lado esquerdo reservado para a imagem.
- 3) Pré-produção: nesta fase é preciso definir a função de cada um e escolher os participantes, os locais onde acontecerão as filmagens.
- 4) Edição e finalização: organizar o material construído pelos alunos-discutir e selecionar as melhores imagens para a montagem das seqüências e os efeitos especiais.

7

As atividades para construir os vídeos digitais devem contemplar conteúdos dos componentes curriculares de cada escola. No entanto, apresentaremos um exemplo de produção que aborda temas das áreas de Ciências, Geografia e Língua Portuguesa. Caberá ao professor adequar para a sua realidade educacional.

SAIBA MAIS

Acesse o texto “O vídeo na sala de aula” do escritor Moran:
http://extensao.fecap.br/artigos/eca/Art_015.pdf

8

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta sequência didática é baseada nos estudos de Schneuwly e Dolz (2013, p.48). Para os autores, a sequência didática tem como proposta auxiliar o aluno a ter melhor domínio da atividade de comunicação, “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”.

Dessa forma, o conjunto de atividades é organizado da seguinte maneira:

- 1) Apresentação da situação: o professor prepara o aluno para a sua primeira produção, apresentando e explicando detalhadamente as atividades a serem desenvolvidas nos módulos para alcançar a produção final.
- 2) Produção inicial: o aluno irá produzir o texto oral ou escrito, tendo como suporte as explicações dadas na etapa anterior (apresentação da situação). Desta forma, com esta atividade o professor poderá observar as capacidades que os alunos já possuem, aquelas que precisam ser desenvolvidas e o momento em que deverá intervir.
- 3) Módulos: é a partir da produção inicial que o professor irá aprimorar as atividades e intervir conforme as “capacidades reais” dos alunos. Assim, a construção dos módulos pode variar de uma turma para outra, pois considera as dificuldades específicas detectadas em cada turma.
- 4) Produção final: o aluno irá colocar em prática os conhecimentos construídos durante os módulos para a criação do produto final.

Esquema da Sequência Didática

```

graph LR
    A[Apresentação da situação] --- B[Produção Inicial]
    B --- C((Módulos))
    C --- D((Módulos))
    D --- E((Módulos))
    E --- F[Produção final]
    A --- F
    
```

Fonte: Schneuwly e Dolz (2013)

9

Caro professor, a escolha pelos estudos de Schneuwly e Dolz (2013) justifica-se pelo formato do vídeo digital, o qual será composto por entrevistas filmadas pelos alunos.

Objetivos:

- Confeccionar com os alunos os vídeos digitais como uma possibilidade educativa.
- Atingir os objetivos do conteúdo curricular por meio da construção e exploração do vídeo.

Conteúdos: Práticas de produção de textos; apropriação do sistema de escrita; estrutura textual e noções de pontuação.

Duração: 34 horas. Sugerimos que o professor trabalhe as atividades em no máximo 2 horas/aula para que não se tornem exaustivas.

Materiais necessários: câmera fotográfica digital ou celular, lápis grafite, lápis colorido, cola, tesoura, cartolina, revistas, computador, papel sulfite, projetor multimídia e tela de projeção.

A – Apresentação da situação

Objetivos:

- Apresentar com detalhes a sequência didática a ser trabalhada.
- Oferecer contato com gênero "entrevista".
- Levantar os conhecimentos prévios dos alunos.
- Repertoriar o conhecimento sobre o gênero com vários exemplos.
- Ter conhecimento da estrutura e da função da entrevista.
- Ter conhecimento das etapas do vídeo.

10

Atividade A1

Professor, apresente a sequência didática a ser desenvolvida com a turma, explicando as atividades envolvidas na produção dos vídeos com as entrevistas.

Em seguida, convide os alunos para participarem de uma sequência de perguntas e respostas, mas sem informá-los que a atividade proposta é uma entrevista. As perguntas envolverão questões de cunho pessoal e serão realizadas pelo professor, as quais devem ser respondidas individualmente.

Apresentamos algumas sugestões de perguntas:

- Qual é a sua cor preferida?
- Com quem você brinca na hora do recreio?
- Qual time de futebol você torce?
- Qual é a sua música preferida?
- Você pratica algum esporte?

No final da dinâmica os alunos serão questionados sobre a atividade de perguntas/respostas que eles participaram. Qual gênero de texto usa essa estrutura?

Atividade A2

Nesta atividade, será realizada uma roda de conversa para levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero "entrevista". Você poderá fazer uso das referentes questões: "O que vocês sabem sobre entrevista?" "Quem participa da entrevista?" "Pra que serve?", entre outras indagações.

Essa conversa ajudará o professor a pensar na elaboração e na revisão das atividades, pois será possível conhecer num primeiro momento o que os alunos sabem e o que precisam aprender.

Atividade A3

Em continuidade, o professor deverá oferecer um contato com diversos modelos de entrevista, tanto na modalidade oral como na escrita, para ampliar o repertório do aluno

11

sobre este gênero. Você poderá fazer uso de entrevistas que são veiculadas em diferentes meios de comunicação: rádio, televisão, Internet, revistas e outros.

Indicamos que, neste momento, o professor aborde as características e a estrutura textual, pontuando algumas questões da entrevista com os alunos. De acordo com os estudos de Hoffmangel (2007, p. 181):

- A entrevista exige, no mínimo, a participação de duas pessoas.
- Cada pessoa assume uma função específica: entrevistador (incumbido de realizar as perguntas) e entrevistado (responsável pelas respostas).
- Mesmo que haja mais participantes na entrevista, o diálogo continua ocorrendo apenas por meio destes dois elementos: entrevistador e entrevistado.
- A entrevista é considerada um gênero essencialmente oral. Porém, pode ser transcrita e publicada em jornais e revistas.
- Antes da publicação, as entrevistas são editadas para excluir as marcas da comunicação oral.
- Tem como finalidade obter informações, as quais podem ser utilizadas para diversos fins. Por exemplo: na entrevista médica, as respostas do entrevistado servem para avaliar a saúde do paciente.
- Cada gênero de entrevista tem um público-alvo próprio.
- A linguagem utilizada nas entrevistas muda de acordo com o público-alvo.
- A linguagem coloquial, geralmente, aparece nas revistas destinadas aos adolescentes. Já a linguagem formal é usada nas entrevistas com autoridades.

O professor deverá aproveitar os modelos de entrevistas em vídeo para abordar assuntos que abrangem a produção de audiovisual, questionando e explanando aos alunos que para alcançar o resultado final é preciso pensar nas seguintes questões: assunto e finalidade do vídeo, criação do roteiro para organizar as informações das cenas, definição dos locais para as filmagens e funções que cada participante assume, seleção de imagens para edição e montagem do vídeo.

Portanto, sugerimos os estudos de Girao (2005, p.113) que apontam as etapas necessárias para a criação de vídeos:


12

- Criação e planejamento: determina o assunto e a finalidade do vídeo. Etapa em que é feita uma listagem sobre os recursos disponíveis e necessários para ilustrar o assunto abordado- fotografias, imagens, atores, filmagens.
- Roteiro: descreve o caminho a ser percorrido até chegar ao vídeo. Esta atividade envolve a sequência de imagens e de informações que aparecerão na tela.
- Pré-produção: momento que define os participantes, os locais aonde acontecerão as filmagens, os equipamentos utilizados).
- Edição e finalização: organização do material construído. Discutir e selecionar as melhores imagens para produzir o vídeo, inserindo animações e efeitos especiais.

Em seguida, ofereça aos alunos o contato com alguns roteiros para que possam conhecer o modo em que as informações e as cenas são organizadas neste texto.

Caro professor, você poderá consultar o livro "TV na Escola e os desafios de hoje"- módulo 3 para apresentar a sua turma modelos de roteiros elaborados por outros alunos. Este livro está disponível em PDF na Internet, basta fazer o download para o seu computador.


Para ter acesso ao livro é só clicar no seguinte endereço:
<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/TV%20Escola%20modulo%203.pdf>



Apontamos algumas sugestões de entrevistas, porém, você poderá escolher outros modelos de entrevista que julgue mais adequados para os seus alunos.

Sugestões de textos e vídeos

Textos/vídeos	Título	Publicação	Circulação
Vídeo	Quintal da cultura	Internet	https://www.youtube.com/watch?v=10eZ2Fuy54c
Vídeo	TV Cocorico com Tatiana Belinky	Internet	https://www.youtube.com/watch?v=7Mlo11F0R8s
Vídeo	TV Cocorico com Marcos Pontes	Internet	https://www.youtube.com/watch?v=yVL-8GMmDk
Texto	Entrevista com o criador da Turma da Mônica, Maurício de Souza	Internet	http://www.lozradourosportal.com.br/no-ncias- detalhes.php?noticia=6872&categoria=32

13	<p>Fonte: Arquivo da pesquisadora.</p> <p>B – Primeira produção</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Assumir o papel de entrevistadores. Observar o que o aluno sabe e as dificuldades encontradas para realizar a entrevista e a filmagem. <p>Atividade 1B</p> <p>Nesta atividade os alunos serão convidados a fazer a primeira entrevista na modalidade oral, esta será filmada com o uso da máquina fotográfica digital ou celular. O professor deverá formar os grupos e, em seguida, pedir que elaborem por escrito perguntas de cunho pessoal para serem feitas aos participantes do outro grupo. Professor, você poderá escolher outro tema para a entrevista, basta trabalhar o assunto com os alunos em sala de aula.</p> <p>Será preciso estipular o mínimo de perguntas que cada grupo irá escrever e ensinar as noções básicas de gravação, acompanhando de perto a realização da atividade para esclarecer as possíveis dúvidas.</p> <p>Depois da conclusão da atividade, o professor dará início à análise das entrevistas com os alunos, observando as dificuldades encontradas para serem explicadas e abordadas nos módulos, destacando questões de ortografia, pontuação, entonação, postura corporal e filmagem, como gravam as imagens.</p> <p>Professor, a experiência com a filmagem servirá para você avaliar as produções com os alunos, bem como, para criar os vídeos digitais com as entrevistas.</p> <p>Módulo C – Estudo do tema</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Escolher o tema. 	14	<ul style="list-style-type: none"> Realizar leituras e discussões sobre o tema para a produção da entrevista. <p>Atividade 1C</p> <p>O professor escolherá um tema para ser abordado nas entrevistas. Em seguida, irá desenvolver o estudo com os alunos por meio da leitura e discussão de textos, vídeos e imagens.</p> <p>Antes de dar início ao desenvolvimento das atividades, sugerimos que o professor realize uma roda de conversa com os alunos para levantar os conhecimentos prévios sobre o tema. Será preciso explicar aos alunos que a entrevista, assim como o vídeo, aborda temas/conteúdos que precisam ser estudados.</p> <p>Após o estudo do tema com base em vídeos, imagens e textos, peça para a turma destacar as principais informações, as quais serão anotadas por um aluno numa cartolina. No início de cada atividade, referente a este módulo, retorne com a turma as informações.</p> <p>Disponibilizamos uma sugestão de sequência didática caso você queira trabalhar com a questão do lixo e os impactos da poluição ambiental. Faça adaptações necessárias de acordo com o perfil da sua turma.</p> <p>Sugestão de tema</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificar os impactos da poluição ambiental-lixo. Compreender a importância de cuidar e conservar a limpeza do bairro. <div style="display: flex; align-items: center;">  <p>Caro professor, essa sugestão de tema está pautada nos conteúdos dos componentes curriculares de Ciências, Geografia e Língua Portuguesa, de uma determinada escola, situada numa cidade do interior do estado de São Paulo.</p> <p>Os conteúdos são organizados pelo Currículo Municipal em tema e subtemas.</p> <p>Apresentamos as áreas do saber e os temas/subtemas:</p> </div>
----	---	----	--


15	<ul style="list-style-type: none"> Ciências: o ambiente em que vivemos/poluição ambiente lixo. Geografia: bairro/as ruas onde moro. Língua Portuguesa: oralidade, leitura, produção de textos coletivos. <p>Atividade 1</p> <p>Trabalhe com diversos gêneros textuais que abordem o assunto do lixo: excesso de produção, descarte incorreto, impactos da poluição ambiental e ações que devem ser adotadas.</p> <p>Selecione textos para trabalhar em sala de aula a questão da quantidade de lixo que produzimos e como descartamos. Antes de iniciar a leitura, explore com os alunos o título do texto para que possam fazer antecipações do assunto.</p> <p>Entregue uma cópia do texto para cada aluno e, após a leitura, dê início a discussão, chamando a atenção dos alunos para algumas questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> O que podemos fazer para diminuir a produção de lixo? Quais são os problemas causados pelo lixo? <p>Peça aos alunos que destaquem as informações principais e que sejam anotadas em itens na cartolina por um aluno.</p> <p>Atividade 2</p> <p>Retome as informações anteriores que foram anotadas na cartolina.</p> <p>Selecione e trabalhe com textos, imagens e vídeos que abordem a questão do lixo e os impactos da poluição ambiental (doenças, alagamentos, contaminação do solo e outros).</p> <p>Solicite que façam anotações das informações dos vídeos que julguem importantes para depois serem socializadas.</p> <p>Proponha uma roda de compreensão e discussão dos vídeos.</p> <p>Elabore questões do tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> O que uma latinha jogada na rua pode causar? E o lixo encontrado no terreno baldio? 	16	<ul style="list-style-type: none"> Queimar o lixo gera algum problema? O que acontece quando jogamos o lixo na rua? Precisamos separar o lixo? O que devemos fazer para diminuir os impactos da poluição ambiental? <p>Peça aos alunos que apontem as ideias importantes da aula e que sejam registradas na cartolina por um aluno.</p> <p>Atividade 3</p> <p>Resgate as informações que foram apontadas pelos alunos na aula anterior.</p> <p>Escolha um texto sobre reciclagem e reutilização para ser lido e discutido com a turma. Faça questionamentos sobre o texto e ouça as considerações dos alunos.</p> <ul style="list-style-type: none"> O que podemos fazer para diminuir os impactos da poluição ambiental? <p>Proponha atividades em grupo: distribua uma cartolina para cada grupo, sendo dividida ao meio com um traço, um lado para o lixo orgânico e outro para o reciclado. Entregue um folheto de mercado para os alunos recortarem e depois colarem os produtos no lugar correto.</p> <p>Peça que cada grupo apresente a atividade para a sala de aula.</p> <p>Atividade 4</p> <p>Retomar os momentos anteriores com a leitura dos itens anotados na cartolina.</p> <p>Atividade em grupo: entregue uma cartolina para cada grupo e, como na atividade anterior, peça que façam um risco ao meio, dividindo-a. Em um lado será escrito material e em outro reutilização. Entregue uma figura de algum resíduo sólido (garrafa pet, caixa de papelão, potes de danone e outras), solicite que pensem e desenhem o que será possível fazer com aquele objeto.</p> <p>Momento de socialização: convide cada grupo para apresentar a atividade aos demais colegas da sala de aula.</p>
----	---	----	---

17

Leia o texto "Cuidados com o ambiente" (NIGRO e CAMPOS, 2011) ou escolha outro texto que discuta o assunto.

Proponha uma roda de conversa sobre a importância em manter o lugar limpo. Confeccione cartazes com os alunos para ressaltar os problemas causados pela falta de limpeza do bairro e as medidas que devem ser adotadas para evitá-los.

Apresentamos ao professor um quadro de sugestões de textos e vídeos que podem ser trabalhados:



Sugestões de textos e vídeos

Textos/vídeos	Títulos	Publicação	Circulação
Texto	Por que o lixo é um problema de todos?	CHC das crianças	http://chc.cienciahoje.uol.com.br/multimedia/revistas/reduzidas/242/ries/asset3/basic.html?page3.html
Texto	Qual é a melhor forma de nos livrarmos do lixo?	CHC das crianças	http://chc.cienciahoje.uol.com.br/qual-a-melhor-forma-de-nos-livrarmos-do-lixo/
Texto	No lixo comm. não	CHC das crianças	http://chc.cienciahoje.uol.com.br/no-lixo-comm-nao
Texto	Tipos de lixo	USP	http://www.ij.usp.br/coletaeletiva/sau/decollativa/politicao.htm
Vídeos	Lixo	YouTube	https://www.youtube.com/watch?v=hQvZxv8lVg8
Vídeos	Diferenças entre lixo e aterro sanitário	Netvale	https://www.youtube.com/watch?v=F33N9rTXeQ0
Texto	Problemas gerados pelo lixo	Reciclando o planeta	http://reciclandooplaneta.webnode.com.br/reciclagem/lixo/problemas-gerados-pelo-lixo/
Textos/vídeos	Recicloteca	Recicloteca	http://www.recicloteca.org.br/categoria/lixo-seletivo/page/3/
Texto	Cuidado com o ambiente	Ápis Ciências/ 2ºano	Livro didático

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

18

Módulo D – Etapas do vídeo

Objetivos:

- Conhecer as partes do vídeo.
- Montar o roteiro.
- Conhecer as regras básicas de filmagem.

Atividade 1D

Professor, inicie o módulo com a roda de conversa, explicando de modo simples as etapas principais que contemplam a produção de vídeos. Para isso, sugerimos o uso de um vídeo, em que pausadamente, você comente o caminho necessário para alcançar o resultado final: assunto e finalidade, roteiro, pré-produção, produção, edição e finalização.

Em seguida, mostre modelos de roteiros para a turma. Há diversos exemplos elaborados por alunos no livro "TV na Escola e os desafios de hoje", já mencionado nesta sequência didática.


No coletivo ou em grupos, proponha a construção de um roteiro com base numa história infantil conhecida por todos. Os alunos irão recontar a história escolhida para o professor e ele como escriba irá grafar na lousa. Logo após, distribua uma folha de sulfite A4 a cada um, a qual será dividida ao meio, ficando o lado direito da folha para o som, onde os alunos anotarão a narração e o diálogo dos personagens e o lado esquerdo para as imagens, representadas por desenhos dos participantes.

Com o papel dividido, os alunos deverão copiar o texto produzido por eles na parte de som/áudio e, depois, ilustrar cada trecho na parte de imagens.

Para a filmagem da história, os alunos deverão seguir o roteiro construído, em que será preciso selecionar as imagens para serem gravadas, bem como, decidir no coletivo os participantes que irão emprestar a voz aos personagens. No momento da gravação, um aluno deverá aproximar a câmera fotográfica digital nos desenhos (como ilustra a figura abaixo) e, ao mesmo tempo, outros alunos deverão interpretar os personagens da história. Mas antes, o professor deverá ensinar: a posição certa do aparelho para enquadrar as cenas que se pretende filmar, a importância do silêncio no momento da gravação para garantir a qualidade do som e os cuidados que se deve ter com a iluminação.

19

Filmagem com a câmera fotográfica digital



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Portanto, nesta atividade, os alunos irão definir com o professor:

- O assunto e a finalidade do audiovisual: recontar uma história infantil para outros alunos.
- Roteiro: escrever e desenhar o que será filmado.
- Pré-produção: escolher os participantes e o local de gravação.
- Edição e montagem: selecionar as melhores imagens, inserir efeitos visuais e animações.

Módulo E – Características da entrevista

Objetivos:

- Estudar as características gerais e a funcionalidade do gênero.
- Perceber a presença da linguagem coloquial e informal nas entrevistas orais.
- Transcrever a entrevista oral para a escrita formal.

20

Atividade 1E

O professor terá que levar entrevistas escritas e vídeos para serem analisadas pelos alunos no coletivo. Após assistirem as entrevistas, eles deverão receber um quadro para ser completado.

Como proposta, apresentamos um quadro que pode ser trabalhado em sala de aula, mas nada impede o professor de acrescentar outras questões.

Entrevistado	Entrevistador	Assunto da entrevista	Veículo de comunicação	Público alvo	Tipo de entrevista

Outras questões poderão ser abordadas:

- Qual é o papel do entrevistador?
- Qual é o papel do entrevistado?
- As entrevistas apresentadas nos vídeos pertencem a qual modalidade, oral ou escrita?
- Qual é a finalidade da entrevista?

Atividade 2E

Nesta parte da sequência o professor terá que levar exemplos de entrevistas orais, como também as primeiras produções dos alunos, para discutir na roda de conversa a presença da linguagem coloquial e informal. E, também, deverá destacar que a linguagem diferencia de acordo com o público alvo e o objetivo da entrevista.

Outro ponto a ser lembrado com os alunos é a questão da interrogação na entrevista oral, em que o entrevistador precisa fazer a pergunta com entonação. Dessa forma, o professor irá expor frases com e sem entonação para que eles possam perceber a diferença. Exemplos: Você gosta da cor azul. Você gosta da cor azul?

Solicitar aos alunos que observem nos vídeos o comportamento dos participantes, a postura do entrevistador durante a realização da entrevista, a importância de ouvir as

21
22

respostas dos entrevistados, a entonação utilizada no momento de fazer a pergunta, entre outros assuntos.

Atividade 3E

Professor, leve para a sala de aula trechos das primeiras entrevistas realizadas pelos alunos para que possam transcrever a fala dos entrevistados para a escrita formal. No coletivo, o professor irá escrever na lousa algumas falas e, em seguida, chamar a atenção dos alunos para as adaptações necessárias que deverão ser feitas para a modalidade da escrita, explicando que será preciso ouvir palavras repetidas, expressões da oralidade, como "tipo", "né", "daí" e outras. Como apoio a esta atividade, você poderá levar exemplos de entrevistas que são publicadas em revistas ou jornais.


Professor, você poderá aprofundar o conhecimento dos alunos sobre reatualização caso pretenda trabalhar com a entrevista escrita.

Módulo F - Entrevistando

Objetivos:

- Elaborar as perguntas para realizar as entrevistas.
- Conhecer regras básicas para gravar entrevista usando a máquina fotográfica digital ou celular.

Atividade 1F



Neste momento, os alunos participarão da elaboração de perguntas com uma linguagem clara, fácil de ser compreendida, as quais serão utilizadas com os entrevistados. Além disso, o professor terá que definir com os alunos quem entrevistar, qual será o assunto, o veículo de divulgação e o público alvo.

Propomos que a atividade seja efetuada em grupo ou coletivamente. E com base no assunto escolhido (tema estudado) que os alunos terão que produzir uma sequência de perguntas que serão anotadas e organizadas na lousa pelo professor.

Nesta fase, também, será necessário recorrer a modelos de entrevistas em vídeo para que os alunos possam observar a posição do entrevistador e do entrevistado, entre outras questões que o professor destacar como importantes.

Citamos as técnicas apresentadas por Carneiro (2002, p.36) para realizar a entrevista com os aparelhos já mencionados:


- 1) É preciso filmar uma pessoa de cada vez.
- 2) Iniciar pelo entrevistado, o qual deve ficar de frente para a máquina fotográfica digital ou celular.
- 3) O entrevistador precisa ficar ao lado do aparelho utilizado.
- 4) O entrevistado deve olhar para o entrevistador quando estiver falando.
- 5) É muito comum usar o contraplano para abrir as entrevistas e pra isso é necessário afastar mais até alcançar o plano com as duas pessoas, aparecendo o entrevistador de costas e o entrevistado na posição central.

Recomendamos ao professor que grave imagens de apoio para favorecer o momento de cortes, como por exemplo: plano do entrevistado ouvindo a pergunta e do entrevistador prestando atenção nas respostas, entre outras. Esses planos são denominados planos de corte.

Módulo G - Edição e finalização

Objetivo: Conhecer o programa Movie Maker.

Professor, há vários programas que oferecem o serviço de edição e montagem do vídeo digital, porém, recomendamos o uso do Windows Movie Maker, um programa simples, prático, que permite ao usuário inserir texto, imagem, som e compartilhar a produção nas redes sociais, no YouTube ou no blog da escola. Caso não tenha instalado no computador, você poderá baixar gratuitamente da Internet.




23
24

Para o aluno conhecer o Windows Movie Maker, o professor poderá fazer uso das gravações das entrevistas realizadas pelos alunos no início da sequência didática, primeira produção, e, também, utilizar as filmagens do relato da história infantil. Para a edição, eles terão que selecionar as melhores imagens e organizá-las de acordo com o roteiro.

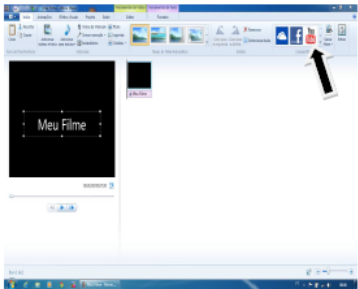
Caro professor, esta atividade deverá ocorrer no coletivo para que todos participem, seja no laboratório de informática ou numa sala equipada por notebook e projetor multimídia. Você deverá explicar que esta etapa envolve a escolha de imagens significativas que irão compor o vídeo digital.

Vale lembrar que as várias horas de gravação com o uso da máquina fotográfica digital ou celular serão reduzidas no momento da edição e, no final, obterá um vídeo curto com as melhores partes.

O professor poderá acessar o site da Microsoft que traz instruções e informações sobre o programa Movie Maker:
<http://windows.microsoft.com/pt-br/windows-live/movie-maker>



Programa Windows Movie Maker



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

H - Produção final

Na etapa final, os alunos colocarão em prática os conhecimentos estudados nos módulos. Eles serão solicitados a produzir um vídeo digital com entrevistas, os quais assumirão diversas funções durante a realização da atividade.

Dessa maneira será preciso:

- 1) Definir com os alunos o assunto e a finalidade do audiovisual. Cabe nesta parte saber que recursos (pinturas, fotos, filmagens) serão utilizados para ilustrar o assunto.
- 2) Elaborar o roteiro: escrever o caminho a ser percorrido até chegar ao vídeo. Propomos a construção de um roteiro bem simples colocando todas as atividades a serem desenvolvidas em tópicos ou dividindo o roteiro em imagem e som.

Nesta etapa, os alunos, também, terão que elaborar as perguntas das entrevistas no coletivo ou em duplas, tendo como referência o tema estudado no primeiro módulo. Mas antes, deverão escolher os entrevistados e o que querem saber deles.


Em seguida, o professor deverá anotar as perguntas na lousa, pois serão selecionadas e organizadas.

- 3) Pré-produção: formar uma roda de conversa para definir a função de cada participante na produção do audiovisual. Será preciso escolher os entrevistadores, o local de filmagem, os aparelhos, os alunos responsáveis pelas filmagens, edição e montagem.

Professor, retome com a turma as regras básicas de captação de imagens e os cuidados que deverão ter ao manusear a máquina fotográfica digital.

- 4) Produção: seguir o roteiro, em que cada aluno irá realizar a sua função conforme determinado. Dessa forma, os alunos irão entrevistar as pessoas seguindo as perguntas elaboradas e selecionadas no coletivo ou em grupos, enquanto que outros colegas irão filmar.

Depois das filmagens, entrevistas e fotografias, os alunos terão que editar estes materiais.



25

5) Edição e montagem: na sala de informática ou em outra sala equipada com notebook e projetor, os alunos terão que analisar as gravações para selecionar as melhores cenas, seguindo a ordem do roteiro. Sugerimos que esta atividade aconteça no coletivo, para que haja troca de ideias. Em seguida, os alunos irão inserir efeitos visuais, animações e trilha sonora e, depois de tudo pronto, poderão compartilhar a produção audiovisual na Internet.



Professor, aperte o play!

Amplie seus conhecimentos assistindo o vídeo "Mídias e o uso da Internet na educação":

https://www.youtube.com/watch?v=GJ_g-NH4DuA

26

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: **Integração das tecnologias na educação: salto para o futuro**. Brasília: Ministério da Educação/SEED, 2005a. p. 38-45. Disponível em: <http://rvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livro_salto_tecnologias.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **TV na escola e os desafios de hoje**: Curso de Extensão para professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública UniRede e Seed/MEC. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/TV%20Escola%20modulo%203.pdf>>. Acesso em: 1 de maio de 2015.

CARNEIRO, V. L. Q. Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola. In: BRASIL. Ministério da Educação. **TV na escola e os desafios de hoje**: Curso de Extensão para professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública UniRede e Seed/MEC. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.9-42.

GIRAO, L. C. Processos de produção de vídeos educativos. In: **Integração das tecnologias na educação: salto para o futuro**. Brasília: Ministério da Educação/SEED, 2005. Disponível em: <http://rvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livro_salto_tecnologias.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASSETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2014. p.11-72.

NIGRO, R. G.; CAMPOS, M. C. C. Cuidados com o ambiente. In: _____. **Ápis: Ciências**. São Paulo: Ática, 2011. cap.3, p.38-48.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais**. Porto Alegre, ARTMED, 2011.

PEREZ, M. C. A.; TEZANI, T. C. R. **Ensino Fundamental de nove anos: reflexões acerca da organização do trabalho pedagógico para o atendimento à infância, na proposta de educação**